

BRANCO E NEGRO



ACCIDENTE! — (Estatua em bronze de Mariano Benlliure)

PREÇO 40 RÉIS

N.º 14



FORNECEDOR DA CASA REAL



FORNECEDOR DA CASA REAL

L A M B E R T I N I

PIANOS DE

STEINWAY & SONS, C. BECHSTEIN,
 PLEYEL WOLF & C.^{IE}, C. HARDT, GAVEAU,
 CAROL OTTO, AUCHER FRÉRES,
 A. BORD, LAURINAT & C.^{IE}, A. FORSTER,
 ETC., ETC.



UNICO DEPOSITARIO DOS CELEBRES PIANOS DE BECHSTEIN

MUSICA — Grande sortimento. Sempre as ultimas novidades. Aluguel de musica por assignatura a 500 réis mensaes. — Edicções economicas.

Instrumentos e Accessorios — Rabecas, Violoncellos, Flautas, Bando-lins, Guitarras, Violas, etc. — Harmóniums americanos e outros. — Especialidade em cordas e outros accessorios.

43, 44, 45 — PRAÇA DOS RESTAURADORES — 47, 48, 49 — LISBOA

BRANCO E NEGRO

SEMANARIO ILLUSTRADO

Propriedade da Livraria e casa editora ANTONIO MARIA PEREIRA, de Lisboa

Numero avulso, 40 réis

Redacção e Administração — Rua Augusta, 47, 2.º andar — LISBOA

ASSIGNATURAS (pagas adiantadamente)	3 mezes	6 mezes	12 mezes
Portugal e ilhas adjacentes.....	550 réis	1 \$100 réis	2 \$200 réis
Africa Portugueza.....	650 "	1 \$300 "	2 \$600 "
Estrangeiro (paizes da União Postal).....	4 fr.	8 fr.	16 fr.
Brazil e colonias portuguezas da Asia e Oceania.....	1 \$050 réis	2 \$100 réis	4 \$200 réis

BRANCO E NEGRO

SEMANARIO ILLUSTRADO

N.º 14

LISBOA, 5 DE JUNHO DE 1896

1.º ANNO

ASPECTOS DO PORTO



A PONTE MARIA PIA, SOBRE O DOURO — (Photographia de E. Biel)

É ainda o Norte que nos fornece mais aspectos pittorescos. Da ponte Maria Pia sobre o rio Douro, que damos hoje em photogravura, descobre-se uma vista surprehendente.

Logo ao sair o tunnel da Serra do Pilar, quem vá no comboio, e se debruce á portinhola avista uma pay-sagem encantadora, que os olhos não se cançam de contemplar. Defronte, estende-se a cidade pela montanha acima; lá em baixo, p'r'á esquerda, um formigueiro de gente acotovelando-se ao longe da Ribeira; p'r'á direita, rio acima, os barcos de um tão original feitio sobem mansamente as aguas, puxados á força de remos por possantes mulheres de Avintés. E pelo areal onde os raios do sol põem mil reflexos doirados, pescadores á canna, sob os pegões da ponte, esperam pacientemente que o peixe morda o anzol.

Toda aquella região, entalada entre duas altas montanhas onde a casaria branca destaca, com o rio correndo n'um abysmo, é deliciosa. Douró acima, aos domingos, barcos e barcos se cruzam, com ranchadas alegres que vão comer as suas merendas á Foz do rio Souza, a Crestuma, a Arnellas; ou então, mais perto, ao Areinho ou Avintés sentando-se na relva, á sombra d'arvores, com a agua a correr ali perto. O passeio á Foz do Souza é principalmente um dos que mais attractivos tem e dos que mais pittoresco offerece, não só por estar mais longe da cidade, mas porque aquelle braço d'agua doce, com as arvores da margem fazendo quasi um tunnel de verdura é bastante aprazível e convida, nas horas do maior calor, a gosar as delicias da sombra em plena natureza luxuriante.

As Obras Primas da Pintura Religiosa

UM QUADRO DE VIEIRA PORTUENSE



SANTA MARGARIDA MORIBUNDA

Na secretaria da Ordem Terceira de S. Francisco, da cidade do Porto, no *Livro dos Termos*, n.º 4, que tem a data de 1782, está lavrado o termo de 8 de maio de 1790, em que a Mesa resolve que se contracte com o mestre pintor Domingos Pereira Vieira que encomende a seu filho Francisco Vieira, professor da arte de pintura, assistente em Londres, quatro pinturas de: — *Nossa Senhora da Conceição*, *Ráinh. Isabel de Portugal*, *S. Luiz Rei de França* e *Santa Margarida de Cortonna*, historiadas com alguma acção mais notavel da sua vida.

«As imagens, recommendam os mesarios, serão pintadas conforme o melhor e mais moderno gosto da arte, em pannos finos. Terão de comprido 14 palmos de vivo e 7 e duas polegadas de largo. O professor porá todo o seu cuidado para que as ditas pinturas sejam feitas e acabadas com tal perfeição que pareçam imagens vivas e excitem, q'anto mais fôr possível, a devoção e culto dos fieis.»

Por cada painel compromette-se a mesa a dar 50.ª800 réis; mas o transporte, seguro e mais gastos inherentes, serão por conta do pintor, que os concluirá no prazo de 9 mezes, obrigando se o pae a pagar vinte moedas (de 4.ª800) se não se observarem todas as condições do contracto.

O pintor devia contar 35 ou 36 annos de idade quando se lavrou o referido termo. Dos 4 quadros o Conde de Raczyński acha melhor o de «Santa Margarida confessada á hora da morte por um frade franciscano». E' o mais bello dos quatro assumptos religiosos, em que o auctor mostra sensibilidade e um profundo sentimento de piedade. O colorido é frouxo mas harmonico e agradável, tirante a pardo amarello.

O quadro em questão, para o livrar dos insultos do tempo que diminuíram o valor dos companheiros, foi transportado para a sala das sessões da mesa; e no altar foi collocada uma copia, excellente trabalho do pintor restaurador Manuel de Moura, de notavel aptidão na sua especialidade.

Vieira Portuense (Francisco Vieira) cujo talento Raczyński reconhece, dizendo que era uma delicada, amavel natureza de pintor, embora inferior ao Vieira Lusitano, que era dotado de mais elevado sentimento artistico, principiou a cultivar a pintura no Porto, sua cidade natal,

applicando-se á figura e á paisagem, tendo n'este ultimo genero por mestre o seu proprio pae, que era droguista paisagista, imitador de Pilemeut. O seu professor de figura foi João Glama. A companhia do Alto Douro deu-lhe em 1780 uma pensão de 300.ª000 réis para ir aperfeiçoar-se a Roma, onde escolheu para professor Domingos Corvi, desenhador correcto, mas frio colorista.

Em 1791 alcançou um primeiro premio. Passou a Parma, a estudar o colorido de Corregio, e ali veiu a desempenhar o cargo de director da Academia. Foi então que fez a excellente copia de *S. Jeronymo*, pertencente á casa Palmella; deu lições a uma das filhas do duque de Parma e copiou a famosa *Magdalen*, que a casa Balsemão veiu a possuir mais tarde.

Em 1794 vemol-o em Roma d'onde sta tres annos depois, com Barthélemi Callisto que'o acompanha nas suas excursões pela Allemanha e do qual se separa em Dresde, para copiar numerosos quadros da celebre galeria. Vaç

em seguida para Hamburgo, e logo a Londres, onde trava amizade com o famoso Bartholozzi, cujo retrato fez. Principiou então a gravar a agua-forte uma placa de grandes dimensões, que não concluiu.

Pintou *Viriato*, de que Bartholozzi fez uma gravura offerecida ao Principe Regente D. João e concluiu um grande quadro de *Nossa Senhora da Piedade* e outro da *Descida da Cruz*, para a capella do conde das Galveias, ao tempo ministro.

Em Londres desposou uma joven senhora italiana que possuia um dote consideravel e pertencia á familia do gravador Bartholozzi. Trouxe a esposa a Lisboa em 1802, epoca da paz com a França, o que motivou uma grande festa na igreja de S. Domingos, onde appareceu o grande quadro que lhe fôra encomendado, representando a *Monarchia lusitana*, circundada pelas virtudes, artes, fama, etc. Do pescoço d'essa figura allegorica pendia o retrato do Regente.

A convite da Companhia dos Vinhos passou ao Porto, como successor de Antonio Froes Jacomo, na direcção da Academia, com o vencimento de 600\$000. Como o Conde das Galveias e o conde de Anadia falassem ao regente no grande merecimento do artista, foi nomeado primeiro pintor do rei, com dois contos de vencimento, obrigando-se a dirigir e a executar com o seu collega Domingos Sequeira as pinturas projectadas para o palacio da Ajuda. Realisou então os bellos quadros de Ignez de Castro.

Quando pintava o *Duarte Pacheco defendendo Cambalam* em Cochim, destinado á sala das descobertas, em Mafra, adoeceu gravemente. Por conselho dos medicos foi para a Madeira, onde morreu em 1805, com cerca de 40 annos, quando começava a gosar o fructo da sua laboriosa vida.

Na collecção da casa de Borba havia ou ha ainda um *S. Sebastião* d'elle. Os seus trabalhos encantam pela graça.

A sua viuva, que era rica, desposou um militar inglez e morreu em 1817.

UMA MADONA DE FRANCIA

(INVESTIGAÇÕES ARTISTICAS)

O illustre escriptor Ramalho Ortigão, no seu interessantissimo livro *O culto da arte em Portugal*, lamenta que da pintura portugeza, que constitue a mais importante parte da riqueza artistica da nação, não haja catalogo nem inventario, nem rol. Não ha, assim como o não ha dos preciosos quadros dos grandes mestres estrangeiros, dispersos pelo paiz, depois da abolição das ordens religiosas, e que vão tentando a cubiça d'uns e a rapacidade d'outros. E' por isso que a varios criticos estrangeiros teem passado despercebidas verdadeiras preciosidades, ignoradas dos viajantes e estudiosos, devendo-se a sua revelação ulterior a simples circumstancias do acaso.

Podemos citar um facto para comprovar o asserto. Em novembro do anno findo esteve de passagem no Porto, em investigação artistica, o critico allemão Emil Pacully que, nas curiosas cartas que enviou ao *Commercio do Porto*, mostrou versar proficientemente o assumpto de que tratava. Demonstrou que o celebre quadro *Fons vitae*, pertencente á Misericordia d'aquella cidade e que se patenteia á admiração de nacionaes e estrangeiros, não pode ser de Holbein, a quem se tem attribuido, antes deve collocar-se na eschola de van Eyck, levando tudo a crêr que o seu auctor foi João van Memlinghe, discipulo d'aquelle e de van der Weyden, com quem collaborou.

Percorrendo o museu da Restauração da mesma cidade, convenceu-se de que o auctor do quadro 361 é Ferdinand Bol, distinctissimo e um dos mais immediatos discipulos de Rembrandt.

Afirmou que o quadro que se vê na mesma galeria, representando o apostolo S. Matheus, deve ser attribuido a Miguel Angelo Caravaggio, genio innovador, fundador d'uma nova eschola, sob cuja influencia se encontraram Rembrandt, Ribera, Salvator Roza Velasquez e outros.

O quadro 281, do mesmo museu attribue-o a Adriano Brouwer de Harlem.

Levado certamente pelas indicações de Raczynski, o illustre investigador dirigiu-se a S. Francisco, para ver o melhor dos quatro paineis que o Vieira Portuense pintou para aquelle templo, o de *Santa Margarida*, que actualmente existe na secretaria da irman-



MADONA

dade. Entrando na sala, examinou a valiosa tela, e ia a retirar-se quando, ao centro d'outra parede, circundado de enormes resplendores de talha dourada, avistou um pequeno quadro que logo feriu a sua curiosidade de investigador. Fez successivas visitas á secretaria, algumas vezes acompanhado de uma senhora; conseguiu que lhe permitissem despregar o quadro, limpou-o cuidadosamente, com carinho, examinou-o horas e horas, e no livro dos visitantes deixou expressas as suas impressões nas seguintes palavras:

«Attrahiu a minha attenção do modo mais vivo. E' uma Madona, com as mãos postas, cercada de quantidade de anjos. Tem á frente um menino adormecido, com metade do corpo coberto por um panno dourado. Deu-me a impressão d'um quadro de Francesco Francia, pintor bolonhez que pintou o seu primeiro quadro aos 40 annos, tendo até ahí trabalhado como ourives. No seu tempo foi considerado como pintor de primeira ordem e o proprio Raphael disse d'elle que era o melhor pintor de Madonas. O quadro é em madeira; Francia, cousa notavel pintava em madeira, ao passo que todos os outros pintores italianos do mesmo tempo pintavam em tela.

Mas o que é mais caracteristico ainda é que os olhos da Madona, que tem cabellos castanhos, são profundamente negros.

E' uma singularidade de Francesco Francia.

O assumpto do quadro em questão era muito familiar ao nosso pintor. O colorido da carne é da escola bologneseza, que faz ja entrever o colorido que mais empregou Guido Reni. As cores das roupas, frescas, determinadas, são italianas e do tempo de Raphael. A coroa d'ouro, ornada de pedras preciosas, o bordado dourado e sobretudo a colxa do leito de brocado de ouro muito fino, recordam o antigo ourives.

A expressão doce, graciosa e profundamete devota da Madona e tambem a do menino encantador, cujos sonhos parecem tão leves e diaphanos como o veu que envolve o seu corpo transparente, recordam completamente as Madonas de Francesco Francia que tão admiradas foram pelo seu especial encanto.

E' evidente que o quadro não foi feito depois da vida de Raphael mas sim depois de 1520 aproximadamente, porque as proporções do corpo não são muito perfeitas. Os anjos tambem nos mostram uma data mais anterior do que posterior a Raphael.

A principio julguei ver uma assignatura e uma data de 22; ora se o quadro houvesse sido feito em 1522, não poderia ser de Francesco Francia, que ja tinha morrido; deveriamos attribuil-o a seu filho Giacomo, perfeito como o pae e com quem muitas vezes o confundem. Creio, porém, que tal assignatura não existe. Os signaes que se percebem são ornatos da almofada onde o menino dorme, o que se prova pela continua repetição das formas como esses signaes semelhantes estão feitos.

De resto a finura das mãos que se nota n'este quadro não a produzia Giovanni Francia. Entendo pois que se deve attribuir a Francesco Francia.»

Do quadro em questão tirou uma photographia o intelligente photographo Brutt, socio da acreditada photographia Biel & C. a cuja amabilidade devemos uma prova que reproduzimos na gravura que illustra a pagina do nosso jornal.

VELODROMO D. CARLOS

INAUGUROU-SE no domingo passado este velodromo, com uma concorrência regular, entre a qual se achavam muitos cyclistas e corredores.

Suas Magestades, que deviam assistir a esta primeira corrida de inauguração não puderam comparecer em vista da côrte ter tomado luto pela morte do sr. duque de Nemour.

O Velodromo D. Carlos em Algés é o segundo do paiz. A pista é de *macadam* e mede 500 metros. De um lado e d'outro ficam as tribunas que comportam cerca de 100 pessoas e as galerias, para 228 pessoas.

As corridas começaram ás 4 horas da tarde, principiando-se pela corrida preparatoria em que tomaram parte os srs. G. A. Santos, F. d'Orey, M. Ferreira e J. B. Pessoa. Os corredores tinham que dar duas voltas á pista. Ganhou o primeiro premio (10\$000) o sr. J. d'Orey e o segundo (5\$000) o sr. M. Ferreira. Montavam ambos machinas Clement.

Segunda corrida. «Juniors» — Esta corrida realisou-se em duas séries. Na primeira serie tomaram parte os srs. A. Marques, F. Martinho, G. A. Santos, e Manuel Ferreira, chegando primeiro este. Na segunda corrida tomaram parte os srs. R. Lisboa, M. Sousa Junior, F. Correia de Sá e F. Vasconcellos, chegando primeiro o sr. M. Sousa Junior. Chegaram em segundo logar, na primeira série, o sr. F. Martinho e, na segunda, o sr. R. Lisboa.

Quando se tratou do desempate divergiram as opiniões do jury. Uns queriam que corressem os que tinham chegado em primeiro e segundo logar e outros que só corressem os primeiros. Por fim só correram, como deviam os srs. Manuel Ferreira e M. de Sousa Junior, ganhando o primeiro premio (10\$000) aquelle e o segundo (5\$000) o sr. Sousa.

Terceira corrida. «Seniors» — Tomaram parte os srs. Manuel Ferreira, F. B. Pessoa, E. Minchin e F. d'Orey. Era esta a corrida que despertava mais interesse, por tomarem parte n'ellas os primeiros corredores. Ganhou o primeiro premio (30\$000) o sr. d'Orey que montava uma machina Clement. O segundo premio (15\$000) coube ao sr. Bento Pessoa.

Quarta corrida. «Tandens» — Tomaram parte os srs. A. Marques e Guedes, F. Correia de Sá e F. Vasconcellos, E. Minchin, M. Ferreira, R. Lisboa, G. A. Santos, J. Bento Pessoa, d'Orey em substituição do sr. L. Nunes e F. Martinho, que estavam inscriptos mas que não correram. Ganharam o primeiro premio (20\$000) os srs. d'Orey e Bento Pessoa, e o segundo (10\$000) os srs. Minchin e Manuel Ferreira.

Quinta corrida. «Seniors». Resistencia. — Vinte voltas á pista, ou fossem dez mil metros. Tomaram parte os srs. F. Bento Pessoa, E. Minchin e L. Neves.

Ganhou o primeiro premio (30\$000) o sr. Bento Pessoa e o segundo (15\$000) o sr. Minchin.

Sexta corrida. «Resistencia Juniors» — 5 voltas á pista ou fossem 5:000 metros. Tambem foi executada em duas series esta corrida. Na primeira serie tomaram parte os srs. A. Marques, L. Neves, F. Correia de Sá e F. Vasconcellos.

Chegou em primeiro logar o sr. L. Neves e em segundo o sr. F. Vasconcellos.

Na segunda serie tomaram parte os srs. R. Lisboa, Manuel Ferreira e M. Sousa Junior. Logo na terceira volta o sr. Manuel Ferreira ficou fóra da lucta porque cahiu, continuando a corrida entre os srs. Sousa Junior e R. Lisboa. Foi vencedor o sr. Sousa Junior.

No desempate, que se deu entre o sr. L. Neves e o sr. Sousa Junior, tornou a ganhar este ultimo, o que despertou grande enthusiasmo.

Antes do desempate, houve uma corrida de consolação, em que tomaram parte todos os vencidos, ganhando o unico premio (7\$500) o sr. Martinho.

O COMILÃO D'ALMADA

FRANCISCO Fernandes, o *Comilão d'Almada*, como agora é conhecido, é empregado na fabrica de tijolo de Palença, arredores d'Almada. E' uma fraca figura; póde dizer-se bem, empregando a conhecida phrase popular, que se não sabe onde elle mette tudo quanto come.

Francisco Fernandes tem bigode e cabello alourados. E' natural de Soure e tem 21 annos. Quando era pequeno elle só comia mais do que todos os irmãos que são seis, tres rapazes e tres raparigas.

O Fernandes veio ha seis annos de Soure e esteve cinco annos em Aldegallega.

Teve aos seis annos uma pneumonia. D'então para cá, nunca mais adoeceu senão com umas leves sezões em Alcochete. Diz elle que o que ganha mal lhe chega para matar a fome.

Ao sahir de casa, de manhãinha, leva para o almoço um pão de kilo e meio, mas quando chega á fabrica já o tem quasi todo comido, passando durante o dia uma fome terrivel. A' noite, quando chega a casa, come 3 kilos de pão em sopas.

Tambem, a par d'isto, é elle o que maior somma de trabalho produz, a ponto dos companheiros evitarem trabalhar ao lado d'elle, para não fazerem triste figura.

Ha tempos, quando estava em Aldegallega, o Fernandes, depois de ceiar alarvemente, apostou em como comeria 4 pães de kilo em sopas. E ganhou a aposta.

Eis os records de nova especie em que elle se tem batido e de que tem sahido sempre victorioso:

No dia 14 de junho passado, o Fernandes ganhou a aposta que tinha feito com outro de comer uma arroba de batatas, 2 kilos de bacalhau, 3 pães, tudo ensopado em 5 litros de vinho. Além d'isto, ás quatro horas da manhã, o Fernandes matou o bicho com meio litro de vinho branco.

Na barraca dos Castellos Africanos, na feira d'Alcantara, comeu elle no dia 21 de junho, 2 coelhos com batatas, 4 pães, seis laranjas, uma terrina com sopa. E n'esse mesmo dia, n'outra barraca da feira, comeu uma terrina com sopa para oito pessoas, 6 litros e meio de vinho e 5 cafés.

No dia 27, desde as quatro horas da manhã até as 10 da noite, comeu seis fressuras de vacca, guizadas com 6 kilos de batatas; 8 pães, onze laranjas e bebeu 10 litros de vinho e 6 de chá, na barraca dos Castellos Africanos.

Agora, as apostas succedem-se todos os dias, o que é para o misero Francisco Fernandes um grande allivio, porque assim tira a barriga de miserias.

As photogavuras que hoje damos do *Comilão d'Almada*, foram reproduzi-



das para o *Branco e Negro* de photographias tiradas expressamente na barraca dos *Castellos Africanos*, pelo distincto photographo amator sr. Julio Salles.

*

* *

A ultima refeição do *Comilão d'Almada* foi verdadeiramente pantagruelica. Não se imagina a quantidade de comida que aquelle estomago ingeriu, ficando — quem sabe? — ainda insatisfeito.

A' feira d'Alcantara, theatro das suas ultimas *fecanhas*, tem concorrido immensa gente, desejosa de vêr aquelle phenomeno que, no dizer pittoresco do povo, come mais que um regimento,

E assim vae vivendo de apostas que lhe satisfazem o seu desmedido appetite, este novo adepto da gastronomia... em grande. Por este andar ainda o havemos de ver tragar as pedras das calçadas. Um homem assim é preciosissimo n'um paiz como o nosso. Porque não lhe dão os nossos governantes a comer a *dvida fluctuante*?

E' assumpto para ser meditado e a que, estamos certos, o nosso heroe não deixará de acceder do melhor grado.



« OS MALDITOS »

POR

D. JOÃO DE CASTRO



OS MALDITOS é um romance que, ao tempo do seu apparecimento, não mereceu da critica nenhum reparo, a não ser um ou outro artigo firmado por amigos do auctor e que, desprendidos de côteries e tendo apenas em vista escrever o que em boa justiça entenderam da obra que se lhes dava, vieram dizer a publico que este romance era, contra o que o proprio auctor declarava, um trabalho de largo folego em que, á parte os episodios só de meia duzia conhecidos, por vezes infantis e escriptos n'uma hora de alegre bém humor, havia grandes qualidades que mais tarde se haviam de definir e accentuar. Apezar da critica indigena fazer ouvidos de mercador e continuar a não se referir ao livro, a edição exgotou-se. E agora, a nova edição que vai sahir tem, além de refundida toda, o appetitivo de um *Prologo do auctor e um Protesto de um dos personagens do romance*, magnificamente escriptos.

E' a esse *Protesto* que arrancamos o excerpto que segue.

Ha pouco mais de um anno, quando a primeira edição d'este romance appareceu, tive a estoica lembrança de me desaggravar das calumnias com que as suas paginas desfavoreciam o meu nome, offerecendo romanticamente ao auctor d'ellas, um duello a sabre, — arma com que o meu amigo Alexandre Coutinho fez evidenciar em mim o guerreiro avatar de Fernão Gil Montarroyo, meu avoengo que, nas hostes de Affonso V, desportilhou castellos inexpugnados, e abriu, com lançadas heroicas, um nicho de immortalidade na fachada da Historia.

N'esse mysterioso duello, nenhum sangue varonil tingiu as duas laminas adversas. Quando as cruzavamos, para o primeiro assalto, um dos padrinhos notou que era uma deshonra para os nossos nomes, pelearmos assim com duas plebeias tarascas policiaes, intramuros de um abençoado paiz onde todas as pendências se resolvem com uma acta e um almoço campestre... — Nós, pundonorosos e, sobretudo, patriotas; arrojámos as armas despresiveis ao chão em que devia correr o nosso sangue, — e discutindo magnanimamente os artigos da acta, fomos almoçar com o Alexandre Cou-

tinho, na sombra de uma fresca parreira do seu quintal.

Mas depois, meditando esse acontecimento memoravel, resolvi secretamente desaranhar a minha reputação das aleivosias publicadas n'este livro, logo que um favoravel ensejo se abrisse á justiça das minhas palavras; — e chegando aos meus cerros nataes a noticia de que um editor alfacinha ia de novo divulgar as calumnias que tanto desalinham o fresco aceio dos meus vinte annos, assaltei o auctor com o seguinte dilemma: estampar este protesto na antecâmara do seu romance, ou soffrer o vexame de uma policia correccional, por perdas e danos.

Ora o auctor, como é prudente, esquivou-se aos codigos, liberalizando me este terreno para reedificar a muralha derrocada das minhas bastas virtudes sociaes.

Fez bem: a prudencia é uma virtude digna de perfilhar as tres theologaes, e todas as outras alheias aos catalogos doutrinarios.

Por isso, usando os meus direitos de represalia, começo já por declarar que tudo o que no primeiro capitulo de OS MALDITOS se refere de mim, não passa d'uma dissaborida e pueril mystificação.

Eu fui sempre bom catholico: saiba-o a Igreja e a Monarchia! Nunca fiz pacto com Satanaz, nem ceei em mezas de triangulo maçonico no dia aziago da terça-feira. — Algumas vezes bebi champagne, é certo; mas foi apenas o bastante para não ver as voragens do peccado, em que era forçoso deixar cahir a fragil argilla de que o Senhor fez o meu corpo.

Mas de todas as mutilações com que n'este livro se desaffeição a minha physionomia moral, aquella que mais insurgidamente me indignou, foi o episodio amoroso da Lucy, — creatura que eu nunca amei viva nem morta, embora o auctor se esforçasse em inventar sinuosos pormenores para dar côres de verdade a essa phantastica ligação.

E' verdade que conheci aquella senhora, nos idos tempos da minha adolescencia, quando fui ao Porto diplomar-me com o exame de instrucção primaria; mas nunca nas nossas relações penetrou sentimento alheio á tocante fraternidade com que nos divertiamos, em noites feriadadas, no *Jogo da Gloria*, sob a presidencia do padre José Barrosas e de sua irmã D. Genoveva, a cujos cuidados intellectuaes e domesticos, eu fôra confiado por meu Pae.

Soube depois, mais tarde, pelo padre José, que a minha parceira de jogo tinha morrido tysica «por tolices que fizera». O padre disse-me isto com tal laconismo de pudor indignado, que eu não me atrevi a averiguar que especie de tolices tinham dado cabo da interessante creatura.

Imagine-se, pois, a minha surpresa, quando um dia, ao abrir este livro, encontrei esse mysterio rasgado, — com a insinuação, mil vezes falsa, de que tinha sido eu quem levava a Agramonte, atravez de uma mancebia sentimental, o lindo corpo da Lucy.

Irrisoria perfidia! — Eu, que por esse tempo me esmiolava sobre as paginas anesthesiacas do *Manual de Viticultura*, n'uma pacata cella da minha casa natal, como poderia ter soffrido as crises moraes que n'este livro ardidamente me attribuem? Como imputar, verosimilmente, á minha ternura, a responsabilidade de ter exaurido o corpo hysteric de uma rapariga de vinte annos? — Impossivel!

Aqui, portanto, aos olhos de todos os leitores d'este romance, sacudo dos meus hombros tão pesada responsabilidade. Os meus sentidos, governados pela vigilancia do padre José Barrosas, nunca commetteram desatinos, na perigosa epocha de bohemia academica. Mas o auctor, com transparente insidia, elimina, na historia da minha mocidade, a figura d'esse estimavel ecclesiastico, sob cujo tecto fiz toda a travessia que começa na grammatica de Bento José d'Oliveira e termina intramuros do *Magnum Lexicon*. — Para tornar verosimeis os desvarios de que me accusa, colloca-me em phantasticos *cottages*, á redea solta, como se meu Pae fosse um ingenho morgado, ignorante das tentações do mundo!

Não! Nunca, emquanto estudante, saboreei a liberdade de um *cottage* ao rez-do-chão, na visinhança do Peccado.

A casa do padre José, onde sempre morei, ficava n'uma viella do velho burgo portuense, perto do convento de Santa Clara, e a sombra triste da decrepita rua, em que parecia condensar-se uma cerrada nostalgia da sua ida epocha de vida, invadia funebremente os tres andares de aquelle predio, fazendo quasi murchar a redolente moita

de manjaricões que a D. Genoveva, irmã do padre, cultivava na varanda, com todos os cuidados maternas da impaciente nubilidade dos seus 28 annos.

Esta senhora, afóra o seu manjaricão, concedia tambem a ternura dos seus afagos a um cão rabujento e negro, que dormitava sempre na roda da sua saia, quando pelas tardes costurava, sentada n'uma cadeirinha baixa, espreitando, por detraz da vidraça da varanda, uma taberna fronteira, sempre arruaçada por gente miseravel da visinhança. — Chamava-se Moleque, o cão; e, em momentos psicologicos, D. Genoveva, sem mesmo se esconder da minha vista, depunha a sua costura, e, aninhando o animal na cova do regaço, chegava-lhe a face córadinha e excitada que o cão, familiarisado, logo lambia com appetite e regosijo. — E o olhar luzia-lhe, á D. Genoveva. — Eu, com a ingenuidade dos meus 10 annos, dizia-lhe que não consentisse ao rafeiro aquellas porcarias; mas D. Genoveva, dando um olhar caricioso ao seu Moleque, affirmava-me que a lingua do cachorro era mais limpa que a de uma pessoa. Instruido no caso, eu recolhia a indignação. Mas sempre que encontrava o Moleque n'alguma favoravel sombra do corredor, pontapeava-o vingadoramente.

Comtudo, deante do mano, nunca D. Genoveva dava largas a estes excessos, porque o padre José, zeloso da sua respeitabilidade, trazia sempre as sobranceiras crispadas e a voz aguçada em duras palavras de reprehensão. Por felicidade, pouco se demorava em casa; a sua destreza no voltarete e no xadrez, fazia-o familiar de dois ricos pacificos, com quem passava habitualmente as noites, discutindo as perfidias de um *basto*, entre copiosas chásadas.

Se o padre era todas as noites fiel ao voltarete ou trocava a honesta chavena de chá familiar por outra taça menos pudica, não o sei dizer. D. Genoveva, feliz com a ausencia d'elle, parecia tambem não se preocupar com isso; — lá se entendia, e tinha razão, que só a Madre Igreja, esposa polygama de todos os sacerdotes, podia sensatamente indignar-se contra qualquer infidelidade carnal do mano. — O que ella não queria, era ouvir-lhe ranger os botins nos soalhos domesticos, nem a tossesinha secca que precursava o seu apparecimento.

Apenas elle batia a cancelia da escada, D. Genoveva palrava e cantava, com alegrias de pardal liberto. Nos domingos lia, ás escondidas, folhetins dispersos, colligidos durante a semana, mas a sua leitura habitual, era um *Flos Sanctorum* surrado por devoções hereditarias, d'onde ella tirava o succo das maravilhas christãs que, a meu pedido, muitas vezes narrava nos serões de inverno.

Aquelles episodios sobrenaturaes, milagres absurdos, aparições divinas, todo esse panorama inverosimil da Fé triumphante, incidindo-me violentamente na imaginação, marcou, com ferro em brasa, a minha primeira, mais definida doença moral. — E como d'antes, ouvindo contos da caróchinha me desesperava por não ser um principe encantado, comecei então, impressionado por uma *Vida de Santo Eustachio*, a pensar em fazer-me santo.

Não era o terror do inferno que desenvolvia em mim esta aspiração; um sentimento mais doce preenchia toda a minha visão, — e, verdadeiramente, o que mais me impellia para uma vida de sacrificio religioso, era o desejo de vêr Deus. De todos os assombros, de todos os milagres, o que eu mais ardentemente ambicionava realisar, era merecer a Deus as visitas com que, segundo eu lêra, premiava a dedicação de quasi todos os bemaventurados. Estudando o modo de obter esta graça, decidime a orações e penitencias excepçionaes.

PALESTRA INTIMA



- Então, que me dizes de teu marido?
- Admiravel! desde o dia seguinte ao do nosso casamento nem um mau olhar, nem uma zanga, nem um desgosto; emfim, nada...
- Explica-me lá esse milagre.
- E' muito simples: separámo-nos no dia seguinte ao do nosso casamento.

VIAGENS NO PAIZ

IV O BUSSACO



O BUSSACO

D'antes, a matta do Bussaco era um lugar ermo, sem habitações e sem ruido. Ia-se lá passar o dia, mas tudo recolhia á tardinha a Luso, com saudades d'aquellas horas passadas na doce sombra do arvoredado. Hoje, mesmo no coração da matta, ha um bello hotel, com todo o conforto exigido pela vida moderna; a par d'isto ha ainda lindos chalets para habitar, que são alugados pelo proprietario do hotel a familias que desejem viver mais á vontade em sua casa.

Ha, pois, todas as commodidades hoje n'esse encantado recanto, que é um verdadeiro paraizo.

Damos n'esta pagina um aspecto da matta, e outro da *Fonte-fria*, um dos mais deliciosos pontos do Bussaco, e que o sr. Alberto Pimentel descreve em um dos seus livros pelas seguintes palavras:

«Conta-se uma lenda d'um frade que por encantamento passou esquecido tres seculos a ouvir uma ave palreira, e de tal modo enlevado, que para mais nada vivia. Quando finalmente voltou ao seu mosteiro, achou-o muito outro do que o tinha deixado, e cheio de frades que não conhecia. Pondo de parte a ficção da lenda, muito de molde vem ella para explicar o enlevo de quem visita o Bussaco, onde as horas correm despercebidas, sem que a gente dê tento do tempo que lhe foge.

«Descemos a montanha já um pouco ralados de saudades de cada palmo de terra, cada arvore, cada fonte, que eramos obrigados a deixar.

«Faltava nos ainda visitar a *Fonte-fria*, paisagem d'ineffaveis doçuras, tão cantada e tão conhecida.

«Eil-a emfim, a poetica *Fonte-fria*, notavel entre as demais da matta, tanto pela amenidade do sitio como pelo sabor e frescura de sua agua. Que deliciosissima sombra se não gosa alli!

«Borbulha a fonte debaixo d'uma lapa, que o cinzel abobadou, abrindo-a em arco e alindando-a d'embrechados e lavores. Foram se os musgos apegando ás lapas e trepando viçosos, até que entreteceram uma nova abobada de verdura e engrinaldaram o arco com festões de verde esmeralda orvalhados, quasi sempre, de perolas de agua.

«Convidam a descanso e boa sombra dois canapés rusticos, que ladeam a fonte, onde a gente se deixa cahir quasi insensivelmente ao abrigo d'uma outra arcaria murmurante e cheirosa, com seus obeliscos de silvados.»

EM todo o paiz pittoresco, o Bussaco é o ponto culminante, pelo vasto e esplendido panorama que do cimo da Cruz Alta se disfructa, uma feerica paysagem que deslumbra e nos faz ficar horas e horas, esquecidos do mundo e embebidos no silencio que ha á roda, olhando para o fundo d'aquelle abysmo luminoso onde as aldeias, pequeninas como formigas, se estendem a perder de vista até ao mar.

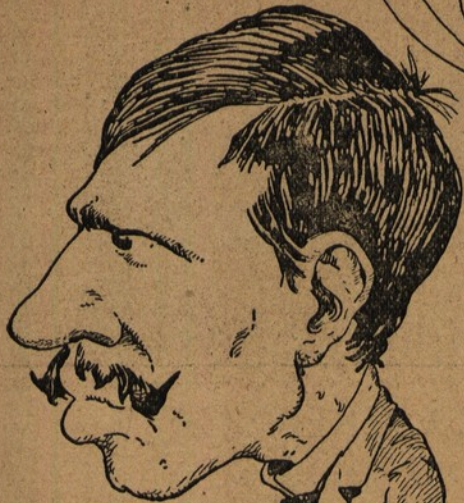
N'estes mezes do maior calor, quando tudo abala das cidades abafadas e mephiticas, o Bussaco povôa-se de um mundo irrequieto, que se espraia pela espessa matta, montado nos tradicionaes burricos, com seus farneis e merendolas. A *Fonte fria*, as *Portas de Coimbra*, todas as grutas mysteriosas e escondidas na verdura luxuriante, entre o perfumado musgo, são devassadas por numerosos bandos que acordam os echos do silencio largo com seus risos satisfeitos e estridulos.



BUSSACO — A FONTE FRIA

CARAS E CARTAS

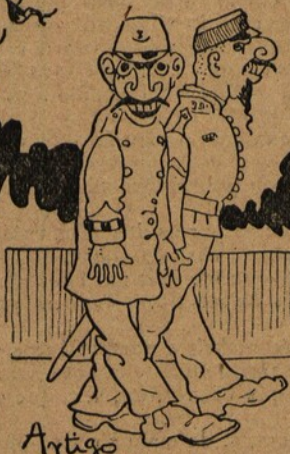
Revista Comica Semanal



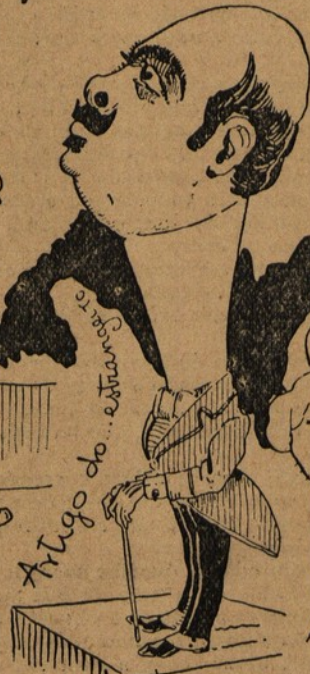
Artigo indefinido Artigo suprimido



Artigo definido



Artigo variado



Artigo do... estupro



Artigo de fundo

Artigos a encomendar
 para futuras habilitações jornalísticas

G. Branco e Albeno, sp



HISTORIAS PARA CRIANÇAS

O VELHO DA MONTANHA

HOUVE um rei muito vaidoso da sua formosura e das suas riquezas. Uma tarde afastou-se tanto da sua comitiva, que o acompanhava n'uma excursão, que se perdeu n'uma montanha, que elle não conhecia. Pareceu-lhe ver a certa distancia a entrada d'uma gruta, e julgou que alli se occultava alguma fera.

Como era destemido, approximou-se e viu um solitario, que contemplava um craneo com muita gravidade.

O rei disse-lhe com ar zombeteiro :

— Olá, bom velho, porque estás tão attento a contemplar esse craneo ?

O ancião voltou se um pouco, e respondeu-lhe com serenidade :

— Desejo saber se este craneo pertenceu a um rei opulento, ou a um pobre mendigo, mas vejo que é impossível.

— Imbecil ! gritou o rei encolerizado. Os reis são em tudo privilegiados !

— Nem sempre, mesmo n'este mundo, disse o solitario, abaixando a cabeça e pegando n'um livro, como para despedir o rei. O sol havia já desaparecido ; o ceu cobria-se de nuvens côr de chumbo.

O rei quiz voltar para a sua gente ; tres vezes tocou a trombeta de caça, mas não foi correspondido. As nuvens começaram a deixar cair chuva grossa ; o vento era tão rijo, que as mais gigantescas arvores estremeciam até ás raizes. Quanto desejaria agora o rei orgulhoso ter por abrigo a gruta do solitario humilde !

Caminhou, caminhou muito ao acaso, sem encontrar uma cabana, um abrigo, uma pessoa, um ser vivente... De certo, para aquelle homem poderoso não começára o dia como acabava.

Morto de fadiga, de fome e de desespero, sentia que as forças iam abandonal-o, quando viu as primeiras casas d'uma pequena aldeia. Devia pertencer aos seus estados; mas não a conhecia, porque só se mostrava na côrte e nas cidades onde lhe podiam fazer apparatusas recepções.

— Olá, de casa ! bradou elle batendo a uma porta, abriu sem demora. Estou molhado, coberto de lama e tenho frio !

— Quem se atreve a incomodar-me a estas horas ? perguntaram de dentro.

— Quem tem o direito de fazer tudo, e que não perdôa a quem lhe desobedece, respondeu o rei.

— Oh ! pedir poisada e ameaçar o dono da casa antes de entrar ? Pois sabei que a minha porta não se abre a vagabundos. Passae adiante, se não quereis que vos faça arrepender do vosso atrevimento, quem quer que seja.

Se o rei estivesse acompanhado da sua comitiva a porta d'aquelle vassallo seria arrombada, talvez a casa reduzida a cinzas e o seu dono condemnado a vaguear por esses campos... mas estava só, e bem viu que o seu poder era n'esta occasião inutil. Tomou por outra rua, e bateu a uma porta, decidido a não empregar ameaças.

— Quem bate ? perguntou o dono da casa.

— Abri ; deixae que eu passe a noite em vossa casa, que enxugue o meu fato ao vosso lume, e dae-me de comer, que eu vos recompensarei com generosidade.

— Tomaes então a minha casa por uma estalagem ? Eu sou pobre, mas não dou pousada por dinheiro. Batei a outra porta.

O rei, vendo que nem a ameaça nem o dinheiro lhe abriam as portas dos seus vassallos, recorreu á supplica.

— Tenho frio, tenho fome, disse elle batendo á porta da ultima casa da aldeia, que era sem duvida a mais humilde, supplico-vos que me deixeis aquecer ao vosso lume, e que me deis um bocado de pão. Deus vos accrescentará em mercês o que derdes a um desgraçado, que ha mais de seis horas vagueia por esses campos ao frio e á chuva.

— Entrae, meu irmão. acudiu logo o pobre aldeão correndo a abrir a porta. Graças a Deus ainda ha uma acha para conservar um bom lume, e um bocado de pão e uma tigela de leite quente para vos aquecer o estomago. Pareceis, na verdade, tão falto de forças, que eu não consinto que vos retireis, sem que o vosso fato esteja enxuto e durmaes aqui o resto da noite.

O rei passou a noite preocupado com o que lhe succedera, e, de manhã cedo, depois de agradecer com palavras muito affectuosas ao bondoso aldeão a poisada que lhe dera, pediu que o puzessem a caminho da capital do seu reino. N'esse mesmo dia reuniu os ministros e officiaes da sua casa, contou-lhes o que lhe havia succedido, e quiz que, com elle á frente, se procurasse o velho solitario da montanha, para o honrar com um logar no seu conselho. Depois de muito trabalho, deram com a gruta. O velho tinha desaparecido, mas encontraram o craneo, que o rei vira na vespera, junto a um livro aberto, onde se lia o seguinte : *Rei: — se a tua magestade vem de Deus, ama o teu povo e ensina-lhe, pelo exemplo, que a caridade é o teu primeiro dever. — Vassallo: — obedece ao teu rei, respeita o como teu superior e ama-o como enviado de Deus para te proteger e fazer feliz. — Homens: — por muito afastados que vivaes pela vossa condição e indole, acreditaes que a morte ha de emfim approximar-vos.*

O rei meditou muito n'estas palavras, e d'alli partiu logo para a aldeia, onde tinha pernoitado. Foi grande o espanto dos aldeãos ao verem na sua humilde terra o rei com a sua brilhante comitiva, e mais admirados ficaram quando souberam que elle havia deixado muito dinheiro para o que lhe dera agasalho, e que mandára construir um palacio destinado a recolher os pobres, os mendigos e os forasteiros que pedissem pousada.

(Dos Contos da Avósinha).

TRAVASSOS LOPES.



A Noite de S. Pedro

TEMPO de cantares e de folia, o S. Pedro em Lisboa tem o pittoresco atractivo da praça da Figueira onde ninguem falta a comprar as flôres de papel e os vasos de mangerico. Até noite alta, anda a turba nas ruas, acovelando-se, empurrando-se; abrem-se rodas de dança nos grupos; e as cantigas atravessam o ar, cantigas populares, dolentes e quebradas que escorregam pelas arvores e sobem para o céu n'um esvaído perfume de saudade.

E' na vespera de S. João, Santo Antonio e S. Pedro que as moças queimam as alcachofras que lhes hão de dizer se são correspondidas no seu amor ou se o objecto dos seus sonhos as trae: se a alcachofra torna a florir, deixada ao relento da noite podem as moças exultar; se nunca mais desabrocha só lhes resta... recomçar sonhos com outro.

Esta costumeira está tão arriegada que não ha menina casadoira que não compre a sua alcachofra n'esta epocha.

O que, se não faz bem, mal tambem não faz.

* * *

A' volta da madrugada, a lousura attinge o maior grau; o Rocio está coalhado de gente que dança, aos bandos, e canta: gente que sobraça vasos de mangerico recolhe a casa, estonteada pela luz fria da manhã, que cáe poeirada em neve do céu.

Começa então a debandada; pela embocadura das ruas topa-se com grupos, as mulheres despenteiadas, esfalfadas, macilentas, as creanças puxadas aos repellões ou deitadas de borco nos braços, os homens de golla erguida e mãos nos bolsos. Esta debandada dá uma triste impressão de fuga a uma epidemia, enquanto ao longe uma voz avinhada entôa ainda uma cantiga em louvor do Santo festejado com tanta alegria e tanto... vinho.

A EXPEDIÇÃO À INDIA



Sua Alteza, se não praticou grandes feitos heroicos, por não se lhe não ter offerecido ensejo para isso, atenta a casta de revoltosos com quem se tinha a haver, deixou na sua passagem o rastro do seu coração magnânimo, proclamando a amnistia, para vêr se assim conseguia trazer a paz áquelle nosso dominio que tem passado uma tão attribulada vida de ha uns tempos para cá, mercê das rivalidades existentes entre as diversas castas d'aquella região oriental.

Achamos curioso dar parte da portaria que o sr. infante D. Affonso, visorrei da India, fez publicar no *Boletim official*, concedendo a amnistia a todos os revoltosos.

Depois de varios considerandos, diz a citada portaria :

«Artigo 1.º Até resolução ulterior de Sua Magestade — ficam sustados e sem andamento quaesquer processos que estejam instaurados contra os individuos da classe civil ou militar, considerados chefes e cabeças nos crimes da revolta militar na noite de 13 para 14 de setembro de 1895, e dos outros puniveis que se lhe seguiram, cobrando-se portanto quaesquer mandados de prisão que tenham sido passados.

Art. 2.º E' concedida amnistia para os demais implicados nos crimes acima referidos.

§ 1.º São exceptuados :

I Os auctores ou cúmplices do crime de homicidio.
II Os condemnados pelo conselho de guerra, pelo assalto á freguezia de Aldona e os indiciados pelo mesmo crime, que nada tem de commum com o de revolta e rebellião.

§ 2.º Esta amnistia só aproveitará ás praças de pret quando se apresentarem no quartel general dentro do prazo de um mez a contar da publicação d'este diploma.

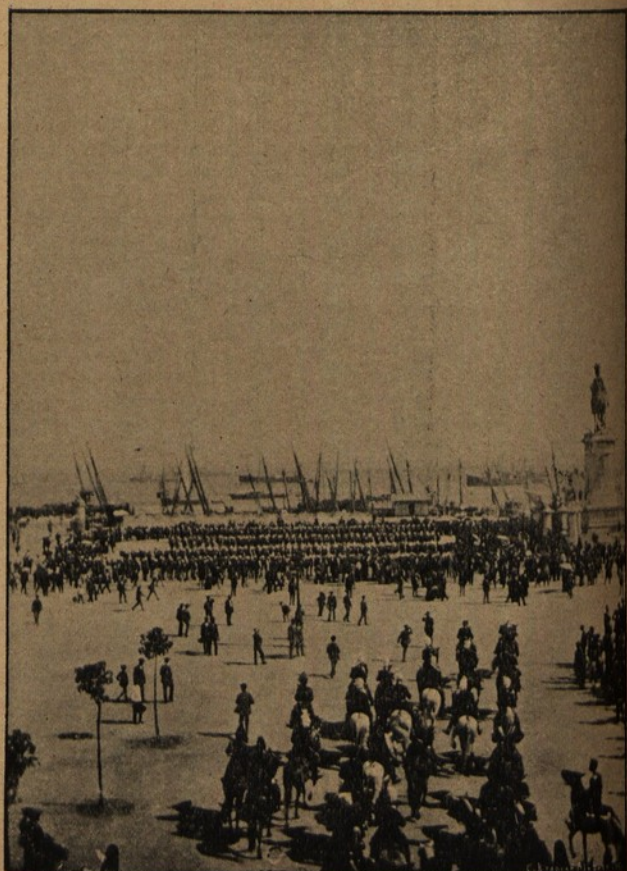
§ 3.º O tempo decorrido desde que a praça se ausentou até ao dia da apresentação não será para effeito algum contado como tempo de serviço.

Art. 3.º Os processos instaurados pelos referidos crimes contra os amnistiados ficam de nenhum effeito e n'elles se porá perpetuo silencio; serão postos em liberdade os reus que estiverem presos com processo ou sem elle, se por outro motivo não deverem continuar presos.

Art. 4.º Contra os individuos mencionados no artigo 1.º e contra os amnistiados não poderão instaurar-se novos processos por factos relativos aos mesmos crimes anteriores a esta data.

As autoridades e mais pessoas a quem o conhecimento e execução d'este competir, assim o tenham entendido e cumpram.

Palacio em Nova Gôa, 27 de maio de 1896. — O visorrei — *D. Affonso Henriques, Duque do Porto.*



TEM cada vez mais interesse tudo quanto se refira á desgraçada questão da India, onde agora se estão passando factos tão graves que podem dar, a não serem remediadas a tempo, serias consequências, de bastante perigo.

Damos, portanto, hoje mais duas photogravuras representando a chegada das forças expedicionarias ao Terreiro do Paço e a revista passada a essas tropas por Sua Magestade El-rei.

Essas festas ahi promovidas ao sr. infante D. Affonso, cujo echo ainda hoje se repercute, vieram demonstrar que Sua Alteza tem uma grande preponderancia no coração de todos os portuguezes que vêm sempre com todo o entusiasmo do seu temperamento meridional estas partidas de principes portuguezes para longinquas paragens, onde os chama o bom nome e o brio da nação que lhes foi berço.

AUGUSTO DE MESQUITA



Na vida d'hoje, isochrona e igual, mercantilmente pautada e methodicamente vivida, as desgarradas de uma indole bohemia são cada vez mais raras e essa existencia cheia de tumulto e de sonho, de nobre e orgulhosa indisciplina, que foi a seducção de tantos artistas e a embriaguez de tantas mulheres, poetizada por Gerard de Nerval e de que Murger escreveu o magoadado epitaphio, são para o vulgo o syndroma perigoso e grave de um disequilibrio de faculdades que raia pela loucura. No entanto, de quando em quando, surge como n'um protesto vivo contra a monotonia symetrica da existencia, um d'esses temperamentos que um atavismo de tribu nomada precipita atravez de todas as aventuras e faz florir galhardamente na vida, com a alegria e o destaque de um cacto na pardacenta tristeza de um horto.

Foi um d'estes entes o mallogrado Augusto de Mesquita. Rico, amado com disvelos extremos por uma esposa boa e formosissima, adorado por um pae querido, pae elle proprio de creaturinhas lindas de carnações rosa e morango, este poeta d'alma ardente era um atormentado ser que as coisas prohibidas apaixonavam ao extremo. E mal que as possuia, um tedio lhe vinha, infinitamente aborrecido d'ellas, comprehendendo então por instantes que a felicidade estava no que já tinha e não no que, inquietamente, procurava.

Era por ventura, na vida pacata e symetrica do Porto, a figura que mais destacava pela sua estouvada nervosidade. Mas era tambem um coração que se sabia doce e bom, capaz de se enternecer com as desgraças dos outros. Poeta educado pela leitura dos livros dos parnasianos era elle proprio um parnasiano ainda que a inspiração sensual e ardente por vezes rompesse os diques da forma. Mas, comtudo, mais do que um so-

nhador elle era um homem d'acção. A politica em que militava, na extrema esquerda do partido republicano, nunca o logrou inteiramente absorver, não porque não fosse capaz de um posiltheismo levado até ao extremo do sacrificio, mas porque o seu temperamento não lhe consentia a subordinação, e as escaramuças politicas em que entrou foram sempre feitas como simples soldado, um franco atirador, combatendo á vontade, mordendo o cartucho, e disparando, indisciplinadamente sem aguardar a ordem de fogo. O theatro, esse sim, era um campo vasto para a sua acção — as *ficelles* e os *trucs*, a illusão da ribalta, a vida livre e bohemia dos actores, a atmospheria passional que se respira em scena enfeitaram no, e muito novo começou a traduzir operetas e a escrevel-as originaes dedicando-se por fim ao drama historico, genero então em voga, e que pela ardencia dos seus lances, pela emphase de suas fallas tamborescas e rhetoricas, vazias de psychologia, amplamente quadrava á sua natureza ardente e impulsiva. E effectivamente os dramas historicos que nos deixa, *D. Sebastião* e o *Egas Vicente* não são peiores do que os que ahi vemos applaudidos nos theatros e escriptos pelos srs. Lopes de Mendonça, Marcellino Mesquita e D. João da Camara e infinitamente superiores á *D. Ignez de Castro* do sr. Maximiano d'Azevedo.

Todavia, a despeito d'estas qualidades, Augusto de Mesquita não conseguiu ver representadas as suas peças no theatro de D. Maria ao qual as destinava. O drama historico em verso cujo esfusiar de rhetorica fez crer ás creaturas banaes a quem entre nós está confiada nos diarios a critica theatral, que estavam em frente de varios *Freis Luz de Souza*, ia, pela reacção de uma mocidade litteraria, mais culta e menos transigente, cedendo terreno. E d'ahi o Augusto de Mesquita não chegou a assistir ao triumpho que certo lhe dariam as suas peças applaudidas por esse publico pouco exigente em materia d'arte que enche as casas de espectáculo, por demais impressionista para raciocinar a frio situações e não se deixar empolgar pelo brilhante da *ficelle*.

Quem escreve estas linhas redigia vae para seis annos um diario portuense e assistiu por convite do morto á leitura do seu primeiro drama. Augusto de Mesquita convidara os homens de letras mais evidentes e alguns jornalistas escolhidos. Reunimo-nos por uma sexta ardente de julho á rua da Rainha na casa de seu pae, o illustre caudico dr. Vasques de Mesquita. O poeta, com a sua bella voz abaritonada, pastosa e doce, leu nos então todos os actos da peça e, ditos por elle, os versos, passando em parada ante nós, tinham um ar formidavel de energia e de impeto. Vasques de Mesquita radiava de alegria ás exclamações de applauso que a leitura arrancava e pelos olhos do poeta um clarão illuminante de victoria passava ao dizer as esperanças do moço rei que Zaira triste, prophetica, não podia partilhar.

E agora passados breves annos, recordando essa tarde, eu acho uma analogia estranha entre o destino d'aquelle rei e o d'aquelle poeta. Ambos infelizes, mallogrados ambos. Como o seu cavalheiresco D. Sebastião, o pobre Augusto sonhava amplos triumphos, como o pobre rei aventureiro morreu em plena mocidade, menos tragicamente é certo, mas apunhalado pela tysica implacavel. E como a pobre Zaira deixou, chorando-o, n'uma angustia infinita, a alma da mulher que tanto o amou, duplamente, como esposa e quasi como mãe.

O poeta conservou até ao final com todos os tysicos a illusão da vida e ainda na propria vespera do seu fallecimento traçara por sua mão as dedicatorias nos exemplares do *D. Egas Vicente* que destinava aos amigos. O desventurado bohemio era muito conhecido e estimado no Porto onde o seu nome se salientou no jornalismo e em Coimbra não era menos adorado pela mocidade academica. Ainda ha dias representando-se na recita dos quintanistas *O Sonho do Bacharel*, opereta em cuja letra collaborara, foi o seu nome aclamado entusiasticamente e á solidão da Guarda, onde estava e onde morreu, o echo d'esse triumpho chegou bem quente e bem vivo a tempo ainda de alegrar os seus soffrimentos derradeiros.

A passagem do cadaver do seu camarada querido foram á Pampilhosas deputações de estudantes dizer-lhe o ultimo adeus.

Sebastião de Carvalho, o poeta que com Augusto de Mesquita collaborara no *Sonho do Bacharel* pronunciou então os seguintes versos:

Venho dizer-te adeus, saudoso amigo?
N'esta romagem piedosa e santa!
Não te vejo... e os meus olhos vão contigo...
Em tanta magua a despedida, tanta!

Os sonhos que sonhaste pela vida
Bem cedo a morte os dissipou, perdeu os...
— Um abraço... que é a hora da partida...
— Mais um olhar... agita o lenço... adeus!

6 Curso do Quinto Anno Juridico de 1895-1896

Os quintanistas de direito foram n'este agonisante anno lectivo em numero de noventa e tres. E' este um facto que merece signalar-se. Não ha noticia nos annaes universitarios de haver um curso analogo tão corrido de alumnos.

Saudemos os novos bachareis que, amortalhando com a capa e a batina negras a sua mocidade que foi um perfumado idyllio de raras illusões e celebrando-lhe os funeraes em threnos dolentissimos de saudade, se vão n'este momento partindo temerarios e aventureiros para um futuro luminoso!

Ha entre elles sobejas intelligencias authenticas e muitas envergaduras fortes.

Quantos hão de conquistar galhardamente as esporas d'ouro nos torneios incruentos da tribuna e da imprensa? Quantos vincularão em potentes influxos do seu cerebro e em vibrantes irradiações do seu character um nome auriflamante na magistratura e no fóro? Quantos, finalmente, cooperarão na prosperidade ou ruina da patria n'esses arriscados jogos malabares da diplomacia e da politica?

Occupemo-nos em rapido tracejar d'aquelles que, pelas suas revelações intellectuaes, constituem a ala-gentil d'esse curso.

ABEL ANDRADE. — E' o urso-magno do curso, servindo-nos do pittoresco termo coimbrão, o que equivale a dizer que é d'entre os seus condiscipulos o mais aureolado pelo conselho da faculdade. Ha muito que, nos estudos universitarios, se não encontrou um estudante de tão eminentes recursos. E' um cerebro bem organizado e de vasta erudição, intelligencia lucida e dotada de poderosas energias assimiladoras, espirito rijidamente temperado para a lucta. D'este beneditino das sciencias moraes e juridicas já se contam, além de multiplos trabalhos esparcos em revistas e jornaes, brochuras d'alto valor: *Synthese cartesiana, Critica litteraria, Renovação juridica, Critica financial, Principio das nacionalidades, A João de Deus, Memoria ao congresso nacional de tuberculose, Administração e direito administrativo, Evolução politica em Portugal*, etc. E' já formado na faculdade de theologia, em que alcançou as honras de premio em todos os cinco annos, sendo a sua informação final de M. B. 17, a qual a bem poucos lentes foi conferida, e que era um convite directo para conclusões magnas e admissão ao corpo cathedratico. Mas para elle seguir ávante, tinha de ordenar-se. N'essa altura (vá de indiscricção) uma gentil menina vimaranense, n'uma *soiree* de praias, exorou-lhe, á frente d'um garrido rancho de graças, que não entregasse á navalha sacrilega do barbeiro o seu buçozinho petulante que então despontava triumphante para o amor... Foi d'esta fórma que se empolgou um luminar á Igreja e talvez um santo á Folhinha! Milita ha tres annos no partido regenerador, cujos actos bons ou nefastos defende com equal ardor e paixão, e, como orador impetuoso e jornalista de pulso, ha de ser um politico de futuro se qualquer circumstancia o não raptar para outros labores mais proveitosos ao paiz.

FORTUNATO D'ALMEIDA. — Um pouco solitario e muito estudioso. E' um espirito aferrado ao conservantismo monarchico-theologico, o que faz d'elle um rapaz proscripto da sua epocha, e assim mostrou durante o seu curso ter menos amor á sciencia juridica do que á igreja e ao papado. Isto é tão flagrante que, tendo apenas dado a lume uma miuda dissertação sobre materia dos seus estudos, publicou dois livros a favor do ultramontanismo: *Os Jesuitas*, réplica ao ruidoso livro do sr. Borges Grairha, e *A questão social*, refutação das doutrinas do sr. dr. Afonso Costa, que, na sua dissertação inaugural da faculdade de direito, se pronunciára contra as que Leão XII expendera na encyclica *R. rum novarum*; e, ao mesmo tempo e sob a mesma orientação, redigiu por bastante tempo a *Ordem*, então diaria, e ha dois annos que vem redigindo a *Revista contemporanea*. No certamen litterario, por occasião do centenario henriquino, obteve o segundo premio a sua memoria *O Infante de Sagres*. E', pois, um nome consagrado. Foi aos ultimos concursos para o magisterio secundario e está já professor do quarto grupo do lyceu de Coimbra. Tem já impresso um tabalho pedagogico para ser em breve submettido á commissão da escolha dos compendios. E' a *Historia antiga dos povos orientaes*.

SEBASTIÃO DE CARVALHO. — Um bello rapaz, vibratil ás grandes correntes de generosidade, que deixa na sua geração escolar uma via-lactea branca como os pergaminhos da sua alma. E' um lyrico adoravel, tendo composições de correctissima factura, onde os seus beijos adejam sobre as tranças louras da eleita a suspirar desejos. E' o director em chefe d'uma excellente revista litteraria — *Nova Alvorada* — que ha annos se publica em Villa Nova de Famalicão. Foi um dos auctores da operetta *O Sonho d um bacharel*, que fez successo em duas representações, sendo considerada como uma das mais notaveis peças d'essas tradicionaes festas academicas.

SILVA MENDES. — E' um espirito moderno, persistente e trabalhador, formando uma reputação á custa de inaudíveis sacrificios. Tem singular predilecção pelo anarchismo theorico. Para chrystallisar a sua investigação e a sua critica, está imprimindo um grosso volume, que hade ficar certamente como o primeiro trabalho d'esse genero no nosso paiz. Tem inedita uma bella traducção, em verso, do poema dramatico allemão *Guilherme Tell*. O seu interesse pelo conhecimento das linguas ha de fazer d'elle em poucos annos um apreciavel philologo. Nos momentos d'ocio, para de todo não malbaratar o tempo, afflige os ouvidos da visinhança com as vibrações d'um clarinete de estudo...

MARREIROS NETTO. — Temperamento fogoso e uma sombra bohemia da alma dos estudantes d'outros tempos. E' orador fluente e tem musculatura d'aço. Não torce nem quebra, quando tem a arcar com um adversario, seja nas justas serenas da palavra ou nas escaramuças bellicosas do murro. N'um momento da sua vida escolar teve verdadeiro prestigio entre os seus camaradas. Devem-se-lhe as perigrinações á Batalha em memoria do Infante D. Henrique, e a Lisboa em glorificação de João de Deus — dois clarões no decadismo da academia coimbrã — e a reorganisação da *Sociedade phylantrophico-academica*. Tem talento para se lançar, para ser um triumphante nas batalhas da vida publica, se se decidir trabalhar a valer.

ADELINO DE ABREU. — Um largó coração, jámais surprehendido n'uma perfidia ou n'uma picardia, sendo porisso adorado por todos. O seu nome encontra se vinculado a duas monographias de merito e lisongeiamente recebidas pelo publico e pela imprensa — *A Serra da Estrella e Oliveira do Hospital*. E' tambem um distincto virtuose musical e dramatico.

PADRE ALIPIO CAMELLO. — Intelligente, estudioso, trabalhador. O seu curso representa uma grande força de actividade: accumulava as obrigações escolares com a leccionação particular de varias disciplinas; e ainda assim, na descentralisação das suas energias, soube triumphar de cabeça erguida! Estudante, elevou-se á craveira de segundo classificado, justiça e só justiça que lhe fez o conselho da faculdade; professor de preparatorios, habili-



O CURSO DO QUINTO ANNO JURIDICO DE 1895-1896

tou-se a ser approvado no concurso para o magisterio secundario, sendo recentemente despachado para o quarto grupo do lyceu da Guarda. E' conhededor emerito das maiores minudencias da historia universal, tanto antiga como moderna, e é de esperar que o seu talento se manifeste em obras pedagogicas prenes de valor.

CARLOS MESQUITA. — E' um critico litterario de solida couraça, conhecendo a fundo as litteraturas contemporaneas, e porisso é um dos raros que sabem o que dizem e o que escrevem. Entre os seus trabalhos já publicados, aqui e alli, ha um admiravel estudo psychologico, que é uma autobiographia, a que deu o titulo de *Jeronymo Freire*. E' para lamentar que um pessimismo atroz da vida, uma lassidão a que muitos dão o pomposo nome de neurasthenia, o roube á evangelisação da penna.

CASTRO SOLLA. — Foi com um sorriso ironico, para tudo e para todos, que atravessou o seu cyclo escolar. Os seus lentes deram-lhe classificações, que jámais o envaideceram ou foram incentivo para elle estudar com enthusiasmo, o que revelou no seu espirito um deprendimento solemne pelos pergaminhos universitarios. N'uns dias de desenfado escreveu uma serie de artigos interessantes, sobre direito commercial, que viram a luz na *Revista do foro portuguez*. O seu talento, servido por notaveis qualidades de orador moderno, ha de por sem duvida franquear-lhe um futuro largo.

MESQUITA GUIMARÃES. — Um vulto inconfundivel entre a academia coimbrã. Viveu uma vida toda intima, puramente pessoal, e só lhe conhecemos d'esse tempo a copula com as musas. Os seus versos, quando vêm a lume, já tem percorrido uma existencia demorada nas ressonancias da sua alma. Na *Serenata dos quintanistas*, versos que elle escreveu para a musica suggestiva do seu condiscipulo Amador Valente, revelou-se com gloria a sua delicada sensibilidade. Com gloria, sim, e bem nitida! Perguntem ás tricanas mondeguias, cheias de sonho e de volupia, se ellas não sabem de cór e não cantam repetidas vezes em extases essas duas bellas estrophes que são como o acenar dos lenços brancos d'uma mocidade que se ausenta e o florir d'um punhado de lagrimas fumegantes em olhos que tanto se confundiram com os seus...

Meus amigos: na hora da partida eu tambem soluço a cavatina da saudade; ide para o futuro, ide, que n'um abraço franco ahi vaé traduzido da minha alma o adeus!

Coimbra — Junho de 1896.

DELPHIM GOMES.

BELLAS-ARTES

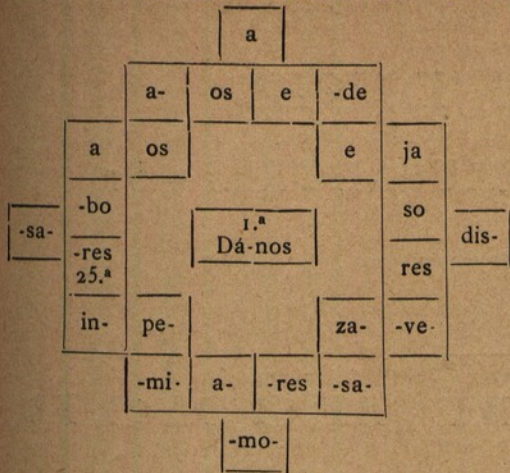


A' PORTA DA VENDA — (Quadro de Silva Porto)

SECÇÃO RECREATIVA

COISAS ÚTEIS

MOZAICO, (para d'estas 25 syllabas formar 2 versos)



PASSA TEMPO

```

O * * * * *
O * * * * *
O * * * * *
O * * * * *
O * * * * *
O * * * * *
O * * * * *
O * * * * *
O * * * * *
O * * * * *
O * * * * *
O * * * * *
O * * * * *
O * * * * *
O * * * * *

```

Mudando as estrelas em letras lêem se horizontalmente 12 substancias mineraes e verticalmente as 2 côres mais conhecidas em todo o Universo. As decifrações no proximo numero.

O QUE SE DEVE JANTAR

(Vidé os n.ºs 2, e seguintes do nosso Jornal)

SEGUNDA FEIRA — Sopa de saude. Frituras de eirós. Pá de carneiro estufada com ervilhas. Vitella assada com salada. Nabos á béchamel. Doce: Torta de morangos.

TERÇA FEIRA — Sopa de purée de arroz em substancia de carne. Ruivo grelhado com molho de manteiga, limão e salsa picada. Lingua de vacca estufada com macarrão. Frango assado com salada. Alcachofras á Provençal. Doce: Pudim gelado de ovos e leite.

QUARTA FEIRA — Sopa de cenouras em substancia de carne. Frituras de borrachos á ingleza. Linguado com molho hollandez. Perna de carneiro assada com esperregado de chicoria. Alfaces estufadas.

QUINTA FEIRA — Sopa de gluten. Pastellinhos folhados de carne. Pargo guizado com ervilhas. Patos novos assados com salada. Grellos de couve com manteiga.

SEXTA FEIRA — Sopa de arroz em leite. Frituras de camarões. Caldeirada á burgueza. Bacalhau au gratin. Beringellas recheiadas. Doce: Sonhos.

SABBADO — Sopa á boa dona de casa. Costellets de carneiro á jardineira. Peito de vitella guizado com salsifis. Rosbife assado com batatas novas. Espinafres em esperregado guarnecido de tiras de pão fritas. Doce: Pudim de maizena com compota de fructa.

DOMINGO — Sopa de primavera. Filetes de pescada. Perna de carneiro estufada, guarnecida de purée de batata. Mollejas de vitella com ervilhas. Perú assado com salada. Salsifis com molho branco. Doce: Pastellinhos folhados de fructa.

Ultimas novidades litterarias

Os noivos, romance de Teixeira de Queiroz, nova edição, inteiramente refundida, 2 vol. com o retrato do auctor, br. 1\$000 rs. Enc. 1\$400 rs.

Convicções, estudos e leituras, por Henrique de Barros Gomes, 1 vol. br. 600 rs. Enc. 800 rs.

O velho thema, drama em 5 actos, de Marcellino Mesquita, 1 vol. br. 400 rs.

Pelo mundo fóra, por Maria Amalia Vaz de Carvalho, 1 vol. br. 500 réis. Enc. 700.

Versos, de Carlos de Pina Machado, 1 vol., com uma carta posthuma de João de Deus e o retrato do auctor, br. 600 rs.

A rir e a serio... por Alberto Bramão, 1 vol. br. 500 rs. Enc. 700 rs.

Na Azenha, contos de Marcellino Mesquita, 1 vol. br. 500 rs.

Velocipedia prática, por D. Miguel de Alarcão, 1 vol. com desenhos explicativos, br. 300 rs. Enc. 500 rs.

EDITOR: — ANTONIO MARIA PEREIRA

CASA FAVORITA

DE

F. SANTOS DINIZ

51 — PRAÇA DOS RESTAURADORES — 51

(AVENIDA DA LIBERDADE)

LISBOA

PIANOS COM MOTOR

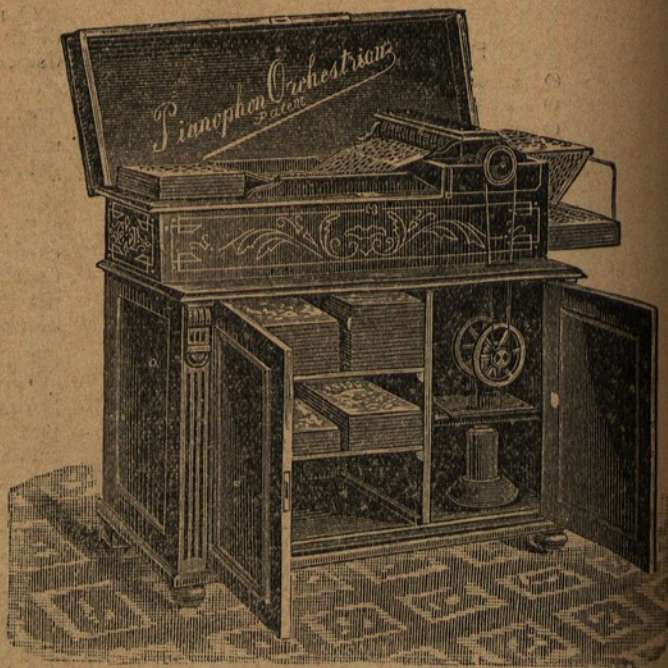
A **CASA FAVORITA** da Praça dos Restauradores, 51 (Avenida da Liberdade), acaba de receber um completo sortimento de **PIANOS COM MOTOR (sem teclado)**, e bem assim pianos melódicos com movel dos systemas mais aperfeiçoados. — O piano com motor representa o instrumento mais bello e mais barato. — A superioridade a todos os outros instrumentos, ou caixas de musica, consiste nas vantagens:

1.^a de se poder tocar seja qual fôr a musica das 1:000 de que consta o catalogo. — 2.^a de se poder tocar todo o dia sem interrupção e sem cuidado e correctamente — 3.^a que o piano com motor é muito mais vantajoso em preço e transportibilidade. — 4.^a que desarranjos, etc., são quasi impossiveis. — **O PIANO COM MOTOR** produz a musica por cordas metálicas. O systema dos martelos vibrantes dão a este pequeno instrumento um som maravilhoso, lembrando o bandolim ou o piano. O conjuncto é d'um effeito maravilhoso, e o instrumento por si mesmo regula, por um mechanismo muito engenhoso, o Pianissimo, Crescendo e Fortissimo, segundo a musica original.

TODOS, mesmo os conhecedores, ficam encantados da musica e som, e admiram a sonoridade e afinação do pequeno instrumento. — A musica distingue-se pela sua perfeição, não fazendo ouvir nenhuma desharmonia.

As musicas são indestructiveis (tela com papelão, dos dois lados) o seu comprimento é illimitado sempre segundo o original, de modo que se póde tocar Overtures, Pot-Pourris, etc.

O repertorio é grandioso e bem escolhido — 1:000 bocados de composições populares. **O PIANO COM MOTOR** além de bonito movel, substitue completamente o piano de 40 ou 50 libras, tendo uma força de som capaz de fazer dançar n'uma sala 300 pessoas. Qualquer creança o póde manejar. — O motor funciona sem perigo, não exige cuidado, e toca dia e noite.



A Estação de Paris

O melhor jornal de modas que se publica em lingua portugueza

REDACTORA: D. GUIOMAR TORREZÃO

SAE 3 VEZES POR MEZ

Os assignantes da ESTAÇÃO DE PARIZ recebem GRATUITAMENTE a CHRONICA, lindissimo jornal litterario, illustrado e de biographias, que tem já publicado os seguintes retratos e biographias: João de Deus; Conselheiro H. de Barros Gomes; Visconde de Ouguella; Conde de Burnay; Dr. Sousa Martins; Dr. Manuel Bento de Sousa; Dr. Virgilio Machado; Conde do Casal Ribeiro; Padre Senna Freitas; Conselheiro João Franco; D. Anna Peito de Carvalho. Cada biographia é acompanhada d'um soberbo retrato impresso separadamente em papel velino.

BRANCO E NEGRO



A LEITURA DA CARTA

PREÇO 40 RÉIS

N.º 15

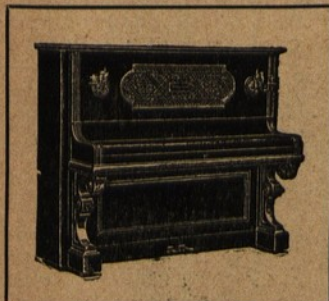


FORNECEDOR DA CASA REAL



FORNECEDOR DA CASA REAL

LAMBERTINI



PIANOS DE
 STEINWAY & SONS, C. BECHSTEIN,
 PLEYEL WOLF & C.^{IE}, C. HARDT, GAVEAU,
 CAROL OTTO, AUCHER FRÈRES,
 A. BORD, LAURINAT & C.^{IE}, A. FORSTER,
 ETC., ETC.

UNICO DEPOSITARIO DOS CELEBRES PIANOS DE BECHSTEIN

MUSICA — Grande sortimento. Sempre as ultimas novidades. Aluguel de musica por assignatura a 500 réis mensaes. — Edicções economicas.

Instrumentos e Accessorios — Rabecas, Violoncellos, Flautas, Bando-lins, Guitarras, Violas, etc. — Harmoniums americanos e outros. — Especialidade em cordas e outros accessorios.

43, 44, 45 — PRAÇA DOS RESTAURADORES — 47, 48, 49 — LISBOA

BRANCO E NEGRO

SEMANARIO ILLUSTRADO

Propriedade da Livraria e casa editora ANTONIO MARIA PEREIRA, de Lisboa

Numero avulso, 40 réis

Redacção e Administração — Rua Augusta, 47, 2.º andar — LISBOA

ASSIGNATURAS (pagas adiantadamente)	3 mezes	6 mezes	12 mezes
Portugal e ilhas adjacentes.....	550 réis	1\$100 réis	2\$200 réis
Africa Portuguesa.....	650 "	1\$300 "	2\$600 "
Estrangeiro (paizes da União Postal).....	4 fr.	8 fr.	16 fr.
Brazil e colonias portuguezas da Asia e Oceania.....	1\$050 réis	2\$100 réis	4\$200 réis

BRANCO E NEGRO

SEMANARIO ILLUSTRADO

N.º 15

LISBOA, 12 DE JULHO DE 1896

1.º ANNO

NO HOSPITAL



O DIA DA VISITA

Em toda a larga enfermaria, lavada e arejada ao romper a manhã d'aquelle dia que abre em todas as semanas um clarão de alegria radiosa na sinistra mudez da doença e da morte, formigam os parentes que vêm visitar as pessoas queridas que a falta de meios roubou aos carinhos da familia.

N'uma cama, é uma creancinha que dá a os braços ao pescoço do irmão, com lagrimas de saudade pelos tempos radiantes em que brincavam juntos. N'outra, o pae, contempla com a melancolia da desesperança, o filho que, num extenuamento de forças, deixa cahir o braço descarnado sobre a alvura da coberta. E em todos os rostos, dos que chegam e dos que estão, lêem se todos os tormentos atrozes, a duvida, a esperança, o desalento, n'uma perspectiva de morte proxima e certa ou de cura rapida e abençoada.

Oh! mas esses ainda têm olhos que os podem chorar! Os outros, os que não tem visitas, abrem os olhos espavoridos para aquelle mundo buliçoso e embrulham se nas dobras do lençol, como na unica mortalha amiga que lhes pôde sentir as pulsações acceleradas das arterias e enxugar as lagrimas que o seu desamparo faz verter.

VIAGENS NO PAIZ

V

CASTRO Daire é uma das povoações da Beira Alta que, pela sua situação offerece um mais vasto e surpreendente panorama. Fica no alto de uma montanha e corre-lhe em baixo o rio Paiva. O seu nome vem-lhe de ser o seu ar muito lavado e puro. Fica a pouca distancia de S. Pedro do Sul e forma com essa encantadora região da Beira, um dos pontos mais pittorescos e mais dignos de serem visitados pelos excursionistas.



CASTRO DAIRE — Vista geral (photographia de A. Tudella)

Braga, a soturna cidade dos arcebispos, tambem tem o seu Bussaco, que é o Bom Jesus do Monte. E' para ali que muita gente foge, a retemperar-se das fadigas de um inverno turbulento. Mais apoucada e menos extensa que a do Bussaco, a paysagem que lá do alto se disfructa é, comtudo, surpreendente e encantadora. Se não fosse este ponto, Braga seria a cidade mais insipida e mais triste do paiz, com as suas ruellas de povoação medieval, as suas numerosas egrejas, as suas casas de um tão pittoresco aspecto antigo.

Isto a cidade em si; mas fóra, quem estender o seu passeio até S. João da Ponte, depára com um panorama encantador, tão imprevisito que se fica horas e horas preso, a contemplal-o n'uma vaga aspiração de viver ali o resto dos seus dias.

*

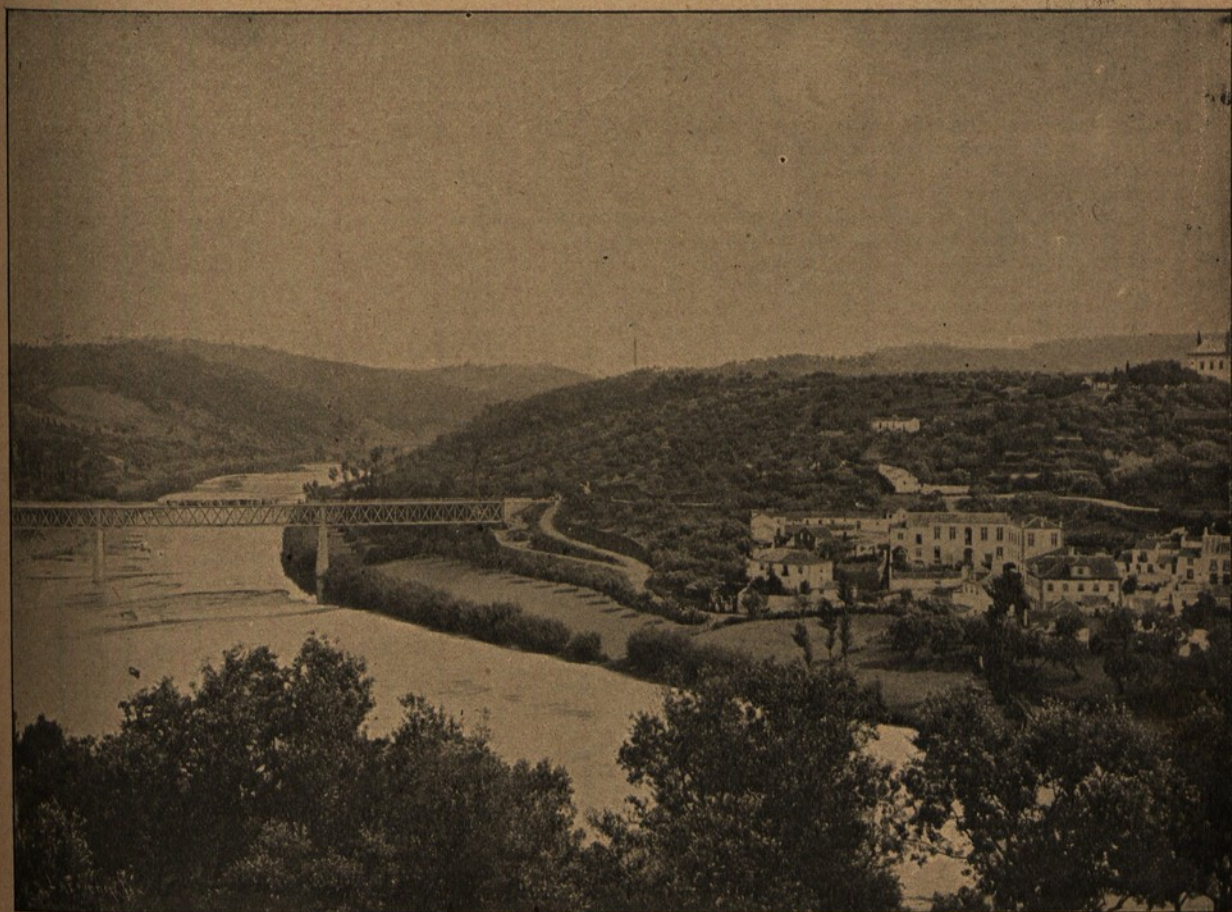
Damos hoje a photogravura do Campo da Feira, um dos pontos mais largos e mais bellos da velha cidade do Minho, visto em dia de mercado. E' a reproducção d'uma linda photographia da casa Biel.



BRAGA — O Campo da Feira



S. PEDRO DO SUL — Ponte sobre o Vouga



VILLA NOVA DE CONSTANCIA — Ponte sobre o Zezere

« CONVICÇÕES »

POR

HENRIQUE DE BARROS GOMES



O sr. conselheiro Henrique de Barros Gomes acaba de publicar um livro a que deu o titulo de *Convicções*, e que está escripto n'uma largueza de estylo que faz da sua prosa, apezar da natureza de alguns dos assumptos, talvez monotonos para espiritos superficiaes, uma prosa que se lê com intima satisfação, derivando a leitura quasi sem a gente dar por isso, de tal modo a phrase é elegante e primorosa. A sua maneira de escrever faz lembrar um pouco a maneira de Oliveira Martins, o nunca esquecido Mestre que n'estes ultimos tempos foi um dos que escreveu a lingua portugueza, tratando aliás assumptos peizados para o espirito ficticio da epocha, com a maior elegancia e pureza.

Nas *Convicções*, como de resto o titulo nos está a indicar, o sr. Barros Gomes, expõe a sua maneira de sentir em face dos grandes problemas sociais em que a epocha vaé feita, e pretende, como elle proprio diz no prefacio da obra, *não só servir, embora modestamente, a causa da religião, mas servir tambem com ella e a par d'ella, a causa da patria*

Mais do que as n'essas palavras, que são escusadas ante o valor real da obra de que tratamos, diz o capitulo que em seguida transcrevemos e que é consagrado a um dos maiores genios poeticos da França.

LECONTE DE LISLE

Se o culto supremo e absorvente da arte, a par da concepção vigorosa do ideal o mais alevantado, se a correcção de uma forma impecavel, se a mais absoluta e surprehendente riqueza na rima, variedade e perfeição no rythmo constituem as qualidades caracteristicas de um grande poeta, nenhum ha, das modernas gerações, que possa antepôr-se a Leconte de Lisle.

Não tem a sua obra poetica nem a variedade, nem a extensão da que legou á França e ao mundo o genio de Victor Hugo. Mas d'entre os escriptos d'este, só um numero relativamente pequeno ficará tendo direito de cidade na biblioteca d'eleição onde se agrupem exclusivamente os monumentos litterarios que constituem o brasão e a eterna honra do espirito humano. Bem pelo con-

trario, dos tres pequenos volumes legados por Leconte, os Poemas tragicos, os Poemas antigos, os Poemas Barbaros, nem uma só pagina haverá a eliminar. Em todas brilha por igual o cinzel perfeito do artista, a todas sobre-doura esse reflexo ideal da Suprema Belleza, de que a arte e a litteratura gregas deram á humanidade os primordios excellentes.

Foi de facto no convivio de todos os momentos com a civilisação hellenica, na inteira absorpção do seu espirito em o estudo das obras primas dos maiores poetas da Grecia, que o genio de Leconte se fortaleceu, se idealizou e adquiriu a sua perfeição extrema. As traducções da Illiada, da Odyssea e dos tres grandes tragicos gregos, as paraphrases, inexcedíveis em graça e encanto, de Horacio e Anacreonte mostram bem até que ponto o seu espirito se adaptou ás formas e ao ideal da «cultura Grecia amavel» e dos tempos aureos do Lacio.

E' o sopro de Eschylo que anima o inteiro poema dramatico das Erynias. Desde os primeiros e esplendidos alexandrinos com que os anciães de Argos a medo alludem á expedição dos gregos, ás iniquidades e crimes mysteriosos perpetrados á sombra das massiças, quasi cyclicas, muralhas do palacio dos Atridas, até ao momento supremo em que as furias, agitando se tumultuariamente, assaltam Orestes e n'elle vingam o fatal e para sempre funesto matricídio, a fatalidade antiga opprime e domina o espectador no drama de Leconte, recordando em tudo o effeito produzido pelas composições tragicas do grande mestre.

E' ainda, sob as suas diversas fórmãs, o lyrismo grego que dá encanto e perfume a esses poemas formosissimos que se intitulam Helena, Thyonêa, Glauco, Niobe, Chiron e tantos outros. Em todos se condensa e reflecte a civilisação da Grecia nos seus mythos, na sua historia e philosophia, e na incompleta mas luminosa concepção da vida: expresso tudo nos versos mais viris e harmoniosos que a lingua franceza tem sabido agrupar. Nada excede, por exemplo, em serenidade poetica e olympica magestade o sonho de Páris e o julgamento das tres Rivaes Divinas nos pinaros do Ida. E' o genio da Grecia, saccudindo o pó dos seculos, desferindo na lyra moderna o pensamento antigo, resuscitando em todo o seu encanto e frescura os «Aureos Numes de Ascreu» e a *ficção risonha* que inspirou a Hellade e Roma.

Esta perfeita apprehensão do espirito das grandes civilisações, da sublimidade dos antigos mythos, da philosophia das religiões primitivas, e não só limitada á Grecia, mas abrangendo a inteira humanidade, é o que caracteriza essencialmente a obra poetica de Leconte de Lisle. Profundamente espiritualista e instinctivamente religioso, Leconte reveste com a pompa dos mais bem cinzelados versos os antigos hymnos dos Vedas, as visões phantasticas dos Brahmanes no Ganges, o absorvente Nirvãna dos adoradores de Budha, as sombrias lendas runicas, o dogma fatalista dos musulmanos, as severas e sublimes concepções do genio hebraico e finalmente as manifestações do pensamento mystico e por vezes cruel da meia idade, ou ainda as nobres e generosas tradições da cavallaria.

Ficam como monumentos impereciveis da litteratura franceza as estrophes esplendidas do Hymno ao Sol ou Suryah; a exposiçõ de todo o dogma e philosophia da India no poema de Baghavat; a sombria narrativa das velhas lendas scandinavas no «Runoia», entre outros; a descripção da segunda e cruenta revolta do homem contra a divindade n'esse tragico poema de Caim, em que a grandeza das blasphemias apenas é excedida pelo ruido espantoso das aguas do grande diluvio, com que a justiça divina vem purificar a face da terra e apagar n'ella os vestigios dos crimes sem numero que, de todos os angulos do horizonte, bradavam aos ceus vingança e reparação.

Leconte de Lisle não tem biographia. Creculo de origem, veiu a Paris e ahi deixou escoar a vida, longe do ruido do mundo, entregue ao estudo, desprezando as grandezas ephemerãs e a popularidade vã; cinzelando, aper-

feição, idealizando a sua obra; verdadeiro sacerdote da arte na acção mais levantada e severa do termo.

Fundador da escola parnaseana, mestre entre outros, de Sully Prudhomme, de Hérédia, o poeta *dos Trophéus*, Leconte de Lisle, pela própria essência da sua obra, só podia ser aquilatado por um grupo mínimo de espiritos superiormente cultivados. A sua poesia, demasiadamente impregnada de idéas philosophicas, sobrecarregada de referencias a factos da historia e da lenda, que escapam na sua quasi totalidade ao conhecimento do vulgo, só em estreito circulo de iniciados encontrará apreciadores.

Faltam tambem á obra de Leconte, é esse é o supremo senão que a critica tem de lhe oppor, a paixão e o sentimento, isto é, as cordas primarias de todo o alaude poetico, sem as quaes nenhum poeta fará vibrar unisona a alma de um povo.

Cumpra ainda, ao escrever para leitores catholicos ácerca de Leconte de Lisle, confessar um facto mais, lamentando-o. Leconte de Lisle, espiritualista e religioso, foi no entanto, e infelizmente, um filho do seu seculo. O proprio estudo comparado das religiões, apreciadas á luz de um falso criterio positivista, não lhe deixou ver, por vezes, no christianismo mais do que um élo aperfeiçoado na evolução religiosa do pensamento. O problema humano não achára por isso solução perante a sua consciencia. A duvida cruel dilacerou a miudo as fibras as mais intimas de tão nobre coração.

Debalde procurara refugiar-se na contemplação da natureza. Perdida a certeza da ideia divina, aquella perdera por seu lado a força reparadora. A Poesia e até o Amor, na sua acção mais nobre e mais pura, igualmente haviam levantado vôo da face da terra. Oh! quem podera regressar ao tempo em que:

«Dans le pressentiment de forces inconnues,
Déjà plein de Celui qui ne se montrait pas,
O P. ul, tu rencontrais au chemin de Damas
L'éclair inespéré, qui jaillissait des nues!»

Mas hoje infelizmente:

«Les peuples flagellés ont tari leurs calices.»

e nem sequer é a onda sombria das nações barbaras o que sobre elles se precipita. Essa tivera ainda nobreza, elevação e força viril. Fôra de facto a regeneração latente da humanidade, mas hoje:

«Ce n'est pas que le fer et la torche à la main,
Le Gépi et le Hun les foule et les devore,
Qu'un empire agonise, et qu'on entende encore
Les chevaux d'Alarik hennir dans l'air romain.

Mais le poids est plus lourd, qui les courbe et les lie;
Et, corrodant leur coeur d'avarice enflammé,
L'idole au ventre d'or, le Moloch affamé,
S'assied, la pourpre au dos, sur la terre avilie.

Un air impur etreint le globe dépouillé
D's bois qui l'abritaient de leur manteau sublime;
Les morts sous des pieds vils ont abaissé leur cime,
Le sein mystérieux de la mer est souillé.

Les Ennuis enervés, spectres melancholiques,
Passent d'un vol pesant sur un monde aux abois,
Et voici qu'on entend gémir comme autrefois
L'Ecclésiaste assis sous les cédres bibliques.

Resurja pois como elemento unico de salvação a ideia divina, illumine de novo a consciencia da humanidade, erga-se triumphante, despedaçando ao terceiro dia a lousa sepulchral em que pretenderam encerral-a, e senão, antes que a alma humana de todo se afunde «n'uma apagada e vil tristeza», possa chegar breve o momento em que o globo terraqueo:

Plus lourd, plus éperdu de moment en moment,
Contre quelque univers insensible en sa force
Défoncera sa vieille et misérable écorce
Et, laissant ruisseler par mille trous béants
La flamme intérieure avec ses océans,
Ira fertiliser de ses restes immondes
Les sillons de l'espace où fermentent les mondes.

Onde e como é que entre os modernos a aspiração para Deus ennobrecer tanto uma alma de poeta?

E não seria christão a despeito da duvida que lhe dilacerou o seio, apezar das illusorias philosophias de que foi victima, o grande escriptor a quem a visão sublime do Calvario e a presença de Jesus Crucificado inspirou o hymno seguinte de triumpho e de fé?

O Jésus, dit l'Abbé, levant ses mains unies,
O source et réservoir des grâces infinies,
Verbe de Dieu, vrai Dieu, vrai Soleil du vrai ciel,
Vrai Rédempteur, qui bois l'hyssope avec le fiel
Et qui voulus du sang de tes chères blessures
De l'antique péché laver les flétrissures,
O Christ, c'était toi! Christ, c'était ton corps sacré,
Pain des anges par qui tout sera réparé,
Ton corps, substance et nourriture vraies,
Avec l'inarissable eau vive de tes plaies!
C'était ta chair, o roi Jésus! qui pendait là,
Sur ce bois devant qui l'univers chancela,
Sur cet arbre que Dieu de sa rosée inonde,
Et dont le fruit vivant est le salut du monde!
Mon Seigneur! par ce prix que nous t'avons coûté,
Gloire au plus haut des cieus et dans l'éternité
Des temps, ou pour jamais ta grace nous convie,
Gloire à toi, Christ Jésus, force, lumière et vie!

Foi a recatada existencia do poeta tão pura e cheia de nobreza como a sua lyra. Uma e outra constituiram protesto vivo contra o materialismo grosseiro da nossa epoca. Uma e outra radicam em nós a crença consoladora de que a despeito da influencia do seculo, do orgulho das sciencias, do erro das philosophias, não deixaria a atmosfera ideal em que se comprazia a alma do poeta de ter sido illuminada por um raio divino, emanado d'esse Crucificado de quem elle escreveu:

Certes, de quelque nom que la terre le nomme,
Celui-là n'était point uniquement un homme,
Car de sa chevelure et de toute sa chair
Rayonnait un feu doux, disséminé dans l'air,
Et qui baignait parfois des leurs de l'opale
Ce cadavre si beau, si muet et si pâle.

Não faltaram ao poeta nem os canticos, nem as divinas precés da Igreja, cujos representantes o acompanharam até á sua derradeira morada, associando-se ás homenagens que a França lhe prestou commovida.

N'isso vemos uma derradeira prova de quanto se legitima a supposição piedosa que deixamos formulada ao concluir, por nosso lado, este modesto preito que prestamos ao seu genio.

H. DE BARROS GOMES.

Os Cabellos de Marietta

ENTRE o arvoredado espesso e ramalhudo ha uma casa alegre e linda, onde móra o mais bello dos meus sonhos, a andaluza de modos salerosos.

São d'um verde claro as portas e janellas.

A casa é branca como um ovo e parece, de longe, um lenço acenando um terno adeus, nos calmos dias de primavera.

O sol, a prumo, atira os seus calidos raios sobre o telhado cõr de braza, onde as fadas veem poisar á noite de mistura com as andorinhas ligeiras que lá constroem os seus ninhos.

Em volta, n'uma olorençia brilhante, as giestas floridas escorrem oiro por todos os seus ramos. Espanejando as azas d'um brilho mais que doce, passam borboletas em bandos, iriadas, contentes, poisando aqui, poisando alli, n'um botão de rosa, n'um lilás, n'um lyrio branco. E as mais audazes, ciumentas, volitam no ar, em arrulhos d'amor.

Ti Lourenço do Casal, — conhecem? — é o dono d'esse ninho de pomba: morrerá-lhe a santa companheira; e a sua alegria voára com ella d'este mundo.

Muitas vezes, ao pensar na solidão em que se mergulhava, acaalentava a sinistra ideia do suicidio. Depois de um longo meditar em angustiosos dias, julgando-se só, roido pelas saudades de quem tanto adorára, ia pôr em execução a sua ideia, quando de repente se lembrou de que tinha sua netinha Marietta a servir em casa do fidalgo Menezes.

Isto só, bastou para que do seu cerebro, do seu pensamento, fugisse instantaneamente a louca ideia do suicidio.

Já os laranjaes e os limoeiros se enfloravam como para um dia de noivado. Passarada agoirenta, esfaimada, cortando o azul com suas azas pandas, poisava, iriante de alegria, tropega de voar, nas searas onde ondula o trigo esmeraldino.

*

E' chegado, enfim, o dia em que Marietta, o mais bello dos meus sonhos, entrou em casa do avô, casa risonha e poetica, como uma flôr de magnolia a abrir!

O sol que bate no eirado, ao encontrar-se com esse perfil impeccavel de donzella, ficou perdido d'amores e vem todos os dias brincar com os cachos do seu cabelo, que parecem fios d'oiro!...

Ella, a Marietta guapa, meiga, e santa, consola o pobre do tio Lourenço com as suas risadas crystallinas e francas, com a sua alegria de virgem, fazendo o esquecer os pesares do seu coração, no amoroso affago de um seu sorriso.

Assim vivem, n'essa casinha poetica e risonha como uma flor de magnolia a abrir...

Ah! como o sol brinca, no eirado, sobre os cachos do seu cabelo!

*

São passados cinco annos.

N'este dia, domingo, logo de manhã cedo, por toda a aldeia, n'uma vibração quente, n'uma expansão alegre, redemoinha, festiva e calorosamente, a gente do povoado.

Ouve-se por toda a parte o gorgear canoro e melodioso da passarada esturdia. Campesinas que passam, sarcoteiando as saias, de enxada ao hombro, expandem cantigas intimas, — de seus labios vermelhos! — intimas cantigas!...

Repicam os sinos da freguezia, n'uma febril toada. Gente que vem de longe, de visinhos povoados pergunta porque os sinos repicam.

E, de todos os labios quentes e magneticos:

— E' o casamento de Marietta com o Luiz d'Azenha.

E da bocca dos perguntantes n'um pasmo subtil:

— A neta do Lourenço, antiga creada do fidalgo?!...

— Sim, sim... Aquella rapariguinha que tem os cabellos que parecem fios d'oiro!...

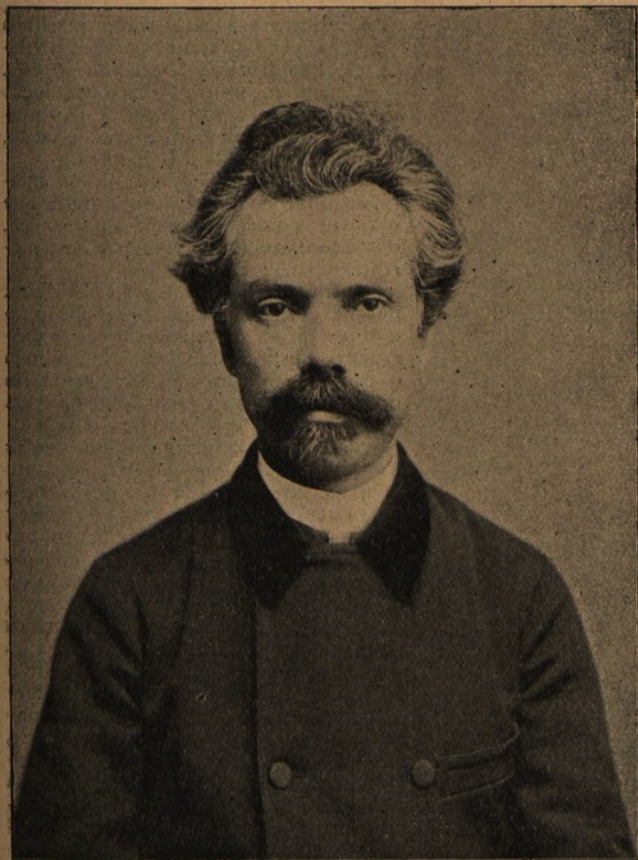
Desde então, o sol, amuado e ciumento, passa de raspão pelo eirado e já não dá os bons dias, nem brinca sobre os cabellos de Marietta!

Ah! que ciume tem o sol!...



«A QUEIMAR CARTUCHOS»

POR SILVA PINTO



SILVA Pinto, o vigoroso polemista e brilhante prosador, que, n'estes ultimos tempos, tem si-o de uma fecundidade prodigiosa, dotando as letras portuguezas com obras de boa prosa mascula, acaba de lançar no mercado mais um livro com o titulo que nos serve de epigraphe.

E' a essa obra, escripta n'um estylo incisivo e forte, que arrancamos o excerpto que segue:

HOMENS DO PORTO

BORGES D'AVELLAR

Sólido! Quadrado de hombros e de argumentação. Estou a vêr me agora na redacção do tempestuoso *Diario da Tarde*,— rua das Flôres, Porto, quasi em frente da Misericordia. Tres mezas carunchosas, pintadas de preto e com *saio* de baêta vermelha; duas a um lado da sala. A uma d'ellas, o Borges d'Avellar, com a sua face *presunto de Lamego*, os seus oculos de ouro, os seus hombros de athleta, o seu espirito de *foyer* de primeira classe. Em frente, Urbano Loureiro, o intrepido polemista, *mergulhado* no trabalho difficil e vagaroso, e a espaços demorando o olhar n'um ponto fixo, n'uma expressão mixta de ironia e de angustia. Pobre campeão da Troça, a esfusiar doestos e gargalhadas no resvalo da sepultura!

Logo que eu entrava, Borges d'Avellar arrumava os seus papeis. Não que, por fórma alguma, elle fosse um vadio de redacção, em abuso da actividade dos camaradas, mas o vigoroso jornalista era professor, era auctor dramatico *effectivo* em dois theatros e era um tanto ensaiador das suas peças. N'esse turbilhão da lucta pela vida, a minha entrada na redacção constituia-lhe a grata certeza do allivio. — «Eu ia agora mesmo principiar aqui um bico d'obra; mas, visto você ter chegado...»

— E o que vinha a ser o bico d'obra?

— E' o amigo José Maria do *Bem Publico*...

— Não diga você mais!

Não era preciso dizer mais. O José Maria do *Bem Publico*, o José do *Bem*, foi durante tres annos o alvo preferido pelo tiroeteio do *Diario da Tarde*. Merecia-o o valente polemista José Maria de Sousa Monteiro, talvez o unico adversario a sério que nós encontrámos na lucta.

Borges de Avellar abandonava a meza de trabalho, e lá ia á sua vida. Na redacção convivemos pouco. O seu meio, onde a *verve* se lhe expandia em pleno brilho, era o theatro, o *foyer*, o camarim de um artista. Então, o seu espirito muito rechejado de anecdotas centralisava a attenção. Era tolerante e até meigo para com os nescios — um modo especial de afirmar a Força.

Foi no theatro que a amargura se lhe introduziu para sempre no coração. Más paragens! diria eu, se demorando a vista na minha mocidade de ha vinte annos, não visse ahí um ponto negro, para suspeições. Mas quem se lembra de ir lá pedir quietação e remanso, como se fosse real a *mansa aldeia* pintada pelo scenographo, e como se, por detraz das paixões fingidas que o publico applaude, não germinassem paixões que levam a gafaria dos precitos ás almas serenas dos incautos?

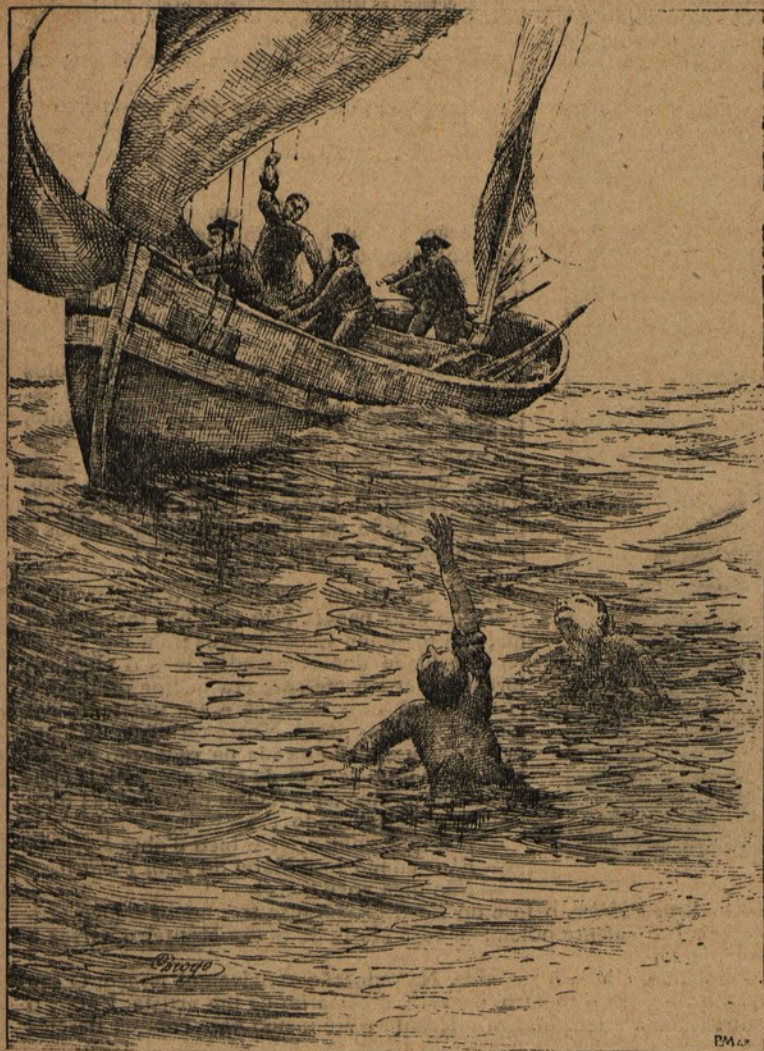
Borges d'Avellar amou no theatro, vinte e tres annos antes da sua morte. Fixo perfeitamente este praso, porque, um anno antes de elle morrer, lhe ouvi estas palavras: — «Ha vinte e dois annos que isso foi, e sinto a mesma dôr de então!» E' claro: decorrem vinte e dois annos, um seculo, uma eternidade; a *creatura* desce, rasteja, afunda-se, vae se para o céu, vae para o diabo; e, de repente, o homem surprehende-se a *escutar* o coração parado e a dizer: — «Ha já um seculo, uma eternidade, e sinto a mesma dôr de então!»

Foi no trabalho phrenetico de cada hora que elle vingou refugiar-se: salvar-se. Jornalismo, lyceu, collegios, trabalhos dramaticos, ensaios, — e, n'este labutar, a mais firme e calorosa dedicacão pelos fóros e pelos brios da *classe* a que mais se orgulhou de pertencer. Foi o trabalho da Imprensa o que menos ajudou na vida o indefesso trabalhador, e foi esse o que mais lhe deveu. Nunca uma desattenção de cérdos dinheirosos para com o jornalismo do Porto vingou passar do esboço á execucao, sem que a voz do forte jornalista se fizesse ouvir n'um grito de alarme, abafando o intuito insolente. Nas horas da crise para a imprensa jornalística, o seu nome foi sempre lembrado — foi o primeiro lembrado!

Está disperso o seu trabalho, por milhares de folhas. Creio que no *Diario da Tarde* está a mais energica expressão do seu modo de ser polemista: correcto, logico, vigoroso — e vagaroso. Quando o adversario, embravecido, invadia os dominios da injuria, o colosso dizia-lhe serenamente — que não teria remedio senão desfazer-lhe a cara. E desfazia-lh'a.

Foi meu amigo até á ultima hora. Escrevera-me na vespera da sua morte, a enviar-me uns documentos, com muito trabalho e dedicacão. Um seu collega dizia-me, alguns dias depois: — «Era bem seu amigo o nosso pobre Avellar!» Eu sei que lhe devi camaradagem leal de quinze annos, com muitas affirmacões de solidariedade nas horas do mais negro infortunio, e não se me desprende hoje o pensamento d'aquelle colosso prostrado antes da hora, tão cheio de força, de bondade, de intelligencia, e de sereno desprezo pelos maus!

O NAUFRAGIO DO "DRUMMOND CASTLE,"



Dois naufragos do *Drummond Castle* recolhidos por um barco de pescadores

que o navio mergulhou de proa, como uma pedra; o sobrevivente que contou isto diz que se viu subitamente na agua com umas 8 pessoas. Tecê os maiores elogios á presença de espirito do engenheiro-chefe, o sr. Eyre, que no momento supremo de o navio se afundar correu á casa da machina e abriu o vapor para que as caldeiras não explodissem quando o navio se submergisse. No acto de o navio mergulhar, muitas senhoras e creanças estavam em baixo, sendo este o motivo porque não houve scenas dilacerantes no convez. Com o ruido do vapor a escapar-se da caldeira não se podiam ouvir uns aos outros e os que foram para o fundo dentro do navio foram bem mais felizes do que os que queriam tentar um ultimo esforço de salvação e que desanimaram, não tanto por se afogarem mas por estarem mettidos em agua fria, luctando horas e horas contra o abysmo que os chamava. Felizmente, estes eram em menor numero.

O contra-mestre Wood e William Godholb que escaparam ao temivel naufragio, contam que o navio sossobrou tão rapidamente, que poucas pessoas ficaram á tona d'agua. Muitas das que estavam no convez foram levadas pelo navio para uma tal profundidade que morreram antes de voltarem ao cimo d'agua. Os que desceram precipitadamente aos camarotes a procurarem as pessoas de familia, nunca mais voltaram para cima.

Esta é a narração simples da catastrophe, tal como a contou um dos sobreviventes.

O que ninguem pôde imaginar é como o capitão Pierce fez um erro de calculo de 7 minutos de longitude e outros 7 de latitude. Tudo faz suppor que elle estava na persuasão de que tinha dobrado o cabo Ushant e tomara rumo para levar o navio ao Canal; mas na realidade os pharoes de Ushant não se avistaram nem se ouviu o sino; de maneira que o navio em vez de singrar sem obstaculos, abalroou no terrivel recife das Pedras Verdes que fica na ilha de Molène. Perderam-se 247 vidas; dos passageiros apenas escapou um e dos tripulantes dois.

Os tres naufragos foram apanhados por pescadores. Um d'elles, o sr. Marquardt conta que, quando o navio encahou, não calculou o perigo e prevendo que havia de passar a noite n'um escalder vestiu um sobretudo e poz um cinto de salvação. Depois, sem mesmo ter tempo para raciocinar mais, o navio submergiu-se e deixou-o na agua, agarrado a uma grade. Estava muita gente proximo d'elle; a uma mulher que se lhe agarrara ao pescoço n'aquel-

A horrorosa catastrophe maritima succedida o mez passado ao paquete inglez *Drummond Castle*, em que morreu toda a tripulação e passageiros, á excepção de tres pessoas, que se salvaram a grande custo, levou o luto a toda a Inglaterra.

O sinistro deu-se da seguinte maneira, segundo conta um jornal inglez que o ouviu a uma testemunha presencial, das que conseguiram escapar ao temeroso sinistro :

A bordo tudo ia alegre e satisfeito, não havendo a minima apprehensão do que ia succeder e estando todos os passageiros despreocupados, antevendo já o proximo regresso ás suas casas. Na propria noite da catastrophe houve a bordo um concerto e varias outras diversões, como o ultimo adeus que se trocava aquella população fluctuante que se achava reunida ali e que, dentro em pouco, se separaria, para não mais se tornar a ver. A festa acabou faltava um quarto para as 11. D'ali, muitos homens foram ainda entreter-se para o salão de fumo, ao passo que outros ficaram a passear no convez, gozando a aragem fresca da noite antes de irem para os seus beliches. Foi então que, segundo a narração do sr. Carlos P. S. E. Marquardt, um dos tres sobreviventes, o navio soffreu um ligeiro choque. Dirigiu-se para a proa, mas não deu por nada, notando que o capitão estava sobre a ponte, e que tranquillizava os que lhe ficavam proximos dizendo que não havia perigo. Muitos homens desceram aos camarotes para trazer as suas familias e amigos para o convez. No entanto não se estabeleceu o panico; o capitão, em voz calma, mandou preparar os escaleres, pondo-se immediatamente a postos tripulação e passageiros.

O capitão julgou que o navio estava preso n'um rochedo do fundo, e porisso não mandou arrear os escaleres, julgando talvez ter o tempo preciso para salvar toda a gente. Mas a realidade era peor ainda: o *Drummond Castle* tinha tombado para o recife das Pedras Verdes, perto da ilha de Molène. Foi então

le angustioso lance, ainda a pôde sustentar por algum tempo: mas de madrugada só viu o sr. Ellis, 4.º official e um passageiro cujo nome ignorava.

Agarraram-se então todos tres a uma prancha que boiava e que lhes garantia mais alguma segurança; mas o passageiro desconhecido tinha as forças exaustas e não pôde aproveitar se d'aquelle meio de salvação. O sr. Marquardt esteve quasi a deitar-lhe a mão para o segurar, mas não o conseguiu. O sr. Ellis segurou-se com o seu companheiro á prancha, mas começavam a faltar-lhe as forças e a perder a esperança de se salvar. O sr. Marquardt diz que deviam ser umas 9 horas da manhã quando elle morreu. Pouco tempo depois, com a mudança de maré, a madeira começou a dar de si. O sr. Marquardt conseguiu ainda assim conserval-a fluctuante; por fim, depois de estar 12 longas horas sobre as aguas, avistou ao longe um barco de pescadores. Gritou com toda a força que ainda lhe restava, mas não foi ouvido. Não sabe como appareceu dentro do barco de um pescador chamado Berthele, que o viu fluctuando na agua, quando voltava da pesca.

Não ha palavras que possam descrever o martyrio d'essas 12 horas passadas dentro d'agua, com a noite em volta e o temeroso abysmo debaixo dos pés.

A noite estava frigidissima. A principio gritos lancinantes rasgavam a treva; depois, esses gritos foram-se gradualmente apagando, até que em volta reinou o silencio pavoroso da morte.

Agarrou-se á taboá, sua unica esperança de salvação; crê que muitos se teriam tambem agarrado a ella se o



Como se desembarca no pharol de Ar-Mén

frio os não fizesse abandonal-a. A principio, a maré corria para as ilhas, mas depois virou e cada vez se ia affastando mais para o mar.

Esta mesma historia, com pequenas variantes, foi contada pelos outros sobreviventes Wood e Godbolb. Todos são concordes em que o navio se afundou tão rapidamente que se tornou impossivel tomar a menor medida de precaução.

A proposito d'esse terrivel naufragio, o maior, talvez, dos tempos modernos, achamos curioso dar a vista do pharol de Ar-Mén e a maneira de qualquer pessoa lá poder entrar.

Nas *Instrucções Nauticas* da hydrographia franceza vem o seguinte aviso, que, em presença do sinistro agora acontecido, parece uma verdadeira prophacia:

«Não podemos deixar de insistir no perigo que correm as embarcações que, depois de dobrar Ouessant, vindo das costas de Hespanha, não tomam a precaução de sondar.

Todos os annos se perde, em tempo de nevoeiro, um grande numero de navios, ou seja a oeste da ilha de Molène que offerece enormissimos perigos, ou seja no Cabo, ao sudoeste de Ouessant. Este triste resultado deve-se aos capitães d'esses navios que navegaram sem se preocupar com o momento da maré em que devem passar a entrada do golpho do Iroise, no espaço comprehendido entre o extremo dos rochedos de Sein e o cabo oeste da ilha de Ouessant... Se se tiver dobrado os rochedos de Sein pouco antes ou depois da maré baixa em Brest e se tiver continuado a navegar para passar a duas ou tres milhas a oeste de Ouessant, é-se arrastado por uma corrente de 5 a 7 nós que leva as embarcações para o nordeste, no Fromveur e as faz ir a pique, sem que *ninguem tenha visto até então o perigo que corria n'aquelle ponto.*»

Como se sabe, a catastrophe do *Drummond Castle* deu-se na noite de 17 para 18 de junho passado, á meia noite. Ora o *Annuario das marés* de 1896 dá para 17 de junho, a maré baixa em Brest á meia noite e 42 minutos. No momento em que o *Drummond Castle* se approximava de Ouessant, a corrente da maré assignalada nas ins-

truções estava, pois, em toda a sua força: o perigo era imminente. Como é, pois, que um marinheiro experimentado, como os que commandam estes grandes paquetes, pôde conduzir o seu navio a um desastre inevitavel, previsto e definido com uma tal precisão? Esse segredo pertence agora ao abysmo. Fosse o que fosse, o que é certo é que se o capitão inglez se enganou não foi por falta de advertencia, como se acaba de vêr.

*

O pharol de Ar-Men, que damos hoje em photogravura, está assente sobre rochedos enormes, que lhe dão uma base extremamente solida.

Até 1866, apesar de innumeradas tentativas, ninguem tinha podido approximar-se dos rochedos a mais de 15 metros, por causa da corrente de redemoinhos que ha em volta. Emfim, o syndico dos marinheiros da ilha de Sein conseguiu abordal-os, e começou-se então em 1867 o que a propria commissão dos pharoes chamava ensaios de construcção. Tratava se, antes de construir a torre, de consolidar a base em que ella devia assentar, n'um ponto em que os operarios, deitados de barriga para baixo, não podiam trabalhar senão com uma das mãos, porque a outra lhes servia para se agarrarem e não serem levados pelas vagas, emquanto um vigia avisava quando vinham as ondas mais perigosas.

Deram-se muitas desgraças. Em fins de 1867, tinha-se conseguido apenas abordar os rochedos sete vezes, e trabalhar oito horas ao todo!

Em 1869, estavam abertos na rocha os buracos para assentar os alicerces de ferro que deviam segurar a construcção e consolidar o rochedo, depois de ser abordado vinte e tres vezes e ter custado um trabalho effectivo de vinte e seis horas em 2 annos!

Ar-Men foi emfim terminado em 1892, depois de 32 annos de estudos e de esforços!

*

Para se fazer uma ideia do que são aquellas inhospitaleiras costas da Bretanha, vamos mostrar os phenomenos extraordinarios que ali se dão com as marés.

O archipelago da Bretanha e o cabo Cornouailles estão collocados á entrada da Mancha, na extremidade da Europa, como os dois pegões de uma ponte sem taboleiro, dos dois lados do braço de mar que separa a França da Inglaterra. A' hora de cada maré, a subida das aguás do Atlantico chega áquella altura e fórma um rio marinho que vae, durante seis horas, desaguar no mar do Norte, tornando depois a descer para o Oceano durante as seis horas seguintes.

Todos os dias, á hora da maré cheia, este rio gigantesco vem impetuosamente de encontro ao archipelago bretão. Estes assaltos repetidos tem cavado bahias profundas no granito da velha Armorica. O mappa dos arredores de Bres: mostra este mar eriçado de escolhos tanto mais temiveis quanto a corrente desliza directamente sobre elles.

Sobre os rochedos de Sein, no Fromveur, sobre as Pedras Verdes, esta corrente attinge 15 kilometros, á hora da maré cheia. Se é contrariada pelo vento torna se furiosa e forma ondas monstruosas que submergem os maiores navios. Se faz calmaria, o perigo não é menor. Supponha-se um vapor chegando, como o *Drummond Castle*, da costa de Hespanha para reconhecer Ouessant, e julgando fazer a sua róta para Plymouth. A' medida que se vae approximando de Ouessant, é arrastado para este pela corrente; e se a vista de terra lhe não permite mudar de rumo vae perder-se sobre as Pedras Verdes, julgando sempre que passa a grande distancia de Ouessant.

Ha ainda a notar que um terço do anno, intensos nevoeiros envolvem estas paragens. Deve comprehender-se agora o terror que ellas inspiram e os nomes sinistros d'esta região maldita, onde o fundo do mar está juncado de destroços de navios e de cadaveres de marinheiros. Os navios que passam ao largo do pharol de Ar-Men,— que já descrevemos mais acima,— vêem-o elevar-se, sem suporte apparente, a 29^m, 80 acima do nivel mais alto do mar sendo a sua base de cerca de 6 metros acima do seu nivel. Adivinha-se por aqui que a atracagem ao pharol não é facil. E no emtanto, é preciso ir render os vigias da torre. Imagine-se, por um tempo calmo (porque d'outro modo não ha meio de lá ir), o solido vapor das pontes e calçadas com a ancora no meio da corrente, o mais proximo possivel do pharol e em solavancos continuos, mesmo por um bello tempo. Para resistir á corrente, é obrigado a fazer marcha para a frente para se manter parado, fazendo frente á corrente. Da torre lança-se um cabo que se procura agarrar de bordo com o auxilio de um croque que está fixo a uma ponta do cabo.

Isto feito, amarra se o cabo ao mastro de mezena, e installa-se em cima o vae-vem que completa este systema de desembarque.

Qualquer pessoa que queira visitar o pharol tem de pôr um cinto de salvacção para o caso em que quebre alguma coisa e sentar-se n'uma prancha, onde se não livra de tomar um banho, a menos que as ondas não se encarreguem de o fazer ir para o fundo, sobretudo se fizer um falso movimento durante a viagem aerea que tem a effectuar até á porta do pharol. Os marinheiros e os profissionaes, não se servem da prancha e agarram se á corda, para escapar ás ondas. Trepam assim á força de pulso.

*

A lista das victimas d'este horroroso naufragio sóbe, como já dissemos mais atraz, a 247. Um dos passageiros, architecto em Cardiff, vinha de volta a Inglaterra, d'onde tinha sahido em setembro do anno passado, em companhia de sua esposa e seus filhos, duas creanças lindissimas, que tinham tirado pela primeira vez o retrato poucos dias antes de embarcarem.

O drama mais triste no meio de tão angustiosos dramas, é sem duvida o acontecido a uma familia cujo chefe tinha ido para o Cabo ha quarenta e oito annos. Quando em Inglaterra se teve noticia do sinistro, recebeu-se que elle trouxesse consigo toda a familia, que são umas quinze pessoas; afinal veio a saber-se que vinham só dez.

Entre as victimas contam-se ainda as seguintes: A mulher de um engenheiro das minas d'oiro de Joannesburg, que vinha acompanhada de seus tres filhos; um ministro da igreja anglicana que vinha com a sua segunda mulher no *Drummond Castle*. Tinha começado a sua carreira em 1864 e durante 30 annos viajou por toda a parte sem que lhe tivesse acontecido qualquer desgraça nas suas longinquas peregrinações. Actualmente era superintendente em Stootports. Por causa da doença da mulher tinha ido para as ilhas Canarias em meados de maio e nas Palmas embarcou no *Drummond Castle* para recolher á Inglaterra.

Dois irmãos que eram fabricantes de algodão tambem são do numero das victimas d'este temeroso naufragio. Um d'elles estava doente ha um anno e tinha ido para o Cabo mudar d'ares. O outro acompanhava-o. Eram ambos solteiros.

De toda esta gente ainda o mar conserva os corpos, não tendo até hoje apparecido nenhum.

E outros muitos casos lancinantes, cuja narraçao não caberia nas paginas do nosso jornal se quizessemos enumeral-os.

Esta catastrophe, pelas condições em que se deu e pelas victimas que occasionou, é com certeza uma das mais horrorosas que se tem dado nos ultimos tempos.

OS FESTEJOS DA RAINHA SANTA IZABEL EM COIMBRA

OUTR'ORA o povo no seu ingenuo mysticismo considerava unguidos do ceu aquelles que levavam uma vida toda de piedade e de sacrificio, sem vaidades ou ostentações, para derramar sobre a humanidade a cornucopia do bem ou para a escudar contra as iniquidades.

Foi n'estes suffragios que os pontifices romanos por tantos seculos basearam a canonisação da maior parte dos vultos que enchem os altares das egrejas e os annaes agiologicos.

O culto ainda subsiste: mas, em que pése ao ultramontanismo, elle tem hoje manifestações mais consentaneas com os progressos modernos; para se perpetuar o nome d'um altruista já se não recorre ás regras lithurgicas, cujo descredito o livre exame vae accentuando dia a dia, mas é o bronze ou o granito que no meio das praças publicas proclama ás gerações que houve quem conquistasse a consagração popular com uma epopeia de virtudes!

O suave perfil da santa rainha é um dos que mais realçam d'entre todos os que a multidão se acostumou a vêr aureolados por um nimbo de divindade.

Tanta devoção merece que houve tempo em que o seu altar não tinha espaço para se pendurar mais votos e a sua lampada não chegava a consumir n'um anno o oleo que lhe era offertado n'um só dia!

O povo conimbricense, que a elegeu sua padroeira e que á sua intercessão celestial recorre confiado para fustigar os flagellos e as calamidades, conserva-lhe ainda intacta a lenda piedosa e perfumada, em que ha flores que se metamorphoseiam em esmolas e bençãos que desabrocham em milagres, que é por certo a mais bella e encantadora que se germinou na imaginação unctuosamente poetica dos peninsulares...

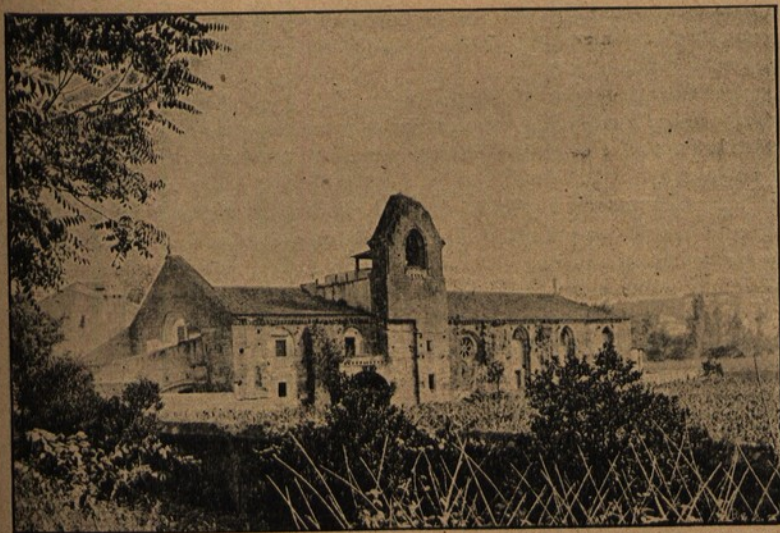
Nos quatro dias da festividade, que ora se lhe celebra biennialmente, o regosijo publico é geral e expansivo. Nas ruas por onde passam as procissões improvisam-se arcos triumphaes e illuminações phantasticas, os sinos vibram quasi incessantemente em repiques de gala, os pyrotechnicos esforçam-se por apresentar novidades prodigiosas e deslumbrantes, as fanfarras atroam os ares com as notas dos hymnos estridentes; a mocidade alegre e enamorada, sob pavilhões floridos ou em gondolas illuminadas deslizando suavemente no rio, infiltra nos na alma ternuras e encantos com as canções vivazes e travessas das suas serenatas; promovem-se para cada hora attrahentes diversões, se é possivel, e em tudo se procura imprimir a nota do fausto, da pompa, da sumptuosidade! Então de todos os pontos do paiz afflue allí, a participar de tantas galas e de tantos enthusiasmos, uma intensa multidão toda contemplativa de tradições e toda avida da curiosidade ethnographica.

EVOLUÇÃO DO CULTO. — N'alguns documentos immediatamente posteriores á morte da virtuosissima rainha já encontramos o seu nome precedido da classificação de *gloriosa santa*. O papa

Leão X beatificou-a para acquiescer ás instancias da côrte portugueza (15 de abril de 1516) e no competente breve permittiu que se lhe prestasse culto religioso em toda a diocese conimbricense. Paulo IV estendeu essa graça a todo o paiz (21 de janeiro de 1556) sendo expedidas cartas a todos os bispos e ao provincial dos conventuaes para a sua completa execução. Paulo V dilatou esse privilegio ao reino aragonez (1 de junho de 1616), patria da beatificada. Poucos são os vultos do agiologio que conquistaram assim rapidamente uma tão extensa area de devoção. O que mais custou a obter, esgotando-se n'isso os esforços d'alguns monarchas portuguezes e muitos mil cruzados do nosso erario, foi a sua inscripção solemne no catalogo das



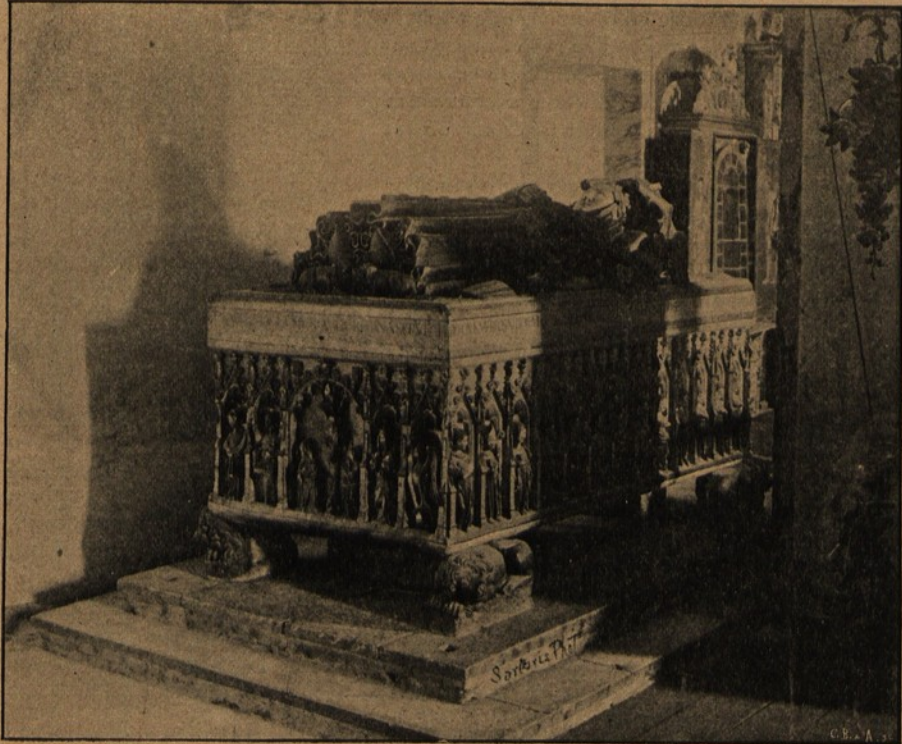
A RAINHA SANTA



ANTIGO MOSTEIRO DE SANTA CLARA EM COIMBRA

santas. Teve de-se proceder para esse fim á investigação rigorosa dos milagres e acções piedosas, que a tradição lhe attribuia, no sentido de ser elaborado um processo em ordem. O papa Urbano VIII, depois de ouvir o consistorio secreto em tres demoradas sessões, decretou a canonisação da rainha já beatificada (25 de maio de 1625). Um padre jesuita portuguez, que então se encontrava na capital do mundo catholico, descrevendo esta solemnidade, de que foi testemunha ocular, diz que a pompa foi extraordinaria e o entusiasmo collossal.

Quando os conimbricenses tiveram noticia d'este acontecimento celebraram-n'o com mil e uma demonstrações de jubilo. Por espaço de tres dias os sinos repicaram a miudo e nas noites correspondentes as janellas ostentaram uma profusão de tremulas luminarias. Nos altares de todas as egrejas foram elevados louvores ao ceu por entre os perfumes da myrra e as harmonias do orgão. Prepararam-se para algum tempo depois festejos mais apparatusos e surprehendedes. Foi construido um enorme amphitheatro para todos os habitantes da cidade assistirem aos mais variados espectaculos em que na arena tomava parte a fina flôr da nobreza. Durante sete tardes consecutivas representaram-se engenhosos enredos, lidaram-se touros ferozes, effectuaram-se jogos d'armas, etc. Por fim houve uma imponentissima procissão, que percorreu as ruas principaes da cidade, na qual se destacavam muitos carros com soberbas figuras allegoricas. Por provisão do desembargo do paço foi auctorisada a camara



O ANTIGO TUMULO DA RAINHA SANTA .

municipal a desviar do cofre do real d'agua até á quantia de seis centos mil réis para dispender n'estes festejos. No paço das escolhas celebrou-se um grandioso certamen em que foram concedidos premios aos poetas que em diferentes linguas cantaram as virtudes da nova santa.

O primeiro officio canonico d'esta bemaaventurada tem a data de 1:31.

Havia annualmente no collegio das artes uma festividade á santa rainha com a assistencia obrigada do corpo docente universitario, no dia que a igreja lhe destina, e os padres jesuitas possuiam uma larga collecção de poesias que costumavam recitar n'essas solemnidades.

O senado conimbricense em todos os tempos se associou ao culto da rainha santa. Em cumprimento da carta regia de 27 de maio de 1516 fazia annualmente uma luzida procissão. Tomava-se como desacato a falta a este acto dos individuos que eram convidados; e assim vemos que, por provisão do desembargo do paço de 11 de agosto de 1667, foi ordenado ao corregedor da cidade que prendesse na cadeia por dez dias o escrivão da conservatoria da Universidade por não ter comparecido a fim de pegar n'uma vara do pallio! Tambem na sua sessão de 24 de fevereiro de 1756 a proclamou padroeira da cidade contra os tremores de terra e outras semelhantes desgraças.

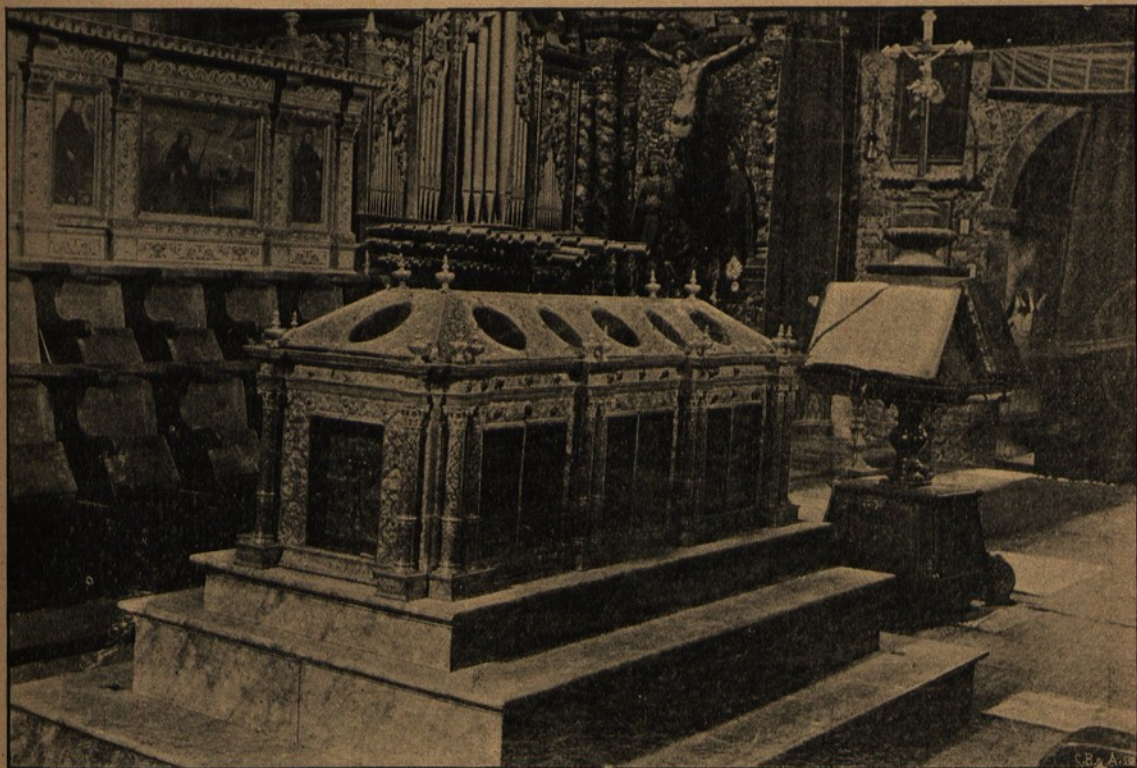
E' de ha quasi dois e meio seculos que data a procissão em que é conduzida n'um andor a imagem da santa rainha. Teve principio em 1647, mas, pelo estado nascente da confraria, era de pouca pompa; o que n'ella sobre-saia era o acompanhamento das charamellas e capella de musica de canto dos padres franciscanos. Por provisão do desembargo do paço de 15 de julho de 1771 foram ordenadas algumas medidas tendentes a revesti-la de toda a imponencia. Já no anno immediato n'ella foram incorporados — o senado e justiças da cidade, os juizes e bandeiras dos officios, as collegiadas e irmandades, os terceiros e todos os religiosos do mosteiro e collegios da ordem franciscana. Hoje é ainda essa procissão considerada a primeira do paiz pela sua pomposa imponencia e grande concurso de irmandades. Juncto do andor costumam ir muitas penitentes, com o habito de freira, e é enormissima

a contingencia de arjinhos. E' esta a unica procissão em que os lentes universitarios pôdem ostentar as suas insignias doutorais.

Vimos ainda em nossos dias visitar alternadamente o tumulo da santa rainha dois luzidos prestitos. O primeiro era do corpo docente universitario, e fôra instituido a 21 de março de 1626, deferindo assim o claustro pleno um requerimento que havia sido dirigido á corôa pela abbadessa e religiosas do mosteiro; o segundo era do cabido, e datava de 29 de outubro de 1682, e fôra estabelecido por disposições testamentarias d'um bispo-conde que legou duzentos e cincoenta mil réis com o fim dos juroz serem divididos em propinas aos conegos que fossem n'essa religiosa peregrinação. Nos ultimos annos, porém, foram elles supprimidos por medida de economia.

São numerosos os rescriptos da santa sé que concedem indulgencias aos devotos d'este gracioso vulto do *Flos-sanctorum*.

MOSTEIRO DE SANTA CLARA. — O antigo mosteiro, que a santa rainha havia fundado e sob cuja abobada passou vida religiosa depois da sua viuvez e escolheu a sepultura, está quasi soterrado em consequencia da elevação do leito do Mondego. Foi começada a sua construcção no anno de 1286. Hoje só restam as paredes e abobadas do côro e da egreja e já desapareceu em grande parte a propria abside da nave central. São muito veneradas essas



O NOVO TUMULO DA RAINHA SANTA (onde estão actualmente guardados os seus ossos)

ruinas por importantes factos da historia patria, que lhe andam adstrictas, e por serem as reliquias d'um padrao da magnificencia da architettura gothica. No meado do seculo XVII deixou esse vetusto edificio de ser clausura das monjas e cessou n'elle o culto.

TUMULOS DA RAINHA SANTA. — No testamento da santa rainha encontra-se esta disposiçao: «e mando soterrar o meu corpo no meu mosteiro de Santa Clara de Coimbra em o mausoleu do côro...» Quiz a excelsa mãe-dos-pobres dormir o eterno somno sob uma fabrica construida a expensas suas e n'uma cidade onde tanto floresceram as suas virtudes! O seu derradeiro querer foi satisfeito por el-rei D. Affonso IV, seu filho, contra a vontade de muitos conselheiros e fidalgos da côrte, pois, como se sabe, o obito deu-se na villa de Extremoz, em 4 de julho de 1336, e a remoçao do cadaver, que teve de ser embalsamado, foi, além de assás dispendiosa, muito incommoda por ser feita na quadra calmosa. O tumulo, a que se allude no texto transcripto, havia sido mandado lavrar pela propria rainha, alguns annos antes da sua morte, e ainda hoje se encontra em excellente estado de conservaçao. E' todo d'uma só pedra; nas faces lateraes vêem-se em ordem processional estatuetas em baixo relevo, com differentes insignias, representando os doze apóstolos e varios santos; na parte superior da tampa está deitada a imagem da santa esposa do rei lavrador, vestida com o habito de religiosa clarista, tendo á cabeceira dois anjos que sustentam thuribulos e aos lados o bordão e os alforjes de peregrino. O ataude, porém, já hoje se não encontra dentro d'essa riquissima peça de arte esculptural. E' guardado em cofre de prata guarnecido de finos e delicados arabescos. N'esse tumulo lê se esta inscriçao: «D. Affonso de Castello Branco, bispo de Coimbra, fez esta obra em louvor da Rainha Santa. Anno de 1614.» Este precioso objecto, que pésa oitenta e tres kilogrammas, custou ao devoto prelado a quantia de quinze mil crusados. Os dois tumulos foram removidos do antigo para o novo mosteiro, que domina o monte fronteiro á velha cidade universitaria, vendo-se o primeiro no côro inferior e o segundo no côro posterior.



HISTORIAS PARA CRIANÇAS

O SOLDADO

ERA uma vez um soldado, que, tendo acabado o seu tempo de serviço, recebeu a baixa e metteu-se a caminho de volta á sua terra.

Ora o bom do soldado não tinha uma riqueza por ahí além; levava apenas no bernal, um pão de munição e quatro vintens. Mas o principal, é que alegria não lhe faltava. Ia no seu caminho, muito contente da sua vida, quando encontrou um pobre que lhe pediu uma esmola.

— «Eu não sou muito rico, homemsinho,— disse lhe elle — mas emfim, metade do meu pão e um vintem, sempre lhe servirá d'alguma coisa.»

O pobre agradeceu muito e o soldado continuou o seu caminho.

Mais adeante encontrou outro pobre ainda mais doente e velho que o primeiro. O soldado teve muita pena e deu lhe outra metade do pão e um vintem.

Mais adeante terceiro pobre :

— «Mau ! Isto já me parece historia !...»

Resmungava elle. Mas, como era muito bom rapaz, logo que o pobre lhe pediu deu-lhe os dois vintens que ainda tinha.

Agradeceu muito o pobresinho e disse lhe :

— «Em recompensa das esmolas que me tens dado, fica sabendo que para o teu bernal irá tudo que desejares.»

O soldado desatou a rir perguntando :

— «Pois quem és tu ?»

— «Eu sou S. Pedro, que me disfarcei nos tres pobres que encontraste.»

— «Para quê ?»

— «Lá no céu corre como certo que os soldados são muito maus e então eu vim cá ver.

«Como tu foste caridoso, deixa estar que nada te hade faltar no bernal.»

Mal acabou de dizer isto desapareceu o santo e o soldado ficou a rir imaginando que o pobre lhe tinha estado a fazer troça.

Continuou o seu caminho até que chegou a uma terra onde havia uma grande festa. Todas as casas estavam cheias de forasteiros, que não havia um canto onde um pobre se estendesse, nem um caldo que não fosse pago por bom dinheiro. Ora o soldado tinha uma fome e um somno que mal se podia ter em pé. Chegou á hospedaria e pediu, que ao menos o deixassem estar na cosinha sentado n'um banco da lareira. Tiveram dó d'elle e deixaram-no entrar. Elle descansava as pernas, mas a fome é que não descansava.

Com o cheiro dos bons petiscos, que se cosinhavam, ainda ella augmentava; mas, como não tinha dinheiro, não se atrevia a pedir nada. Lembrou se do pobre e disse lá com os seus botões :

— «Deixa cá ver se elle mentiu !...»

Estavam umas perdizes no espeto a assar, muito loiras, muito apetitosas, já promptas para serem servidas aos hospedes ricos e vae elle :

— «Perdizes para o meu bernal !»

Immediatamente, com grande espanto da cozinheira, desapareceram as perdizes. Em vista d'isto ficou o soldado acreditando, que na verdade estivera com S. Pedro, e já para a ceia não se contentou com as perdizes. Viu um taboleiro de pães e desejou um dentro do bernal. Depois uma garrafa de vinho do melhor que houvesse na adega.

Começou então a lamentar-se, que tinha muito somno, que pelo amor de Deus lhe dessem um quarto, que já não podia comsigo.

Tanta lamuria fez, que o dono da hospedaria, aborrecido de o ouvir, acabou por lhe dizer :

«Olhe, eu tenho ahí um quarto, mas não lhe levo dinheiro por elle, se você lá ficar.»

— «Oh senhor ! Isso é uma grande fortuna e uma grande esmola que me faz.»

— «Pois escusa de agradecer porque não lhe faço favor nenhum. Anda lá o *medo* no tal quarto e quem lá fica apparece morto de manhã.»

— «Um soldado nunca tem medo, dê me o senhor o quarto e o resto fica por minha conta.»

Ensinaram lhe para onde havia d'ir e deram lhe uma luz.

Fechou a porta á chave, com as perdizes, o pão e o vinho, que encontrou dentro do bernal, deitou-se e adormeceu logo, mais feliz que um rei.

Mas, d'ahí a pouco, qual dormir nem qual historia ! Eram picadas, bofetadas, pancadaria, um tal barulho no quarto, que não podia pregar olho.

Accendia a luz e nada via : logo que a apagava sentia a mesma coisa !

Zangou-se deveras e disse :

— «Tudo para dentro do meu bernal !»

O barulho acabou, como por encanto e elle dormiu d'um somno até de manhã.

Quando sahiu do quarto todos ficaram admirados e o dono da hospedaria foi-lhe perguntar se não tinha visto nada :

— «Vi, sim senhor ! Mas d'aquí em deante escuzám de ter medo, porque o mal vae todo dentro do meu bernal.»

Ficou o homem todo contente, abraçou o soldado, deu-lhe de almoçar e offereceu-lhe o dinheiro que quizesse

D'alli vae o soldado a uma forja e diz ao ferreiro :

— «Bata n'este bernal com quanta força tiver.»

O homem assim fez, descarregou o martello umas poucas de vezes e depois abriram o bernal e sahiu de lá uma nuvem de diabos, uns com as pernas partidas, outros os braços, outros a cabeça, todos a gritar contra o soldado, que ria como um perdido.

D'alli foi elle andando, andando até que chegou á sua terra e lá viveu muitos annos feliz como ninguem.

Nada lhe faltava porque tudo quanto desejava ia encontrar dentro do bernal. Mas, passado muito tempo, aborreceu-se de viver cá no mundo e resolveu ir para o céu. Pegou no bernal e foi andando até que encontrou dois caminhos. Um era muito custoso de subir, cheio de pedras e espinhos, as silvas tomavam-no todo e os que conseguiam passar ficavam com as carnes ensanguentadas, cançados e miseráveis chegavam ás portas do céu...

O outro caminho era todo florido, a descer, uma bella estrada sem pedras nem espinhos até chegar ao inferno...

O soldado não quiz saber de mais nada, andou por alli abaixo e foi bater á porta.

Abriam-lhe logo, mas mal o viram os diabos fizeram um alarido medonho e fecharam-lh'a na cara :

— «Que era aquelle maroto que lhes tinha batido ; que fosse para onde quizesse, que lá no inferno é que não entrava !»

De mau humor ficou o soldado, mas emfim, não teve remedio senão pegar no bernal e com todo o custo subir o caminho do céu.

Chegou á porta e bateu ; abriu S. Pedro o postigo a ver quem era e disse logo :

— «Ah ! Tu por cá ? Pois vae por onde veste, que no paraizo é que não entras.»

O soldado que ouvia já os cantos dos anjos e via o esplendor de mil soes e perfumes deliciosos lhe vinham como principio de felicidade eterna, respondeu :

— «Ora essa, Senhor S. Pedro ! Então eu não hei-de entrar no céu ? que mal vos fiz eu ?»

— «Que fizeste ? ! Foste primeiro ao inferno antes de vir aqui !»

— «Lá isso é verdade, Senhor S. Pedro, mas foi por ver o caminho muito difficil de subir.»

— «Pois sim, sim ! Mas cá é que não entras !»

— «Então sento-me aqui fóra porque estou muito cançado. Mas, ao menos, guarde-me ahi o meu bernal.»

S. Pedro consentiu e recebeu o bernal pelo postigo. Mal o soldado o apanhou lá dentro, disse :

— «Desejo-me dentro do meu bernal !»

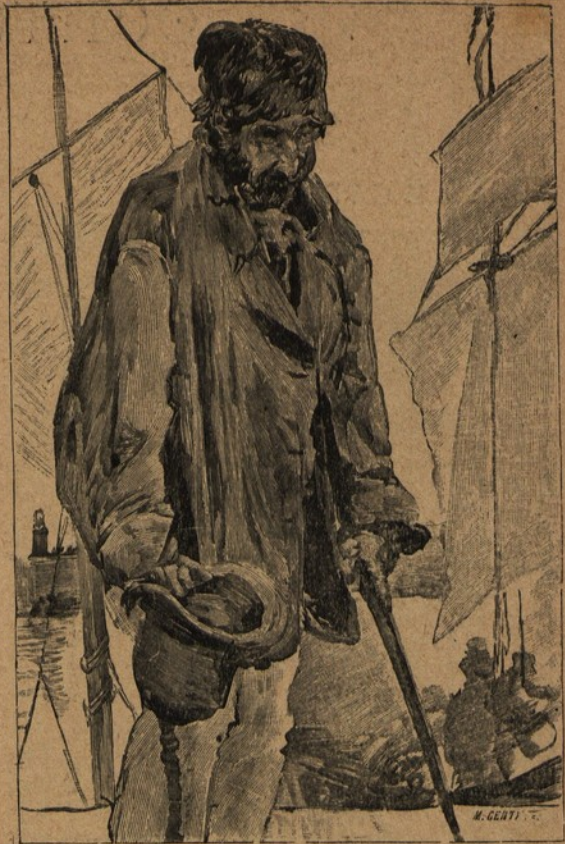
Immediatamente se viu lá e portanto no céu. S. Pedro achou-lhe muita graça, abraçou o soldado, que lá ficou para sempre muito satisfeito.

Quando a nossa alma é bôa, ainda quando os procuremos, fogem de nós os maus.

Quando praticamos o bem, ainda que o esqueçamos no presente, temos a certeza de o encontrar mais tarde transformado em alegrias eternas para o nosso coração.

Setubal.

D. ANNA DE CASTRO OSORIO.



Duvidas?...

Porque duvidas tu, porque descrês
D'um formoso ámanhã pleno de amores,
Depois do inverno géli lo, não vêm
Nascer da terra as flôres?...

Porque duvidas tu, se, hoje, o presente,
Te parece brumoso e côr da treva,
A flôr que cáe, no outomno, brandamente,
A viração a leva!...

E' toda claridade e primavera !
Tem dentro um sol de rútilo fulgir.
Ah ! não duvides, pois, tem fé e espera...
Espera no porvir !

A viração a leva, mas, mais tarde,
A' terra volve, em flôr, um outro dia,
Assim tambem o sol, em seu poente, arde,
E outro globo alumia...

Assim tambem minha alma, que parece
Toda de gelo, e toda frialdade,
De intimo amor, por ti, toda estremece,
E é toda claridade!...

CONTO MUÇO

1
CÃO E GATO



4 5

6 7



8 9

10 11



12 13

COISAS ÚTEIS

O QUE SE DEVE JANTAR

(Vidé os n.ºs 2, e seguintes do nosso Jornal)

DOMINGO. — Sopa de rabo de boi. Frituras de presunto. Peixe-gallo cosido com molho de manteiga. Ervilhas com frango. Pato com arroz. Compota de ginjas.

SEGUNDA-FEIRA. — Sopa de missanga. Fataça cosida com azeite e vinagre. Abobora guizada. Pastelão de carne. Vitella com feijões. Doce de tomate.

TERÇA-FEIRA. — Sopa de maysena. Filetes de pescada com molho de tomate. Feijão carrapato guizadô. Carne de porco assada com batatas. Salada de alface. Compota de morangos.

QUARTA-FEIRA. — Sopa de purée de ervilhas. Pastellinhos de peixe. Nabiças com toucinho. Lombo de vacca assado. Salada de feijão verde. Leite creme.

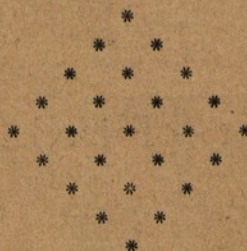
QUINTA-FEIRA. — Sopa de farinha de arroz. Bacalhau cosido com couves. Almondegas de carne. Frango assado. Alcachofras com molho branco. Compota de peros.

SEZTA-FEIRA. — Purée de feijão branco com hortaliça. Pastellinhos de bacalhau. Eiroz grelhada. Pargo assado. Esperregado de nabiças. Frituras de batatas das Ilhas.

SABBADO. — Sopa de grãos com espinafres. Carapaus fritos. Bifes de cebolada. Carneiro assado. Salada de agriões. Puding de laranja.

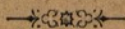
SECÇÃO RECREATIVA

ROMBO FEMININO



Mudam se as estrellas em letras e leia se horisontal e verticalmente as mesmas palavras.

ALVES JUNIOR (Porto).



Decifração do *Mozaico*:

Dá nos a amizade, e os amores
A inveja e os pezares só dissabores.

Decifração do *Passa-Tempo*:

Bronze
rochedo
azinabre
nitro
carvão
ouro

estanho

nitro
enxofre
gesso
rubim
opala

Ultimas novidades litterarias

Os noivos, romance de Teixeira de Queiroz, nova edição, inteiramente re-fundida, 2 vol. com o retrato do auctor, br. 1\$000 rs. Enc. 1\$400 rs.

Convicções, estudos e leituras, por Henrique de Barros Gomes, 1 vol. br. 600 rs. Enc. 800 rs.

O velho thema, drama em 5 actos, de Marcellino Mesquita, 1 vol. br. 400 rs.

Pelo mundo fóra, por Maria Amalia Vaz de Carvalho, 1 vol. br. 500 réis. Enc. 700.

Versos, de Carlos de Pina Machado, 1 vol., com uma carta posthuma de João de Deus e o retrato do auctor, br. 600 rs.

A rir e a serio... por Alberto Bramão, 1 vol. br. 500 rs. Enc. 700 rs.

Na Azenha, contos de Marcellino Mesquita, 1 vol. br. 500 rs.

Velocipedia prática, por D. Miguel de Alarcão, 1 vol. com desenhos explicativos, br. 300 rs. Enc. 500 rs.

EDITOR: — ANTONIO MARIA PEREIRA

CASA FAVORITA

DE

F. SANTOS DINIZ

51 — PRAÇA DOS RESTAURADORES — 51

(AVENIDA DA LIBERDADE)

LISBOA

PIANOS COM MOTOR

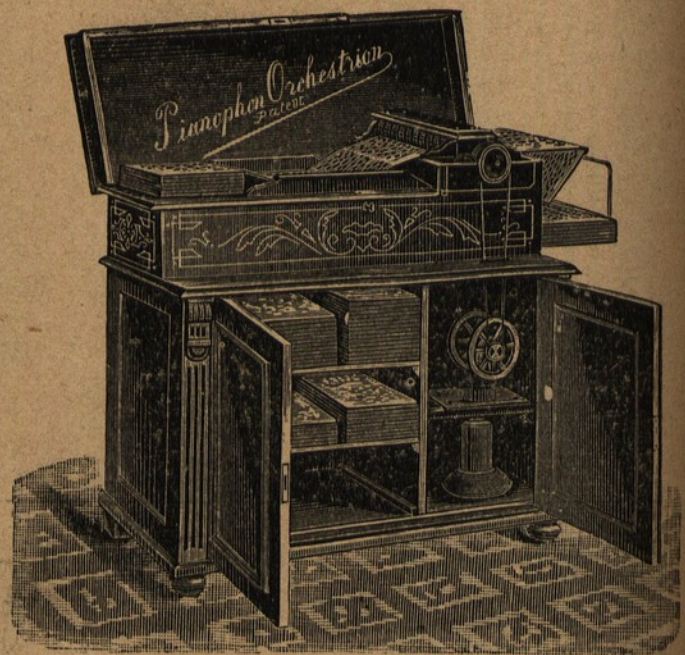
A **CASA FAVORITA** da Praça dos Restauradores, 51 (Avenida da Liberdade), acaba de receber um completo sortimento de **PIANOS COM MOTOR (sem teclado)**, e bem assim pianos melódicos com movel dos systemas mais aperfeiçoados. — O piano com motor representa o instrumento mais bello e mais barato. — A superioridade a todos os outros instrumentos, ou caixas de musica, consiste nas vantagens:

1.^a de se poder tocar seja qual fôr a musica das 1:000 de que consta o catalogo. — 2.^a de se poder tocar todo o dia sem interrupção e sem cuidado e correctamente — 3.^a que o piano com motor é muito mais vantajoso em preço e transportibilidade. — 4.^a que desarranjos, etc., são quasi impossiveis. — **O PIANO COM MOTOR** produz a musica por cordas metallicas. O systema dos martelos vibrantes dão a este pequeno instrumento um som maravilhoso, lembrando o bandolim ou o piano. O conjuncto é d'um effeito maravilhoso, e o instrumento por si mesmo regula, por um mechanismo muito engenhoso, o Pianissimo, Crescendo e Fortissimo, segundo a musica original.

TODOS, mesmo os conhecedores, ficam encantados da musica e som, e admiram a sonoridade e afinação do pequeno instrumento. — A musica distingue-se pela sua perfeição, não fazendo ouvir nenhuma desharmonia.

As musicas são indestructiveis (tela com papelão, dos dois lados) o seu comprimento é illimitado sempre segundo o original, de modo que se póde tocar Overtures, Pot-Pourris, etc.

O repertorio é grandioso e bem escolhido — 1:000 bocados de composições populares. **O PIANO COM MOTOR** além de bonito movel, substitue completamente o piano de 40 ou 50 libras, tendo uma força de som capaz de fazer dançar n'uma sala 300 pessoas. Qualquer creança o póde manejar. — O motor funciona sem perigo, não exige cuidado, e toca dia e noite.



A Estação de Paris

O melhor jornal de modas que se publica em lingua portugueza

REDACTORA: D. GUIOMAR TORREZÃO

SAE 3 VEZES POR MEZ

Os assignantes da ESTACAO DE PARIZ recebem GRATUITAMENTE a CHRONICA, lindissimo jornal litterario, illustrado e de biographias, que tem já publicado os seguintes retratos e biographias: João de Deus; Conselheiro H. de Barros Gomes; Visconde de Ouguella; Conde de Burnay; Dr. Sousa Martins; Dr. Manuel Bento de Sousa; Dr. Virgilio Machado; Conde do Casal Ribeiro; Padre Senna Freitas; Conselheiro João Franco; D. Anna Peito de Carvalho. Cada biographia é acompanhada d'um soberbo retrato impresso separadamente em papel velino.

Typographia e Stereotypia MODERNA — Apostolos, 11, 1.^o, LISBOA

BRANCO E NEGRO



A BYCICLETISTA

PREÇO 40 RÉIS

N.º 16

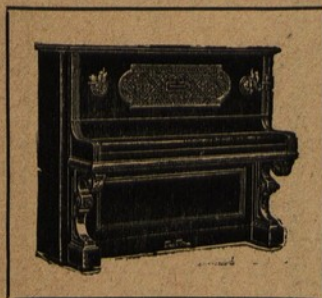


FORNECEDOR DA CASA REAL



FORNECEDOR DA CASA REAL

LAMBERTINI



PIANOS DE
 STEINWAY & SONS, C. BECHSTEIN,
 PLEYEL WOLF & C.^{IE}, C. HARDT, GAVEAU,
 CAROL OTTO, AUCHER FRÈRES,
 A. BORD, LAURINAT & C.^{IE}, A. FORSTER,
 ETC., ETC.

UNICO DEPOSITARIO DOS CELEBRES PIANOS DE BECHSTEIN

MUSICA — Grande sortimento. Sempre as ultimas novidades. Aluguel de musica por assignatura a 500 réis mensaes. — Edicções economicas.

Instrumentos e Accessorios — Rabecas, Violoncellos, Flautas, Bando-lins, Guitarras, Violas, etc. — Harmoniums americanos e outros. — Especialidade em cordas e outros accessorios.

43, 44, 45 — PRAÇA DOS RESTAURADORES — 47, 48, 49 — LISBOA

BRANCO E NEGRO

SEMANARIO ILLUSTRADO

Propriedade da Livraria e casa editora ANTONIO MARIA PEREIRA, de Lisboa

Numero avulso, 40 réis

Redacção e Administração — Rua Augusta, 47, 2.º andar — LISBOA

ASSIGNATURAS (pagas adiantadamente)	3 mezes	6 mezes	12 mezes
Portugal e ilhas adjacentes.....	550 réis	1 \$ 100 réis	2 \$ 200 réis
Africa Portuguesa.....	650 " "	1 \$ 300 " "	2 \$ 600 " "
Estrangeiro (paizes da União Postal.....)	4 fr.	8 fr.	16 fr.
Brazil e colonias portuguezas da Asia e Oceania.....	1 \$ 050 réis	2 \$ 100 réis	4 \$ 200 réis

BRANCO E NEGRO

SEMANARIO ILLUSTRADO

N.º 16

LISBOA, 19 DE JULHO DE 1896

1.º ANNO

BELLAS-ARTES



A' ESPERA DOS BARCOS — (Quadro de Souza Pinto)

A beira-mar, esta scena attinge muitas vezes proporções de drama lancinante, quando os barcos demorados no mar largo pela borrasca que os apanha de improviso, lá ficam uma noite inteira, luctando contra a tormenta que vem de cima e o abysmo que rugue medonhamente em baixo, prestes a engulil-os.

E quando voltam!... Quanta vez, pela praia, n'um côro de lamentações e de gemidos, de gritos dilacerantes, ellas não passam as horriveis torturas de uma espera sem esperança, com os olhos fitos na treva que lhes traz de longe os bramidos do mar, desfazendo-se de encontro á penedia!

Acampam então n'areia, com os filhos pendurados das saias, outros ao collo, n'uma attitude de desespero, sabendo-se já sacrificadas ao desamparo e á miseria.

Mas muda a scena de feição quando o mar é liso como um setim e se avistam na orla do horisonte as primeiras vélas enfunadas. Gritos d'alegria cortam o ar translucido e esfuzia em todos os rostos um rutilo contentamento. Já não ha perigo, os barcos vem-se approximando.

D'aquí a pouco, ellas podem estreitar ao coração o ente que lá anda, — sabe Deus com que trabalhos — á moirer na lucta pela vida!

ARRABALDES DE LISBOA



TRABALHOS NA EIRA (Algés de Cima)



A DEBULHA (Algés de Cima)

Cintra

CINTRA I

Este nome evoca, mal que se pronuncia, um doce mundo de vagas sensações, de sonhos á beira d'agua fresca, sob collossaes cabelleiras de folhas.

Nos arrabaldes de Lisboa, esta estancia de verão marca, de facto, a *étape* mais deliciosa para se passarem os mezes mais calmosos, na doce quietação do silencio, na contemplação do vasto horizonte que do alto da serra se desdobra e que apesar de secco como um areal immenso, crestado por um sol em braza, tem alguma coisa de grande e de phantastico.

Dos tres pontos mais pittorescos do paiz, pela sua elevação, — Bussaco, Cintra, Bom Jesus do Monte, — tem incontestavelmente direito ao segundo lugar a terra que Byron cantou como um *eden glorioso*. E não tem o primeiro porque para o sul a paisagem é arida, escavada, secca; não ha arvores, tudo parece artificial, desde as pequeninas mattas recortadas 'té aos jardinsinhos rachiticos aparados á thesoura.

Quem diz Cintra claro que nunca ligou ideia senão ao alto, mais propriamente á Pena, porque a villa em si é como qualquer outra, com a agravante de ser excessivamente humida.

A Pena é que é o grande chamariz de naciaes e estrangeiros. Merece realmente, vêr-se. Quem a percorre uma vez vem de lá encantado pelas bellezas que encerra, pelo bem estar que dá á alma, pela deliciosa sombra que as suas arvores seculares entornam.

A nossa gravura representa uma das portas do Palacio da Pena que abre para a egreja.

Sobre a porta, que é ornamentada de madreporas e molluscos, destacam tres grandes conchas, e da central, maior que as outras, sáe grande quantidade, de plantas aquaticas, e n'ella poisa uma figura que parece sustentar um elegante pavilhão semi-circular, em que se abrem tres janelas e tudo ornamentado com troncos de videira com suas parras e fructos, tudo admiravelmente trabalhado na pedra, como se fôra filagrana.

O Palacio foi construido sobre as bases do antigo mosteiro, começado em 1503 por ordem de D. Manuel. Em 1838 D. Fernando comprou o mosteiro e a cêrca por 700,000 reis.

Em 1844 começaram as obras que duraram um grande numero d'annos, absorvendo para cima de 200 contos de reis. O architecto, o barão d'Eschwge, inspirou-se para a execução da sua obra nos motivos mais caracteristicos da Alhambra, e das egrejas de Belem, de Thomar e da Batalha.



PORTA E JANELLA DO PALACIO DA PENA



ESCOLAS DE ALUMNOS MARINHEIROS — A CORVETA SAGRES — (Photographia do atelier Magalhães & C.^a, do Porto)

ESCOLAS DE ALUMNOS MARINHEIROS

A CORVETA SAGRES

A carta de lei de 21 de fevereiro de 1876 dispoz que se estabelecessem escolas de alumnos marinheiros a bordo de trez ou mais navios do Estado, podendo o numero dos alumnos ser augmentado até 400, proporcionalmente distribuidos em relação ás lotações dos respectivos navios.

O capitão tenente sr. Hypacio de Brion, em um lucido relatório apresentado ha pouco ao Conselho do Almirantado, precioso documento que á imprensa periodica passou quasi despercebido, apresenta o resultado do seu estudo sobre o estado actual d'esta criação, cujo fim devia ser ministrar aos alumnos a instrução profissional de baixo dos bons principios da disciplina, obter praças que no futuro, pela sua aptidão e comportamento preenchessem os quadros dos officiaes inferiores e fos em uma boa garantia de ordem e salutar exemplo para os seus inferiores.

Ter-se-ha conseguido este desideratum, na sua plenitude? Nega-o a estatística, com eloquentes dados que o illustre official da armada mencionado accumulou, para demonstrar que é má a organização d'estas escolas que cumpre remodelar. Uma das resultantes d'este defeito é o mau comportamento. Diz o relatório a que nos referimos:

«Varias serão de certo as causas da desmoralisação dos ex-alumnos, mas affiguram-se-nos duas como principais. Uma, a passagem rapida do apertado regimen escolar para a completa liberdade; outra, a falta do desenvolvimento phisico.

O ex-alumno entra na escola com o mínimo de treze annos, (referimo-nos ainda a esta idade, porque só o anno passado se augmentou a quatorze annos a idade de admissão) e sae aos quinze, encontrando se n'essa idade senhor da sua liberdade e n'um meio mais ou menos vicioso. O resultado é fatal. A aspiração d'essa creança é mostrar-se homem, e, de seu motu proprio, ou levado pelos seus camaradas, deixa se arrastar facilmente a tudo que se lhe offerece. Já nem mesmo tem por camaradas os velhos marinheiros d'outrora, de quem insensivelmente seguiam o exemplo e ouviam os conselhos; hoje, o que elle encontra para companheiros são rapazes novos, em que as verduras da mocidade imperam com toda a força, e que são outros tantos elementos maus, com quem elle se encontra em constante contacto. Fallamos de marinheiros velhos, e effectivamente não vae longe o tempo em que se encontrava esse typo, verdadeiro lobo do mar, que hoje quasi desapareceu.

Esses homens eram quasi um bom elemento. Eram respeitados pela sua idade e pelo que sabiam, tratados com deferencia pelos inferiores, sabendo conservar a distancia que deve existir entre o marinheiro e o grumete, e com tudo entretinham os moços, e quem sabe se muitas vezes pelas suas conversas, em roda da abita, não lhes modificavam as indoles.

Ali se contavam antigas viagens e aventuras que despertavam o entusiasmo pela vida de marinheiro; ali se discutia tudo quanto dizia respeito á profissão; em quanto que hoje, essas conversas versam principalmente sobre lavoura, sementeiras, gados, etc.; emfim, em tudo menos em assumptos maritimos. Não se encontram já, como em outros tempos, e ses marinheiros que tinham amor pelo seu navio. Hoje, o recruta, desde que entra só pensa na epocha em que ha de sahir, e em tudo manifesta o desapego pela profissão que é obrigado a seguir. Será porque o recrutamento chama ao serviço do mar o habitante do interior do paiz que, nascido e creado n'um meio muito differente, não se habitua ao novo genero de vida e só aspira a voltar ao primitivo meio? Ou por que sendo grande a necessidade do pessoal em serviço, e o pessoal pouco para que se lhe possa dar o descanso de que carece, se sobrecarrega a praça de tal forma, que esta aborrecendo-se e cansando-se, trate, logo que pode, de se eximir a esse serviço? E' questão digna de estudo.»

O sr. Brion attribue a desmoralisação do alumno á falta de desenvolvimento physico: a deficiencia de robustez faz com que o alumno só possa exercer a bordo cargos que nenhum estimulo podem dar á sua dignidade, improprios da sua educação professional. De ordinario são moços de cabos, rondas e signaleiros, cargos para os quaes de nada lhes serve a sciencia professional que adquiriram, e em que não acham cousa alguma que lhes compense os dois annos de estudo a que foram obrigados, resultando perderem elles o seu tempo, e o Estado o dinheiro que com elles gastam.

Se o alumno fosse para bordo mais forte, mais velho e mais desenvolvido, e, logo no começo da vida do mar, se utilisasse no serviço das gaves e em outros, em breve tomaria mais amor pela sua arte, e, activo e aproveitavel, pondo em pratica o que tinha aprendido, procuraria tornar-se digno de occupar lugares de maior responsabilidade. A percentagem dos fallecidos e incapazes, no curto espaço de 10 annos é de 23 p. c.; em 484 alumnos que assentaram praça desde 1889 a 1895, isto é em seis annos, desapareceram 75. A causa filia-se na mesma origem d'onde provem o mau comportamento: paternidade pobre e viciosa, fraqueza constitucional e deficiente desenvolvimento physico. O sr. Brion opina que uma escola de alumnos marinheiros deveria ser installada em navio que navegasse; ou que, logo que termine o curso, o alumno embarque em navio onde permaneça um anno, sob um regimen ainda escolar, embora não tão rigoroso como na escola d'onde sahiu.

Varias outras indicações apresenta o sr. Brion no seu relatório, de que não fazemos mais larga transcripção, em virtude da natureza d'este jornal. Concluindo:

«O serviço de bordo não pode nunca prescindir de homens que são, permitta se-nos a expressão, a força bruta. O alumno, pela sua instrução, está destinado a preencher os cargos dirigentes, e, embora nem todos lá cheguem, parece-nos que a media de 130 alumnos por anno é grande.

Opinamos, portanto, por uma unica escola, e pode ser que a força das circunstancias obrigue mais tarde ou mais cedo a essa redução. Os cascos da *Palmella* e da *Sagres* estão velhos e de futuro haverá grande difficuldade em substituil os, em quanto que a corveta *Estephania*, onde se estalla a escola de Lisboa, depois do fabrico que vem de soffrer, durará mais de 20 annos. Dadas as probabilidades que apontamos, seria então necessario augmentar a 200 alumnos a lotação da escola de Lisboa, ou sejam 100 alumnos promptos por anno. E' claro tambem que n'esse caso deveria o numero de officiaes instructores elevar se a seis, mas ainda assim haveria grande economia na dotação destinada ás escolas.

O alumno é um producto caro e é preciso que seja bom, para compensar o seu valor.

«Não podemos, termina o sr. Brion, condemnar em absoluto o principio das escolas dos alumnos marinheiros; as principaes potencias conservam-as; é de crer que sejam bons os seus resultados; e, se as nossas não satisfazem, é porque a sua organização é má e torna se necessario remodelal-as.»

O relatório do illustre official de marinha sr. Hypacio de Brion é considerado, pelos seus camaradas, como um trabalho digno da attenção dos que sinceramente desejam ver as escolas de alumnos marinheiros dar os resultados appetecidos. Ali se allude á estabelecida na corveta *Sagres*, de que damos uma gravura, copia d'uma photographia, obsequiosamente cedida pelos proprietarios da acreditada Photographia Universal, do Porto, estabelecida á rua de Cedofeita. Os officiaes que a compunham, ao tempo, eram os srs.:

Commandante: Capitão de fragata, José Bento Ferreira d'Almeida; 2.º Commandante interino: 1.º tenente, Aristides Paes e Faria; Officiaes instructores: 1.ª tenentes, Antonio da Fonseca Sarmiento, José da Cunha Lima e Albano de Moraes Carvalho; Medico de 1.ª classe: Pedro d'Anciães Proença; Official de Fazenda de 1.ª classe: Bernardino dos Reis Couto; Capellão de 2.ª classe: Ricardo da Maia e Costa. A corveta foi depois commandada pelo capitão de fragata Miguel Guilherme Jusmam e é-o presentemente pelo Capitão de Fragata Carlos Candido dos Reis, que tão distinctamente correspondeu á manifestação feita á Armada, por occasião dos festejos aos expedicionarios realisada no Porto pelo Club Fluvial Portuense.



A BEETHOVEN — Jarra modelada pelo grande artista RAPHAEL BORDALO PINHEIRO

A BEETHOVEN

(Jarra ornamentada de Raphael Bordallo Pinheiro)



TRECHO DA JARRA

vimento quando parecem conchas, e toda uma volupia de linhas quando parecem ondas. Tem d'isso o ornato Luiz XV, mas mais tem d'isso na sua combinação coufusa, ou melhor na sua accomodação tonta, o ornato que reveste a jarra, que a socialca, que a torce, que lhe dá a elegancia fina, e o ar leve e brincado.

Ao centro n'um medalhão em camapheu o perfil do maestro; sobre elle, soberanamente, a olhar o largo espaço, pousa uma aguia.

Em cima na fimbria recortada da boca, na voluta d'um ornato misulado com felicidade n'uma figurita bem movimentado, a Fama ajoelha d'azas adejantes e estende, como n'um ultimo capitulo da convencional vida dos Celebres a coroa consagratória.

Na base o Tempo, abandonando momentaneamente a foice no chão, pára e escuta, e figurinhas d'anjos, curvas de liras, tubos d'orgão, n'uma harmonia crescente... Qualquer cousa se ouve, porque qualquer cousa se pensa.

Aqui e alli uma grinalda veste as partes mais nuas, e quebra as linhas mais hirtas.

A ultima peça d'esculptura de Raphael Bordallo, cose agora mesmo n'um dos bujudos fornos das Caldas, a que foi preciso abater a soleira, p'ra que entrasse, de tal maneira uma phantasia sem diques a tinha sem respeito feito enorme.

Modificou-se pois a abertura normal p'r'a nova peça, o que já de si cava fundo como feito artistico na nossa imbecilidade habitual onde de continuo... vá como imagem... se modificam as peças p'ra que as acceite esse bronco forno que é o nosso meio artistico (!)

Nenhuma, como essa, d'entre todas as peças isoladas e ornamentaes, disse mais da desvairada phantasia do seu ideador, do seu multiplice e lampejante temperamento, da sua angustiosa indecisão d'observador, e do defeito da desproporção, já agora *tic de familia*, nas duas vergontes acclamadas.

*

* *

Eis a obra :

E' uma jarra, centro monumental de sala, destinado a irradiar de adorno episodio que a reveste, um hymno de gloria a Beethoven.

Como circumstancia de concepção houve logo n'ella a ideia dominante do estylo, a dar naturalmente o meio e feito do genio a celebrar

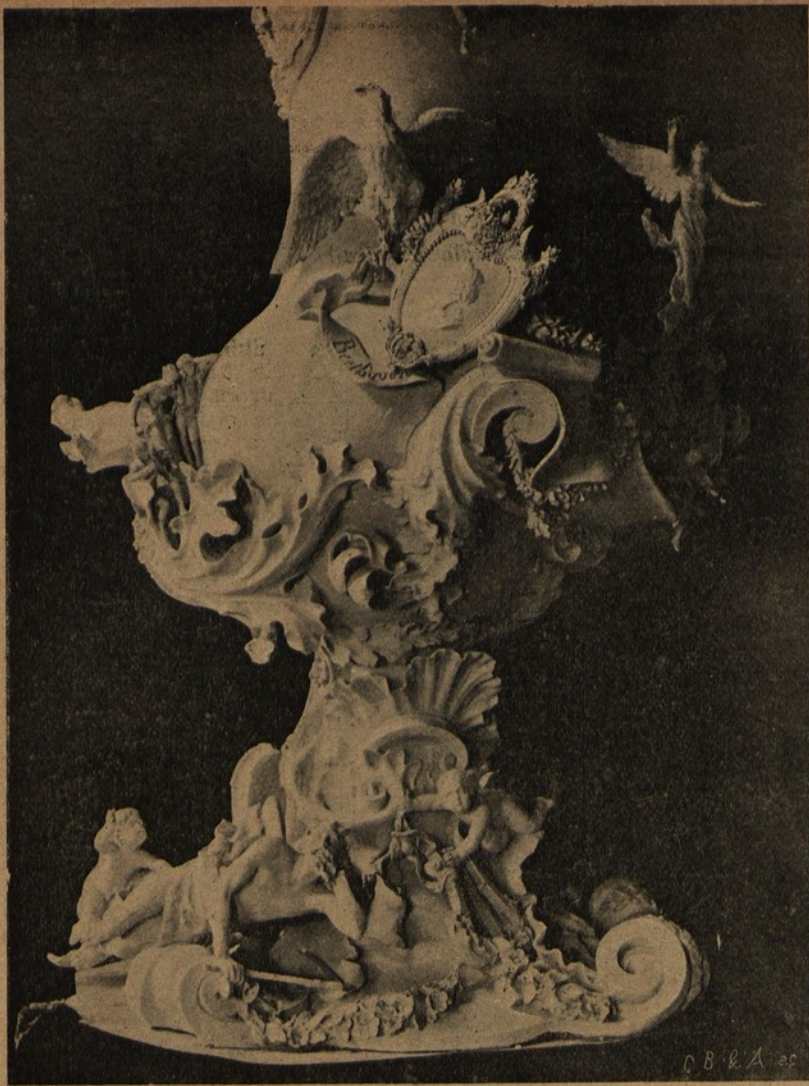
D'ahi o grande revolver d'ornatos que lhe vae do calice invertido que é o pé, ao bojo estreito, ornatos onde ha mais que nas caracteristicas talhas da epocha, palpitações de seiva quando parecem folhas, petrificação de mo-

*

* *

Vem agora o falar das partes episodicas.

Ha aos dois lados do bojo figuritas pequenas da epocha, d'uma deliciosa minucia de detalhes e com uma intenção de movimentos extraordinaria.



TRECHO DA JARRA

D'um lado, no cavado d'um ornato saliente é a execução do celebre quarteto.

Do outro, a parte impressionante: um poeta enlevado, e toda a emoção d'um amante sobraçando uma figurita de mulher e a ouvir e a amar... no tempo em que, parece, o caso era correntel!

Sobre o natural arranjo do quartetto, uma figurita alada paira — como que a transmutar o facto material, n'um extasi sem fim.

Este resvalar para o episodio miudinho depois de grandemente e á larga lançar a carcassa á obra, está bem no temperamento de Bordallo.

E'lhe forçoso na divergencia ampliadora da imaginação fazer enorme, e é-lhe preciso pelo primitivo feitio observador, miniaturar.

D'estas duas necessidades topicas tem chispado nas suas tantas formas, a sua obra artistica.

E que lhe chamem desproporção — se essa desproporção é um talento.

E plasticamente é bem de ver, não choca.

E' como se d'uma grande idéa, alguém cahisse n'um scismar profundo.

ARNALDO FONSECA.

*

* *

A photogravura da esplendida Jarra de Raphael Bordallo é reproducção de uma photographia de Arnaldo Fonseca que, como se vê, é tambem um escritor de grande talento que ha de seguir um brilhante caminho entre os novos prosadores portuguezes.

O Diadema da Virgem

Ao diadema d'oiro da Virgem faltava uma perola. O Senhor chamou o anjo Gabriel e disse-lhe: — Percorre o espaço, rebusca todos os cantos da terra, desce ao fundo dos mares e traze-me uma joia que seja digna de completar a corôa da Rainha do céo.

E o anjo Gabriel desdobrou as suas duas grandes azas de um azul rutilante e partiu. Viajou muito tempo indo de estrella em estrella e de mundo em mundo, penetrando nas grutas mysteriosas dos mares profundos e mergulhando o seu olhar nas entranhas da terra.

Percorreu depois os jardins em flor, os parques perfumados; mas o lyrio não é bastante puro, a rosa não é bastante bella.

— Senhor, Senhor, murmurou o anjo, na ta é digno do diadema d'oiro da Virgem!

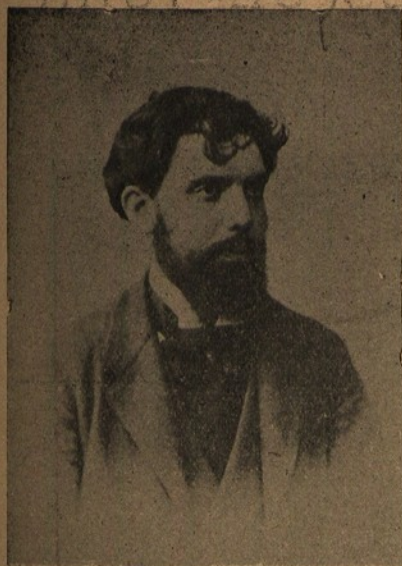
E, pensativo, Gabriel voltava, para o pé de Deus quando deixou cahir o seu olhar n'uma pobre choupana, que tremia ao vento do nordeste. E logo uma alegria celeste illuminou o rosto do mensageiro. A' cabeceira da sua mãe doente, vê uma graciosa menina ajoelhada e de maos postas. Os seus grandes olhos azues erguem-se para o céo, e, supplicante, dirige ao Senhor uma prece muda. Na franja das pestanas tremeluz uma lagrima, lagrima do coração, mil vezes mais preciosas que um diamante.

— Ah! exclamou Gabriel, eis a joia tão procurada! E leva aquella lagrima — perola inestimavel — que coloca no diadema, cem vezes mais bello, da Virgem mãe.



RAINHA SANTA

(Esculptura de Teixeira Lopes, Pintura de Arnaldo Barbosa)



Não se lembra a gente de como entrou no templo de S. Domingos, n'aquella tarde em que fui namorar o busto da santa que Teixeira Lopes esculpiu, lindo de vêr e de adorar. Scisma apenas o nosso coração como sahiu de lá tolhido de saudades, agarrado ao desejo de a tornar a vêr e de ficar ao pé d'ella, eternamente, n'um enlevo, á espera que dos seus labios pallidos calmas palavras de conforto, de perdão e de humildade brotassem, perfumadas, e cheias de unção.

E' a escultura de Teixeira Lopes uma maravilha digna de figurar ao lado do immortal *Desterrado*, das tragicas e biblicas figuras de Raphael Bordallo, e d'essa extraordinaria cabeça do S. João Baptista que móra n'um recanto d'aquellas formosas capellas imperfeitas da Batalha que tão bem assignalam adentro do periodo architectonico de imitação em que viviamos a primeira, a mais audaciosa, a mais franca e, ai de nós, a mais tristemente malograda tentativa de emancipação no sentido de constituir uma arte nacional.

Na escultura do moço artista — do qual damos o retrato e em cujo perfil caprino, de barba á Cesar e olhos absorventes facil é discernir um temperamento de poeta — a macia curva do seio, o serpentino ondular do busto, o musical contorno da melancolica e espiritual cabeça são d'uma surpreendente eurythemia.

A impressão que ella nos dá ao vel-a não tumultua em sobresaltos e espantos, é pelo contrario hypersuavisante, enche de tranquillos rythmos o nosso ser. Só por podermos entreter, devaneando, os nossos olhos sobre ella, todo o nosso coração ri e se enche de lagrimas a um tempo. A sua magoada attitude tanto nos entenece e a piedosa humildade de seu ser moral tanto nos fere, com uma emoção tão intensa e

tão viva, que logo ficamos certos que n'aquella figura em que somos de diante o artista soube synthetisar dolorida e commovidamente a mais alta expressão de belleza interior, e de mysterioso e embevecente sonho.

E não é só um prazer para os esthetas e os requintados poisar os olhos sobre os seus olhos baixos, descidos n'um pudor semi-divino; a propria alma rude e simples dos humildes ali irá baptisar a sua crença de novas esperanças e tocar a sua fé de novas florações.

E' esta a primeira vez de certo que se sente não estar ao pé de uma santa mumificada, tal como da cadever-sida tradição do agiologio uma arte estreita e conservadora saberia arrancar, para enfeitar ao sabor classico e mondar de todos os frementes sonhos que a complexidade da sua psychologia reclamasse de um coração de artista. Não. Não tem ella nem o resplendor a nimbar de oiro a sua cabeça pre-raphaelsca, nem o seu rosto é do typo das madonas oval e com rubores de chromo, nem tambem os seus olhos são dos que tudo dizem porque, de recolhidos e brandos, só d'elle escorre o murmuro de uma vida cheia de martyrio e de prece meio passada com Deus, meio a apasiguar disputas entre pae e filho.

Ao modo da arte goda, com a ingenua simplicidade dos primitivos, o busto sem resaltes, fino e delgado de base, uma bocca de velludo cerrada, os seios arfando sob os refegos do manto que lhe cahe em dois bicos sobre o esguio pé, é bem de quem soffre a sua face triste. E esse ar de melancolica dor que a envolve e dir-se-hia emanar da sua propria alma torna-a, por mais humana muito mais querida ao nosso affecto, como se por acaso fosse alguma nossa irmã mais velha em cuja aza protectora as nossas maguas encontrassem amplo-gasalho e o nosso amargo desalentô doces favos de mel.

A concepção christianissima e humana d'esta figura que o artista representa segundo a tradição popular no proprio instante de se realizar o milagre com as afusadas mãos estendidas espargindo as rosas, meio doiradas ainda, como se não tivessem tido tempo de se transformarem de todo, é de uma tão dolente expressão synthetica, de uma etheridade tão humana, de uma tão suggestiva e mysteriosa comunicação que custa a crer fosse produzida n'uma epocha em que o implacavel egoismo de muitos fez da vida uma crua chacina e uma cobarde batalha, pelas feiticeiras mãos de um estatuario que certo não é um catholico, e vindo a lume n'um canto estreito de atelier esmagado pelos canudos de chaminé das fabricas visinhas. Comprehendemos a nascida n'alguma epocha ardente de religiosidade e de fé, viva, no bloco de madeira debastada por um artista piedoso e longamente sonhada com infinitas paciencias, executada n'uma nave alta de cathedral, no fundo de uma velha cella de convento ou na fresquidão e no socego d'um claustro onde só uma bica d'agua murmurasse, em resa.

E ao lado do escultor glorioso, collaborando com elle no mais radioso sonho d'arte, na mais astral e intima identificação esthetica está Albino Barbosa, o pintor, dando brilho a esses olhos vagos, esmaecidos tons a essas faces, pintando com ternuras infinitas e com delicadezas de lavrante as roupagens primeiro, as mãos depois, em seguida as flôres, n'uma harmonia plastica tão perfeita e tão suave que nos deixa surpresos, pois nunca com tintas tão leves e tão macias tanto em gradações atenuadas, alguém obteve mais graciosos e puros effectos. Era preciso vêr, como eu vi, illuminadas aquellas tintas por uma ultima restea de sol, cahida da alta rosacea do templo, para comprehender que a impressão hypnotica e tão magoada e candida que a imagem nos dava de qualquer lado porque fosse vista se devia em grande parte á fina combinação chromatica, á subtil esthesia do pintor. Porque então ella era bem, na elysial candura do seu rosto, aquella hora meiga de crepusculo mais do que a irmã no ceo de Margarida de Cortona a Beatriz do *Monge de Cister* quando, segundo Herculano «um raio de sol poente lhe brincava na eburnea face».

Mas a imagem? Um pôz seu coração aos pedaços no escopro e com elle a fez; lançou-lhe o outro as tintas como quem, enamoradamente, com a aguda ponta dos dedos de longe atira beijos á mulher amada; ergueu-a como n'um andor ao fulvo céo da gloria a phantasia de ambos e se a não tocaram de estrella — meu Deus! — fizeram-lhe aquella diaphana gaze que envolvendo-lhe a fina seda dos cabellos, beijando-lhe n'um tremor a pallidez da face, aconchegando-lhe meigamente os bandós — gaze tão irial e tão fina, tão espumea e luarisada, tão neve e estrella — dir-se-hia ser a propria claridade da via-lactea a envolvel-a ou porventura a essencia da sua alma, mesmo.

AS OBRAS-PRIMAS DA ESCULPTURA



RAINHA SANTA IZABEL — Escultura de TEIXEIRA LOPES

A Dôr

(Do *Livro d'um Morto*, fragmento inédito)

Agora ?! Agora que és senhor
Do Espirito immortal que Deus te concedeu...
Has de fugir-me acaso ?! Hei de deixar-te eu !...
Agora, que a consciencia accorda em ti... agora,
Que desde que anoitece ao arraiar da aurora,
Em tua humana fôrma o meu imperio exerço ?!...
Pois mostrei-te na Terra o primitivo berço,
Insensível granito, o tenuissimo pó,
E agora — *Homo* — que és, hei de deixar-te só ?...
Desvendei-te da Vida apenas a metade...
Sobes da pedra ao verme ? E' infima unidade!
Quando soltas no espaço o teu cantar dolente,
Dromedario ou gorilla, o que és ? — Ser inconsciente,
Que te acobardas, quando eu te appareço !... Ergueste
Acaso n'um protesto a tua voz ?... Soffreste !...
Soffreste, sem poder, dos labios indignados,
Soltar a maldição aos páramos doirados...
Não luctaste commigo !... Era grosseiro em extremo
O involucro onde estava o Espirito supremo !...
Que revoltas eu tive !... Embalde quiz magoar-te...
Morriás... e morrendo, era fatal deixar-te !

Agora não. Agora ha dentro do teu craneo
Uma chamma, uma luz, cujo brilho instantaneo
Cegará quanta vez teu pobre coração...
Tens dentro em ti um espelho; eu magoar-te-hei... e então
O espelho mostrará a minha garra dura...
Teu peito é assim como uma cisterna escura,
Immensa, enorme, infinda, onde os echos reunidos
Nunca se hão de perder... os echos — meus latidos!
Posso empenhar contigo a lucta. Sei que venço !...
Mas que bello prazer ! mas que prazer intenso !
Um goso estonteador ! E que agri-doce occulto
Essa victoria tem ! (Maior, quando mais culto
O teu Espirito.) Rio ao contemplar-te, fero,
Lançando sobre mim o raciocinio austero...
O raciocinio vem galhardamente posto...
Erro-te as deducções... Tremes... Recuas. Gosto
Do novo embate : ávante ! A logica é meu forte.
D'ahí nova premissa, e logo... a mesma sorte !...
Gemes... choras até, perdida a orientação !
E que fazes depois ?... Chamas o coração !...
Ah ! malfadado ! Os dois nunca se entendem... nunca !
Cravo n'elle, sem dó, a minha garra adunca...
E elle, que, embalde, pede o auxilio da Rasão,
Soluça... geme... sim ! Mas não se rende... não !
Nevrotico, estrebucha... E quanta vez... n'um ai,
Elle fica de pé quando a Rasão se esvae.

GUILHERME SANTA RITTA.

SARAS E CRETAS

REVISTA COMICA SEMANAL



OS QUE CHORAM



OS QUE RIEM

P.M. 30

El H. O. H.

A Morte da Lucia

(A José Sarmento)



É n'um domingo. A Lucia vae pelo caminho fóra apressada e receiosa, olhando ao longo dos vallados, onde a erva punha manchas verdes, como que esperando descobrir alguém. Os seus passos leves como um pizar de tou-tinegra tinida mal rastejam no chão poeirento do caminho a figura dos pequenos sapatos amarellos que os calçam. Pelos silvedos cobertos de bagos de amoras maduras os passaritos surgem curiosos sem se assustarem, ao vel-a passar tão bonita nas suas côres sadias e frescas de virgem que a oval do seu rosto enquadra como uma moldura preciosa.

Quando, lá mais adiante, os seus grandes olhos, negros como as amoras maduras que ali perto mancham a verdura empoeirada

dos vallados, avistam as tapadas cheias de grandes arvores doiradas pelo sol, pelo seu rosto ancioso passa uma onda vermelha de alegria, o seu passo miudinho e saltitante apressa-se sob a impaciencia de chegar e a sua saia de caistelletta vermelha, muito rodada, roça pelas ervas altas do caminho em ondulações de cobra arastando-se.

E' que lá adiante, de jaqueta ao hombro, encostado ao cajado cuja ponta ferrada se some pela terra fóra do vallado, espera-a o Antonio do Casal. Aquella entrevista fóra combinada depois de muitos rogos da parte d'elle para a sahida da missa d'alva. Ella tinha muito medo do tio João, com quem vivia depois da morte dos paes.

Quando sahiu da villa fingiu se perdida nos atalhos para encontrar-se ali com o namorado. Pelo caminho, a força attractiva que a impellia não a deixara calcular bem a furia do tio quando visse chegar as outras raparigas sem ella. Mas agora, já perto do Antonio, sentia o receio rebater-lhe o animo em sobresaltos de medo.

Elle recebeu-a nos braços para onde ella se atirou como uma creança medrosa, amparando-se.

— Espera... E desprende-se de repente, tremula e receiosa, interrogando com os olhos a serena paz dos campos cortada apenas pelo chilrear alegre dos passaros saltando pelos ramos, pelo zumbido das abelhas sugando o mel e pelo chocalhar longinquo dos gados pastando ao longe. Nas fitas poeirentas dos caminhos estendendo se em ondulações pelos campos fóra nem uma sombra humana mancha as relvas verdes dos vallados.

— Tenho medo que o tio João venha procurar-me. Vamos andando.

E a sua mãosita gorda, puchava pelo companheiro, brandamente, como quem pede caricias.

Abraçaram-se outra vez e foram seguindo pelo caminho, calados, tendo tanto que dizer. Só os olhos fallavam coisas que se não dizem. Pelo ar a natureza cantava uma rubra canção d'amor fecundo e grande desabrochando nos perfumes frescos da murta e do rosmanhinho que enchem o ar, pondo na verdura dos vallados e dos campos as manchas brancas e azues das suas flores mimosas.

Os passaros, saltitando pelos ramos, amavam-se em caricias feitas de canticos e de beijos. E tudo aquillo, os canticos, os perfumes, enchendo o ar, o sol quente que banha a paysagem com a sua luz crua, punha-lhes nos corações um calor forte que lhes escandecia o sangue. Insensivelmente os seus labios uniram-se em longos beijos de paixão, juntando ao concerto da natureza mais uma nota intensa e forte.

As grandes arvores estenderam sobre elles as suas sombras frescas e, pelas sinuosidades umbrosas dos caminhos, as suas caricias soaram como notas alacres da sua mocidade forte e sadia.

Caminharam assim bastante tempo, fallando com os olhos, acariciando se com os labios. N'uma volta do caminho surgiram pedaços de muros brancos de casas n'uma velha horta abandonada. Por detraz dos velhos muros, laranjeiras verde-negras na sua folhagem muito densa lançavam no chão uma sombra fresca que a milhã alta e forte, subindo até as trêpas, gosava sob o sol que cahia quente. A velha nôra com as suas rodas apodrecidas, coberta de parreiras, pendia sobre o velho poço onde as andorinhas faziam os seus ninhos. Sem darem por isso, entraram. No ambiente algumas flores serodias das laranjeiras lançavam o seu perfume como caricias de noiva. A relva era tão doce e fresca! Sentaram-se á sombra das parreiras d'onde pendiam cachos verdes e os seus labios uniram-se novamente, desejosos e frementes.

Dos silvedos densos no fundo inculto do hortejo, vinham quasi em segredo canções de rouxinoes, cantigas fantasistas dos melros atroando o ar.

D'ahi a pouco um tropel de passos cortou a serena paz doce d'aquelle idyllio. Levantaram-se rapidos, torneando os muros brancos de cal.

— Eu já te arranjo, velhaca, rugiu a voz do tio vendo a com o Antonio. Ella procurou esconder-se por detraz.

— Espera ahí, não tenhas medo. Eu já venho. E avançou para o outro.

— Oh! tio João, olhe que se lhe faz mal, racho-o, ouviu?... Olhe que a rapariga pertence-me de hoje em diante.

— Tinha que ver se depois de a deshonnar a ella, vossê ainda me matava a mim. E avançou de cajado no ar.]

A Lucia ao ouvir a palavra *deshonrar* sentiu um ligeiro choque violento e amparou-se ao muro, chorando alto. — Arreda! quero desançar esta desavergonhada. E levantou o cajado para o Antonio que, em pé, no meio do caminho, lhe impedia a passagem.

Os cajados retiniram no ar em pancadas seccas e d'ahi a pouco um fio de sangue cortava o rosto do tio João, como uma fita escarlata. Uma pancada mais e o Antonio estendia no chão o adversario.

— Isto não é nada. Eu bem sei como lhe dei. D'aqui a pouco está a pé. Toca a safar com a rapariga.

E foi procurar a Lucia. Correu tudo, a horta, os silvedos que invadiam os vallados, o velho pardieiro. Nada, não a viu.

Quando voltava, perto da velha nora que mostrava sob parreiras o esqueleto das rodas apodrecidas, os seus olhares cahiram saudosos sobre a relva acamada com o peso dos seus corpos. Teve uns fremitos que o tornaram mais impaciente. Fôra ali tão feliz!

La voltar de novo a procurar a amante quando rente do seu rosto passou rapida uma andorinha saindo da boca negra do poço.

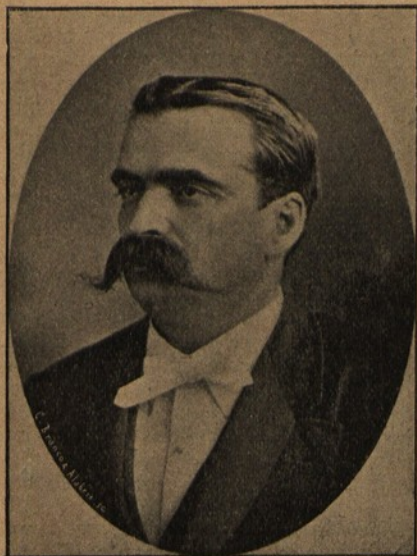
Quasi indifferente debruçou-se sobre a parede da nora. Lá em baixo, sob a agua, como velado por um tenue gaze esverdeado entre as folhas das parreiras que a agua reproduzia, o rosto gordinho da Lucia punha uma nodoa branca no fundo negro do poço.

Nos rasgões do azul que a agua reflectia esvoaçavam andorinhas, cruzando o ar.

JOSÉ DE LEMOS.

O engenheiro Antunes Navarro

(Director das Obras Publicas do districto de Lisboa)



Poucos homens terão conquistado tão depressa a estima e amizade dos seus subordinados e superiores, em um tão difficil desempenho de serviços, como o actual Director das Obras Publicas do districto de Lisboa,

Quem uma vez falou com o engenheiro Antunes Navarro sae de lá captivado pela extema affabilidade do seu tracto, pelas suas maneiras delicadas, atravessadas muitas vezes de uma brusqueria franca que não é mais que o resultado do seu temperamento de transmontano, rude mas verdadeiro em seu sentir.

Nos serviços a seu cargo, multiplos e complicados, commandando uma legião de empregados, nunca a consciencia do seu dever afrouxou um instante sequer, seguindo á risca os dictames da justiça, nunca praticando um facto por que tenha de ser condemnado, antes auxiliando quanto póde, dentro dos limites da lei, os que d'elle dependam.

Isto é tão raro de encontrar-se hoje, que merece a pena assignalhar-se. Quem escreve estas linhas tem tido muita vez occasião de apreciar essa qualidade de character, essa inquebrantavel energia no cumprimento dos seus deveres, esse desprendimento por tudo quanto seja suborno e empenho; mas a par d'isso tem tambem observado quanto o seu coração se compadece com as desgraças dos outros, dando de comer a muitas familias, pela faculdade que a lei lhe confere de admittir escripturarios.

Isto representa, a nosso vêr, a mais alta qualidade moral que póde dar a nota do character de um individuo. Desde os mais humildes empregados até aos mais elevados chefes, todos estimam o engenheiro

ro Navarro que, se no seu intimo se ufana, com razão, de ter semeiado tantas sympathias, o não deixa transparecer porque a sua muita modestia lh'o impede.

Antunes Navarro é o mais novo, em idade, de todos os engenheiros chefes de 1.^a classe, e o mais antigo em cathgoria.

A sua carreira como funcionario tem sido uma série ininterrupta de triumphos, em traçados de caminhos de ferro, em construcções de diferentes generos, em tudo, emfim, em que a sua actividade se tem empregado.

Foi ha annos á America do Norte em viagem de estudo. D'essa viagem, que durou dez mezes, aproveitou o paiz, pois que o engenheiro Navarro d'ella trouxe copiosos conhecimentos que lhe serviram mais tarde em alguns serviços que lhe foram incumbidos.

Já como director das Obras Publicas do districto de Lisboa foi nomeado administrador da Companhia Real, logar que exerceu com toda a proficiencia e honradez.

Ainda o anno passado assistiu, como delegado portuguez, ao congresso dos caminhos de ferro que se effectuou em Londres.

Antunes Navarro foi o engenheiro que fez o traçado do caminho de ferro da Beira Baixa, uma obra que lhe deu nome e o tornou muito querido dos povos d'aquellas bandas.

Entre as suas obras conta-se a memoria que publicou relativa á *Viação Municipal em Portugal*, premiada pela Associação dos Engenheiros Civis Portuguezes.

Falam mais alto que as-nossas palavras os serviços prestados pelo sr. Antunes Navarro, quando director das Obras Publicas de Castello Branco.

São de um jornal da epocha as seguintes linhas que ainda hoje se podem bem applicar, porquanto o actual director das Obras Publicas de Lisboa tem seguido sempre a mesma linha de conducta na gerencia dos serviços a seu cargo.

«Soube o sr. Antunes Navarro merecer a confiança dos seus amigos, a estima dos seus subordinados e a gratidão dos albi-castrenses, gratidão perfeitamente justificada em presenca do muito que s. ex.^a fez, e que em seguida referimos para ficar constituindo uma pagina da biographia de tão digno engenheiro, e um capitulo da historia dos largos serviços que teem sido prestados a este districto.

O sr. Antunes Navarro desempenhou aqui os logares de 1.^a engenheiro districtal, director das Obras Publicas, director fiscal do caminho de ferro da Beira Baixa, procurador á junta geral, presidente do Monte Pio dos Artistas e provedor da Misericordia.

Como 1.º engenheiro districtal traçou e construiu quasi todas as estradas de 2.ª ordem do districto e muitas municipaes.

A respeito da viação districtal de Castello Branco corre publicado na *Revista das Obras Publicas e Minis* um relatorio importante pelo assumpto e pela fórma, escripto pelo sr. Navarro.

E' seu o plano geral de melhoramentos da Covilhã de modo a transformar esta cidade afim de corresponder á sua importancia social e economica como importante centro manufactureiro, que é, e que elaborou, encarregado d'esse trabalho pela camara municipal d'aquella cidade.

Debaixo da sua direcção foi levantada a planta cotada da referida cidade.

O importante cemiterio de Penamacôr, o mais notavel do districto pela sua área, situação e magestoso portico que o adorna, foi construido segundo o seu plano.

Como director das obras publicas do districto deu notavel incremento ás obras da direcção a seu cargo, no curto periodo da sua gerencia, e entre outros serviços valiosos que n'este cargo prestou ao districto e á cidade avultam as propostas que fez das novas estradas a construir, attendendo ao desenvolvimento futuro, proveniente da construcção da linha ferrea da Beixa Baixa.

Construiu a grande cosinha do hospital, a sua excellente botica e a galeria de communicação entre a cosinha e o edificio principal do hospital.

Sempre leal para com os seus amigos mas tambem sempre recto e honrado, nunca praticára uma injustiça ou exerceu uma vingança no desempenho das suas obrigações officiaes.



GABINETE DO DIRECTOR DAS OBRAS PUBLICAS

O gabinete do Director das Obras Publicas, que hoje damos em photogravura, merece vêr-se pela grande quantidade de plantas antiquissimas que se veem pendentes das paredes. Entre essas contam-se: *Planta da cidade de Lisboa de 1807, levantada pelo intendente d'Obras Publicas Duarte José Fava; Planta da cidade antiga sobre a qual foi traçada a cidade baixa, mandada fazer pelo marquez de Pombal.* Tem o seguinte curioso distico: *Aspecto da frontaria da Praça do Comercio da parte do Arcenal aproveitando grande parte da torre ou pavilhão da casa da India cuja frontaria he comtudo similhante á que lhe corresponde no lado opposto, que deve fazer toda a frontaria da Aljandega comprehendendo tambem a bolça do mesmo Comercio.* O architecto foi Eugenio dos Santos Cruz.

Espacato (cortes transversaes das edificações da Baixa) *que atraveça huma das ruas principaes mostrando a divisão que se faz com os culmelos nos caminhos para a gente de pé, com a largura e altura da cloaca do meyo da Rua, a fórma de madeyrar as cazas, e os pateos que hade aver no meyo delas para luz e despejo das aguas que por canos particulares dezação nas cloacas geraes.*

Tem a assignatura de Sebastião José de Carvalho e Mello (marquez de Pombal).

Primitiva planta do Passeio Publico; Planta do Arsenal da Marinha, do tempo do marquez de Pombal; Planta do Palacio da Ajuda; Planta do Palacio das Necessidades; Projecto do porto de Lisboa, feito pelo architecto Carlos Mardel, desde o Terreiro do Paço até Belem, anterior a 1755; Primitivo projecto do pharol da Roca; e uma pasta contendo os projectos de quasi todas as edificações de Lisboa. Além d'estas obras valiosissimas, destacam na parede do fundo os retratos de Suas Magestades, duas photographias magnificas que ali foram mandadas collocar pelo sr. engenheiro Antunes Navarro.

Entre os livros que compõem a bibliotheca da Direcção das Obras Publicas ha a notar os *Annales des Ponts et Chaussées*, desde o seu principio e as obras de Pallada e Rondelet.

Os Primeiros Beijos

E' tão formosa a minha-Amada !
Meu Deus m'A deu formosa assim !
Bemdicta Flôr immaculada,
Sempre viçosa s'rá guardada
No Coração : no meu Jardim !...

Tão formosa ! A boquita de Ella,
Papoila rubra, meiga flôr,
Vejo-a cantar qual filomela,
Vejo-a sorrir alegre e bella,
Vejo-a, por fim, fallar de amor ! ..

Lobos cervaes, os meus Desejos
Morderam-me no Coração !...
Não resisti. Que valem pejos
Quando se quer morder-com-beijos
O nosso Amor, Vida, Paixão !...

E, ardente e sêcca, a minha bocca
Na sua face eu fui molhar !...
Porque cuidei que, quando a toca
A aza ardente da abelha louca,
Se põe a flôr logo a chorar. . .

Ao beijal'A, qual se roçasse
A minha bocca nos abrolhos,
Tirei os labios da sua face!
Antes, meu Deus, não A beijasse :
Vieram me lagrymas aos olhos !...

E, mendigo cheio de alegria
Já com a esmola, então chorei . . .
Chorar assim desejaria,
Ai, eu sei lá quanto eu daria
Só p'ra A beijar ! Quanto ? Nem sei !

E Ella beijou-me, oh meu Desejo !
Aqui na testa, — ai que lembrança !
E, ao poisar um trémulo beijo,
Tremeu, sorriu, córou de pejo,
Pôz se a chorar como creança. . .

Beijo na face diz — bondade ?
Beijo na testa diz — respeito ?
Beijo na bocca, dize : que hade
Dizer então ? — amor ? saudade ? . . .
Todos os beijos cahem no peito !

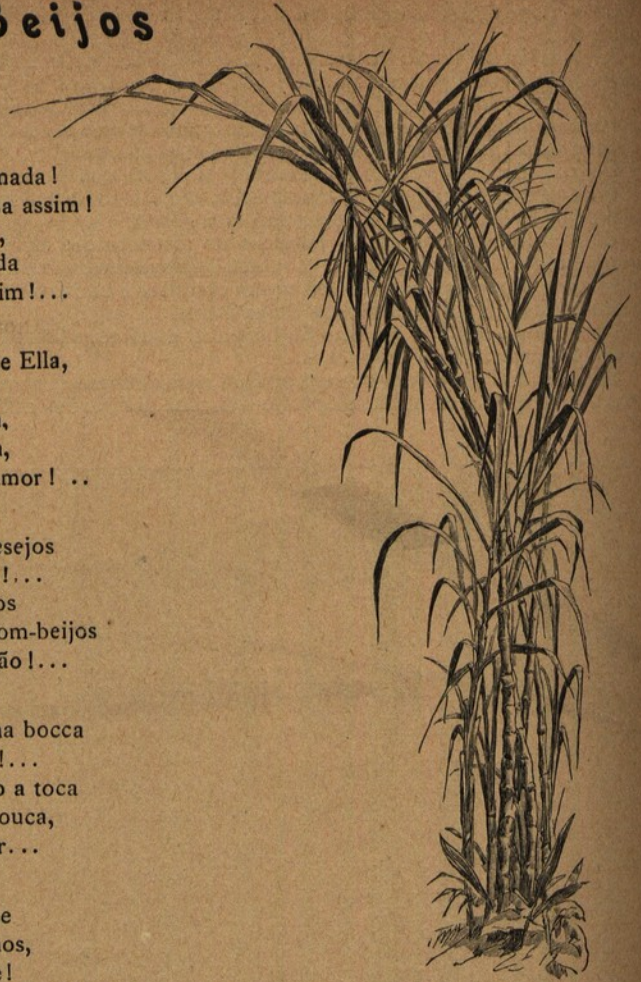
Beijo na trança — que ventura !
Beijo nos olhos — illusão !
Beijo no collo — é uma loucura !
Todos os beijos têm doçura . . .
Ai, cahem na Alma, no Coração ! . . .

Sim, cahem na Alma : cofre sancto
Onde guardei o beijo teu,
Sorve-me Tu o triste Pranto
Que por ti choro. Ai, soffro tanto
Que ninguem soffre mais do que eu !

Mas só dois beijos ? ! Ai Querida,
Vem dar me mais, que eu mais vou dar-te !
Sem ti a Vida é aborrecida ;
Quem me dera levar-a-vida
Sempre comtigo, ai, a beijar te ! . . .

Dois beijos só, meu rico Bem ? !
Vamos beijar ! Pobres Desejos ! . . .
Os beijos, Filha, elles que tem ?
Beije.nos, pois, beijar faz bem . . .
Tenho a bocca prenhe de beijos ! . . .

E' tão formosa a minha-Amada !
Meu Deus m'A deu formosa assim !
Bemdicta Flôr immaculada,
Sempre viçosa s'rá guardada
No Coração : no meu Jardim ! . . .



COISAS UTEIS

Tanto tem agradado aos nossos assignantes a secção dos *menus* de jantares, que isso nos incita a desenvolver-a intercalando lhe tambem *menus* de almoços. Estamos certos de que as donas de casa hão de estimar este melhoramento, tanto mais que estando-se na época em que as visitas no campo são frequentes, muito mais conveniente se torna offerecer um almoço que um jantar, em vista d'estes dias calmosissimos que não permitem sahir-se de casa senão quasi á noite.

ALMOÇOS DE JULHO

1.º MENU

Talhadas de melão. Guizado de carne de vacca á burguesia. Omellete com cogumellos. Costellets de carneiro com purée de batatas. Queijo Chester. Fructas: Raiogas Claudias. Café e licores.

2.º MENU

Rins salteados com vinho da Madeira. Atum frito com molho picante. Salada de carne cosida bem decorada em ovos cosidos. Pepinos de conserva. Azeitonas sem caçoço e uma enxova. Batatas fritas em manteiga. Queijo do Alemtejo de correr. Fructa: Alperches. Café e licores.

3.º MENU

Alcachofras com molho povorade. Costellets de vitella em papellotes. Picado de carne á moda de Toulouse. Salmonetes grelhados em molho tartaro. Salada de feijão verde. Queijo Gruyère. Fructas: Figos e Ameixas. Café e licores.

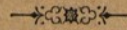
SECÇÃO RECREATIVA

ACROSTICO (DIAGONAL)

B
.	R
.	.	A	.	.	.
.	.	.	N	.	.
.	.	.	.	C	.
.	O
.	R
.	.	.	G	.	.
.	.	E	.	.	.
.	N
E

Substituir os pontos por letras e lêr horisontalmente : — 1.ª Philosopho allemão. — 2.ª Constellação. — 3.ª Villa de Portugal. — 4.ª General francez. — 5.ª Escriptor wurtemberguez. — 6.ª Cidade hespanhola. — 7.ª Celebre engenheiro hollandez. — 8.ª Provincia de Hespanha. — 9.ª Lago da Suissa. — 10.ª Ilha do Loire. — 11.ª Cidade da Belgica.

IN JUSTO.



Decifração do *Rombo feminino* do n.º anterior :

					c
				c	a
			c	a	i
		c	a	i	d
	c	a	i	d	a
a	i	d	a		
	i	d	a		
		d	a		
			a		

Ultimas novidades litterarias

Os noivos, romance de Teixeira de Queiroz, nova edição, inteiramente re-fundida, 2 vol. com o retrato do auctor, br. 1\$000 rs. Enc. 1\$400 rs.

Convicções, estudos e leituras, por Henrique de Barros Gomes, 1 vol. br. 600 rs. Enc. 800 rs.

O velho thema, drama em 5 actos, de Marcellino Mesquita, 1 vol. br. 400 rs.

Pelo mundo fóra, por Maria Amalia Vaz de Carvalho, 1 vol. br. 500 réis. Enc. 700.

Versos, de Carlos de Pina Machado, 1 vol., com uma carta posthuma de João de Deus e o retrato do auctor, br. 600 rs.

A rir e a serio... por Alberto Bramão, 1 vol. br. 500 rs. Enc. 700 rs.

Na Azenha, contos de Marcellino Mesquita, 1 vol. br. 500 rs.

Velocipedia prática, por D. Miguel de Alarcão, 1 vol. com desenhos explicativos, br. 300 rs. Enc. 500 rs.

EDITOR: — ANTONIO MARIA PEREIRA

CASA FAVORITA

DE

F. SANTOS DINIZ

51 — PRAÇA DOS RESTAURADORES — 51

(AVENIDA DA LIBERDADE)

LISBOA

PIANOS COM MOTOR

A **CASA FAVORITA** da Praça dos Restauradores, 51 (Avenida da Liberdade), acaba de receber um completo sortimento de **PIANOS COM MOTOR (sem teclado)**, e bem assim pianos melódicos com movel dos systemas mais aperfeiçoados. — O piano com motor representa o instrumento mais bello e mais barato. — A superioridade a todos os outros instrumentos, ou caixas de musica, consiste nas vantagens:

1.ª de se poder tocar seja qual fôr a musica das 1:000 de que consta o catalogo. — 2.ª de se poder tocar todo o dia sem interrupção e sem cuidado e correctamente. — 3.ª que o piano com motor é muito mais vantajoso em preço e transportibilidade. — 4.ª que desarranjos, etc., são quasi impossiveis. — **O PIANO COM MOTOR** produz a musica por cordas metallicas. O systema dos martelos vibrantes dão a este pequeno instrumento um som maravilhoso, lembrando o bandolim ou o piano. O conjunto é d'um effeito maravilhoso, e o instrumento por si mesmo regula, por um mechanismo muito engenhoso, o Pianissimo, Crescendo e Fortissimo, segundo a musica original.

TODOS, mesmo os conhecedores, ficam encantados da musica e som, e admiram a sonoridade e afinação do pequeno instrumento. — A musica distingue-se pela sua perfeição, não fazendo ouvir nenhuma desharmonia.

As musicas são indestructiveis (tela com papelão, dos dois lados) o seu comprimento é illimitado sempre segundo o original, de modo que se pôde tocar Ouvertures, Pot-Pourris, etc.

O repertorio é grandioso e bem escolhido — 1:000 bocados de composições populares. **O PIANO COM MOTOR** além de bonito movel, substitue completamente o piano de 40 ou 50 libras, tendo uma força de som capaz de fazer dançar n'uma sala 300 pessoas. Qualquer creança o pôde manejar. — O motor funciona sem perigo, não exige cuidado, e toca dia e noite.



A Estação de Paris

O melhor jornal de modas que se publica em lingua portugueza

REDACTORA: D. GUIOMAR TORREZÃO

SAE 3 VEZES POR MEZ

Os assignantes da ESTACAO DE PARIZ recebem GRATUITAMENTE a CHRONICA, lindissimo jornal litterario, illustrado e de biographias, que tem já publicado os seguintes retratos e biographias: João de Deus; Conselheiro H. de Barros Gomes; Visconde de Ouguella; Conde de Burnay; Dr. Sousa Martins; Dr. Manuel Bento de Sousa; Dr. Virgilio Machado; Conde do Casal Ribeiro; Padre Senna Freitas; Conselheiro João Franco; D. Anna Peito de Carvalho. Cada biographia é acompanhada d'um soberbo retrato impresso separadamente em papel velino.

Typographia e Stereotypla MODERNA — Apostolos, 11, 1.º, LISBOA

BRANCO E NEGRO



FLÔRES

PREÇO 40 RÉIS

N.º 17



FORNECEDOR DA CASA REAL



FORNECEDOR DA CASA REAL

LAMBERTINI

PIANOS DE

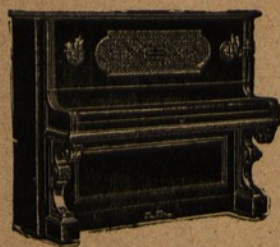
STEINWAY & SONS, C. BECHSTEIN,

PLEYEL WOLF & C.^{IE}, C. HARDT, GAVEAU,

CAROL OTTO, AUCHER FRÈRES,

A. BORD, LAURINAT & C.^{IE}, A. FORSTER,

ETC., ETC.



UNICO DEPOSITARIO DOS CELEBRES PIANOS DE BECHSTEIN

MUSICA — Grande sortimento. Sempre as ultimas novidades. Aluguel de musica por assignatura a 500 réis mensaes. — Edicções economicas.

Instrumentos e Accessorios — Rabecas, Violoncellos, Flautas, Bandoniums americanos e outros. — Especialidade em cordas e outros accessorios. — Harmónios americanos e outros. — Especialidade em cordas e outros accessorios.

43, 44, 45 — PRAÇA DOS RESTAURADORES — 47, 48, 49 — LISBOA

BRANCO E NEGRO

SEMENARIO ILLUSTRADO

Propriedade da Livraria e casa editora ANTONIO MARIA PEREIRA, de Lisboa

Numero avulso, 40 réis

Redacção e Administração — Rua Augusta, 47, 2.º andar — LISBOA

ASSIGNATURAS (pagas adiantadamente)	3 mezes	6 mezes	12 mezes
Portugal e ilhas adjacentes.....	550 réis	1 \$ 100 réis	2 \$ 200 réis
Africa Portugueza.....	650 "	1 \$ 300 "	2 \$ 600 "
Estrangeiro (paizes da União Postal).....	4 fr.	8 fr.	16 fr.
Brazil e colonias portuguezas da Asia e Oceania.....	1 \$ 050 réis	2 \$ 100 réis	4 \$ 200 réis

BRANCO E NEGRO

SEMANARIO ILLUSTRADO

N.º 17

LISBOA, 26 DE JULHO DE 1896

1.º ANNO

VIAGENS NO PAIZ

(VI)



CALDAS DE VIZELLA — (Photographia de E. Biel & C.º)

Logo em frente e um pouco á esquerda da estrada, que leva á povoação, vê-se na collina a pequena igreja de *S. Miguel de Vizella*, que fórma, reunida com a de *S. João* do mesmo titulo, a pittoresca estação das *Caldas*, em um hotel da qual póde o *touriste* pousar a sua mala, tomar um banho, e escovar-se antes de ir conhecer a terra. Ficam-lhe á mão o *Hotel Vizellense*, ou do *Padre*, depois o *Vizella*, ao lado o *Cruzeiro*, na Lameira o *Central*: para todos os gostos e para todas as bolsas.

Fresco do banho, leve no seu fato de verão, o pau ferrado para se apoiar, aqui me tem na estrada para lhe mostrar as *Caldas*.

— Isto é quasi uma villa, — dir-me-ha, — predios novos, ruas alinhadas, consultorios medicos, restaurantes, bilhares, hotéis ! . . .

— Sim e não ! Villa ficticia e vida que o não é menos ; quando o ultimo banhista sae, *Vizella* fica a sós, com as suas recordações e com a formosura amavel da sua natureza ! Então é que ella é deveras encantadora ! Mas o meu amigo, que não vem de certo ás *Caldas* n'esse periodo da sua soledade melancolica, tem razão em me pedir que lhe apresente a physionomia que *Vizella* tem para toda a gente, a sua physionomia de verão.

E' isto que vê. Os que se divertem e os que tratam de se curar, vendo divertir os outros. De manhã o banho, o lenço de lã atabafando o pescoço ; á tarde o passeio, os vestidos claros e o chapéu de palha adornado com um ramo de papoulas ou de rosas chá. Os mais pacatos chegam até á *Ponte Nova*, demoram-se nos bazares de quinquilherias, fazem sortimento das toalhas adamascadas, ou linhos de *Guimarães* para levarem como recordação das *Caldas*; os mais affeitos vão ao *Pisão*, á *Cascalheira*, barqueiam no rio ou sobem uma montanha. Os ultimos são raros.

José Augusto VIEIRA.

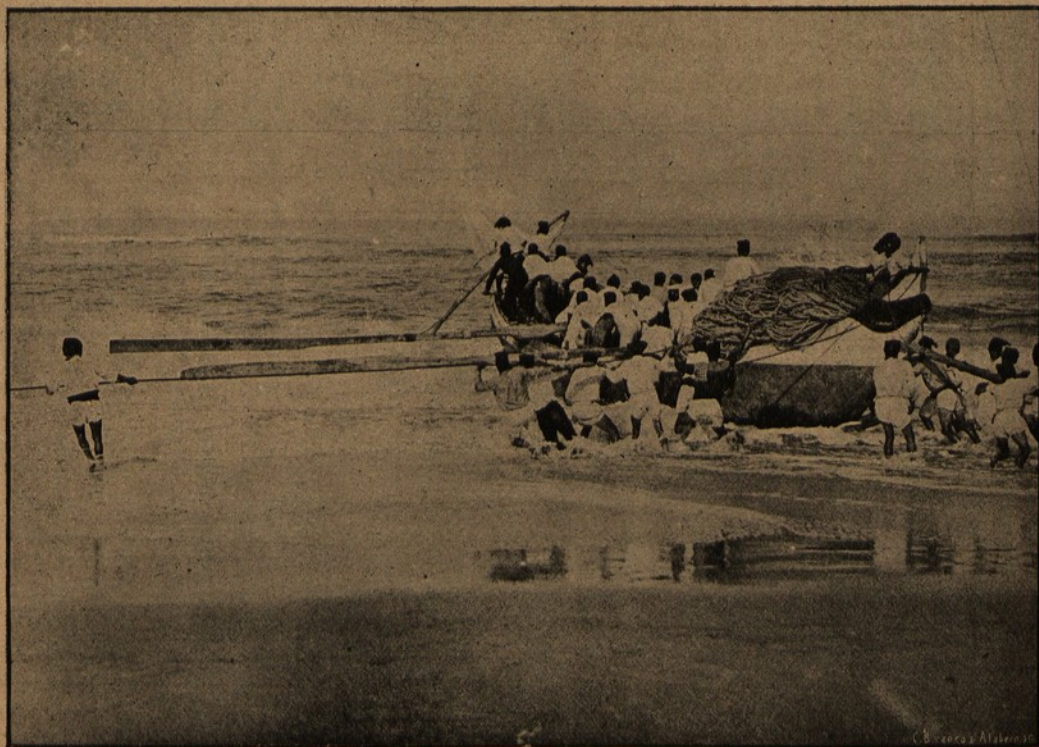
Scenas da Beira-Mar



TYPOS DE RAPARIGAS DE ESPINHO (segundo um cliché do photographo amador Lopes Martins)

Quando o mar é bom, logo de madrugada — o sol ainda em casa do Senhor, e quantas vezes com luar! — o *arraes* iça o signal de que se *vae ao mar*.

Os pescadores vão chegando em grupos, os *enchalavares* á volta do pescoço, fumando nos cachimbos e tal.



NA COSTA NOVA — A rêde a sahir (cliché do sr. Fernando do Rego)

ando alto. Em seguida aparelha-se o barco e faz-se deslizar sobre grandes rolos de madeira até á *borda*, ao som do monotono canto do arraes.

— O'... vae agora ! ó... bota abaixo ! ó... chapa !...

Esta manobra é muito trabalhosa e motiva grande alarido. Quando o barco toca na agua e sobrenada saltam quasi todos para dentro d'elle indo cada um occupar o seu logar.

O *arraes*, de pé na ré do barco, empunha com mão vigorosa o *roçoeiro*—corda que ficando presa em terra serve de governo — e observa com attenção o mar, esperando a maré. Quando ella chega, agita freneticamente o barrete no ar, *larga corda* e dá o signal da partida gritando :

— Agora, agora, rapazes ; rema, rema.

E toda a *companha* empunha com vigor os remos imprimindo movimento ao pesado barco, atroando os ares com os seus gritos. Sublime e encantador espectáculo ! O barco atravessa impavido a *pancada do mar*, ora elevando-se a *pino* no dorso de enormes vagalhões, ora desaparecendo á nossa vista nos abysmos por elles cavados.

Na praia os pescadores e mulheres que ficam seguem com coração anciado todos os movimentos do barco.

Não raro uma volta do mar alaga o e fal-o sossobrar, sendo então o espectáculo atterrador. Cincoenta a ses-



PARTIDA PARA O MAR (cliché do sr. Fernando do Rego)

senta homens procurando salvar-se, debatem-se corajosamente com as ondas, ali a pouca distancia da praia, n'uma lucta titanica entre a vida e a morte, não sendo muitas vezes possível soccorrel-os !

Em terra tudo grita, principalmente as mulheres que n'um desespero inqualificavel arrancam os cabellos, rasgam os fatos, rolam o corpo pelo chão, e tentam atirar-se ao mar erguendo os filhos nos braços para o ceo, n'uma supplica fervorosa !

Quantas lá teem perdido aquelles que na vida mais amavam !...

Mas nem sempre estas desgraças succedem, felizmente, e por isso o barco segue o seu rumo indo lá *fóra* no mar largo deitar a rede a duzentas *cordas*, ou mais.

Na volta é tambem preciso escolher a *maré* para *arribar* e esperar que uma bôa vaga venha *chapar* o barco na praia. Em seguida começam a puchar a rede, trabalho que leva algumas horas, até que o *saco* começa a apparecer lá ainda ao longe, subindo e descendo com as ondas, seguido por enorme bando de gaivotas que tentam apanhar o peixe miudo que escapa pelas *malhas*.

Quando a rede vem *á mão*, arrastam-n'a para cima da areia, e abrem o *saco*. Se vem cheio até á bôca a scena é admiravel e encantadôra pela alegria que vae no rosto de todos.

O peixe que salta na rede produzindo um ruido especial, é transportado nos *enchalavares* pelos pescadores para cima da *lomba*, onde se fazem *lôtes* e depois trazido para a ria em canastras, pelos *ranchos* de formosas raparigas d'Ilhavo.

Muitas vezes quando a rêde traz muito peixe e o mar *está picado*, o *saco* rebenta antes de chegar á praia perdendo-se o lançaço.

Então, homens, mulheres e crianças em furia desordenada e despresando o perigo, todos se lançam á agua *salvando* o peixe com os *enchalavares* e *narsas*.

E', talvez, o espectáculo mais emocionante a que na *borda do mar* se pode assistir.

VELODROMO D. CARLOS

REALISOU-SE no dia 12 d'este mez, n'este magnifico velodromo, em Algés, a segunda corrida de velocipedes, sendo a concorrência de espectadores muito regular.

Proximo das 5 horas foi dado o signal de partida para a 1.^a corrida — 6 voltas — tomando parte n'ella os srs. José Bento Pessoa, José d'Orey, Eduardo Minchin, Luiz Neves, Emilio Segurado e Mario Duarte. Os 2 ultimos desistiram entre a 2.^a e 3.^a volta.

Ganhou o primeiro premio José Bento e o 2.^o José d'Orey, ambos em machina Clément.

2.^a corrida. — Classificação (Juniors) em que entraram os srs. Francisco Martinho, Luiz Neves, Raul Lisboa, Almeida Santos, Alfredo Magno e Emilio Segurado que desistiu á 2.^a volta.

Foram vencedores Francisco Martinho — 1.^o premio — e Luiz Neves, — 2.^o premio. Ambos montavam machinas Raleigh.

3.^a corrida. — Internacional — 1.^o premio 100:000 réis — 2.^o premio 25:000 réis.

Foi a corrida que maior interesse e entusiasmo despertou por ser disputada pelos melhores corredores.

Entraram n'ella os srs. José Bento Pessoa, José d'Orey, Eduardo Minchin, Luiz Neves, Manuel Ferreira, sahín-



do vencedor em primeiro lugar José Bento Pessoa, que n'uma magnifica *emballage*, de $\frac{1}{2}$ volta, conseguiu antecipar-se a todos os corredores tendo vindo quasi sempre n'um dos ultimos logares. O 2.^o premio foi ganho por José d'Orey que teve tambem um arranco final magnifico.

Ambos os corredores montavam machinas Clément e foram muito acclamados.

Depois de um pequeno intervallo teve lugar o *match* entre José d'Orey, em bicyclette, e o equipo de tandem Francisco Martinho e Almeida Santos.

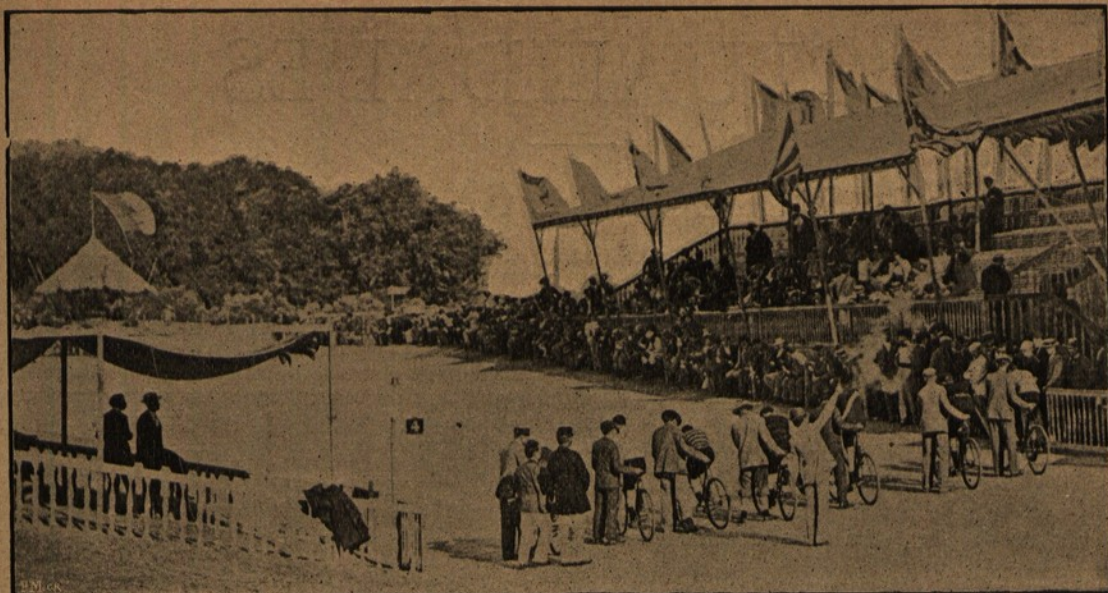
Foi ganha a 1.^a mão por d'Orey, a 2.^a por Martinho e Almeida Santos. Tendo que realizar-se o desempate foi ganha a 3.^a mão por José d'Orey que empregou na ultima volta uma das suas soberbas *emballages*. Francisco Martinho e Almeida Santos distinguiram-se muito n'este *match*, pelo que foram muito applaudidos.

Seguiu-se a corrida em que não entrou o menino Armando Machado, por desarranjo na machina. O menino Wiliam Lane deu duas voltas na pista em dois minutos e meio, sendo-lhe dado um objecto de arte.

5.^a Corrida — Tandens — premio unico 20\$000 réis. Correram José d'Orey e José Bento, Eduardo Minchin e M. Ferreira, F. Martinho e Almeida Santos. Foram vencedores d'Orey e José Bento. F. Martinho e Almeida Santos, chegando em segundo lugar, foram muito victoriados, por terem conseguido antecipar-se a Eduardo Minchin e Manuel Ferreira, dois corredores de fama.

6.^a Corrida — Consolação — para todos os corredores que não tivessem obtido premio. Foi vencedor Mario Duarte, que montava machina Whitworth.

Eis o resultado da segunda corrida de velocipedes realisada n'este magnifico velodromo que está melhorando



consideravelmente. As varias installações apresentam agora todas as commodidades, faltando só, a nosso vêr, um lugar proprio para os cyclistas guardarem as *bicyclettes*. Talvez esta falta tenha contribuido para que grande numero de amadores d'este genero de *sport* não tenha comparecido com as suas machinas.

O coreto na *pelouse* tambem deveria ser elevado sobre estrado de madeira afim de mais facilmente ser ouvida a banda que alli tocar.

○ ROUPÃO DE RENDAS

Aquelle roupão de rendas
Tão fresco, tão sensual,
Foi uma das muitas prendas
Que ella trouxe no enxoval.

Tremete como a folhagem
Evoca subtis desejos...
(Uma virgem na paisagem
Entre uma chuva de beijos!)

Como tunica sagrada
Assim parece, vestido...
Se tem encantos de fada
Conhece-os só o marido!...

Deixando o collo entreaberto
O collo — que tentação! —
E' um oasis no deserto,
E é um deserto o roupão.

A sua fina esculptura
Pelo arrendado se encobre,
Que o roupão tem a candura
De ser bello a quem é nobre!

(Do *Outro Céu*).

LUIZ DE MORAES CARVALHO.

Rectificação precisa

As photographias da magnifica jarra de Raphael Bordallo, cuja reproducção em photogravura demos no nosso ultimo numero não pertencem ao nosso amigo e brilhante escriptor Arnaldo Fonseca. Fica assim feita a devida rectificação que o nosso amigo nos pediu com a maxima urgencia e que nós nos apressamos a publicar, compreendendo os justos melindres de Arnaldo Fonseca.

Essas photographias pertencem a um atelier photographico das Caldas da Rainha, onde foram feitas por encomenda do sr. José Relvas.

Tambem, por indesculpavel descuido do nosso revisor, deixou de se dizer que a esplendida photographia da esculptura de Teixeira Lopes, *Rainha Santa*, publicada no mesmo numero, pertence aos acreditados ateliers de Emilio Biel, do Porto, falta esta que bastante nos contrariou, e pela qual d'aquí pedimos todas as desculpas a esses distinctissimos artistas.

ACTUALIDADES

ASYLO DOS CEGOS DE CASTELLO DE VIDE

OFFICINAS BRANCO RODRIGUES

REALISOU-SE segunda-feira 20 a festa do 33.º anniversario da inauguração d'este asylo de cegos, o primeiro que se fundou em Portugal, o unico que pode rivalisar com institutos similares do estrangeiro.

A redacção do *Branco e Negro*, que foi convidada a assistir a esta magestosa solemnidade, pode hoje offerecer aos seus leitores, com as photographias obtidas pelo seu collaborador artistico, que expressamente foi áquella pittoresca villa, accedendo ao convite da illustre direcção do Asylo, um artigo descriptivo d'aquella piedosa instituição e a noticia circunstanciada da festa do seu anniversario.

*

O Asylo dos cegos de Castello de Vide foi fundado em 20 de julho de 1863 pelo Dr. João Diogo Juzarte de Sequeira Sameiro.

Pouco tempo depois da inauguração do asylo falleceu a 7 de agosto de 1865 o seu generoso instituidor, dotando-o com toda a sua fortuna, que montava a cerca de noventa contos de réis.



A sahida do cortejo do cemiterio para a igreja do asylo

Ao tempo do fallecimento do Dr. Jusarte Sameiro só existia de sua nobre familia, que tinha sido quasi toda atacada da terrivel enfermidade — a cegueira — seu irmão fr. José Godinho Sequeira Sameiro a quem elle legou o espinhoso encargo de administrar e consolidar o patrimonio dos cegos.

Quando este benemerito, por seu turno falleceu, tendo, com bastantes sacrificios, concluido a obra meritoria de seu irmão, foi a administração do asylo entregue a uma corporação civil, que elege de dois em dois annos a direcção que gratuitamente e com verdadeiro zelo tem desempenhado o seu encargo.

O edificio do antigo convento, onde está estabelecido o asylo e que é hoje propriedade do mesmo asylo, forma um quadrado, ao centro do qual existe um claustro, guarnecido de boas columnas de cantaria, como as nossas gravuras representam.

Ao lado norte fica-lhe contigua a antiga igreja do convento, que serve de capella ao asylo e onde os cegos vão ouvir missa, que elles abrilhantam com a musica por elles tocada.

No pavimento ao rez-do-chão estão os dormitorios e o refeitório para os cegos do sexo masculino. Ha diferentes camaratas para os cegos de diversas edades, estando os adultos completamente separados das creanças.

N'este mesmo pavimento está installada a secretaria e sala da direcção, as aulas, etc.



A actual direcção do Asylo

No pavimento superior estão os dormitórios e o refeitório das cegas, as enfermarias, completamente isoladas, a cosinha, a dispensa e a sala de visitas, e duas grandes varandas com terraços.

Em ambos os pavimentos ha salas para conversação, com fogões no inverno.

Contiguo ao edificio, que por disposição testamentaria do seu fundador, conserva a antiga disposição do convento, existem espaçosos jardins, onde os cegos passeiam livremente a todas as horas do dia.

Estes jardins foram augmentados com todo o terreno do antigo cemiterio, adquirido pela direcção do asylo e d'onde vão ser exhumadas todas as ossadas, que ainda lá existem.

Os leitos são de ferro e a roupa branca toda de linho. O vestuario é uniforme. Os homens usam calça e casaco, côr de castanha. As mulheres, saia e casaco de panno da mesma côr. Para uso interno as creanças vestem blusa de riscado azul e branco. Todos possuem uma medalha com a effigie de N. S. da Esperança, da invocação do estabelecimento.

Ha por dia tres nutrientes refeições, sendo de carne, quatro dias na semana.

O numero de cegos admittidos é limitado pelos rendimentos da casa. Actualmente ha 43 cegos, sendo 12 rapazes e 3 raparigas. Os restantes são adultos.

Tem capacidade para mais de 100 asylados. Mas os rendimentos não permitem por ora a admissão de mais nenhum.

E' possivel que o governo, tendo conhecimento da grandiosidade d'este Instituto o unico no paiz, o auxilie fornecendo-lhe os meios para que elle possa fazer o bem, a maior numero de

cegos, d'esses desgraçados de quem ainda ninguem se tinha lembrado em Portugal.

E agora que um ministro illustre, o conselheiro João Franco, se immortalizou decretando o ensino official dos cegos em Portugal, que era a unica nação da Europa, onde não existia esse ensino, é provavel que elle complete a sua obra, dando lhe realidade, e o seu nome ficará para todo o sempre memorado na historia do nosso paiz, como o mais benemerito dos nossos estadistas.

Estamos certos que esta Instituição, que já hoje é conhecida no estrangeiro, ainda ha de ser considerada uma das mais importantes da Europa, graças ao grande impulso que a actual direcção lhe deu, como adeante provaremos, e graças á protecção que os governos lhe hão de fatalmente conceder.

E assim ficará completada a obra do primeiro dos portuguezes que se lembrou dos Cegos, o benemerito dr. Jusarte Sameiro.

*

Dissemos que a actual direcção de que é presidente o dr. Aniceto Xavier, deu grande impulso a este caritativo estabelecimento, e é bem verdade.

Desde o anno de 1863 que elle se fundou e até hoje era completamente desconhecido.

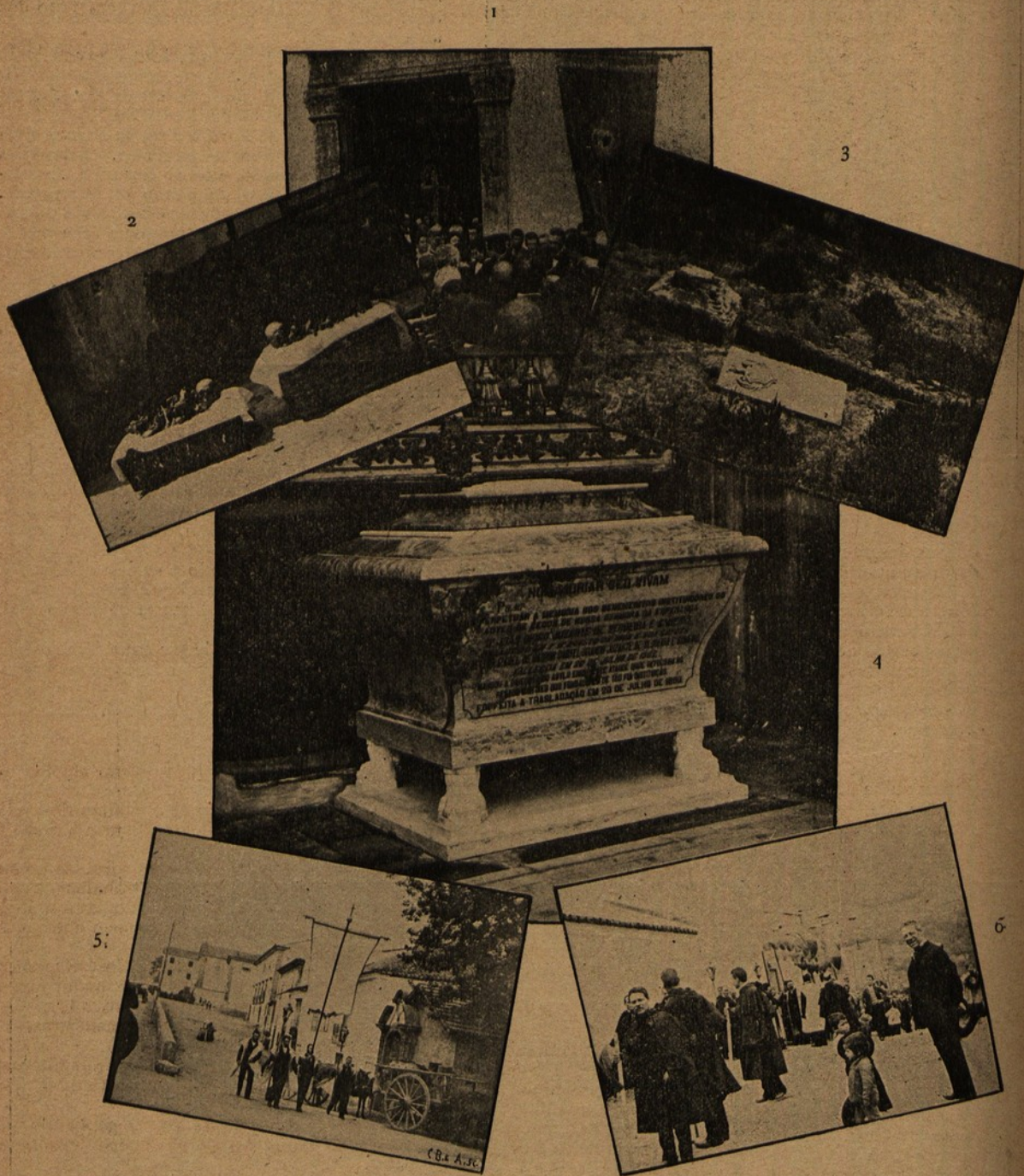


Grupo dos asylados cegos com o Regente e Secretario da administração do Asylo

Sucediam-se bi-annua mente as direcções que administravam com zelo as disposições do benemerito fundador, que só se tinha lembrado dos cegos idosos, a quem bastava, o sustento e o agasalho para findarem, ali, relativamente felizes, os seus dias.

Todas estas direcções, incluindo a actual, tem sido secundadas nos seus trabalhos pelo secretario da administração do asylo o sr. Manuel Diogo Coelho, o unico companheiro sobrevivente do Dr. Jusarte Sameiro, e que desde a fundação do asylo tem prestado relevantes serviços a este pio estabelecimento.

Esta direcção, porém, pensou que as creanças que lá estavam asyladas precisavam mais do que isso : precisa-



1, A' porta da igreja, durante os discursos — 2, Os restos mortaes do dr. Jusarte Sameiro e de sua familia — 3, Sepultura do instituidor, no cemiterio, depois de aberta — 4, Mausoleu erigido na capella do asylo, á memoria do instituidor — 5 e 6, A passagem do cortejo funebre

vam luz n'aquelles cerebros, condemnados a viver nas mais horriveis trevas; precisavam trabalho, que os livrasse da ociosidade que os torturava; precisavam de ter esperança em um futuro mais risonho do que aquelle que lhes podia dar um asylo de invalidos!

Auxiliada pelo regente e administrador do asylo, o padre Severino Diniz Porto, cujo retrato publicamos, conseguiu dar desenvolvimento ás aulas instituidas por este benemerito professor, que foi o iniciador do ensino das creanças cegas do asylo.

E' tão assiduo tem sido o trabalho gratuito d'este benemerito sacerdote, que já no anno passado conseguiu que dois dos seus discipulos cegos fizessem exame de instrucção primaria no lyceu de Portalegre, obtendo ambos approvação. Este anno já preparou mais tres, que vão fazer exame no mesmo lyceu, no proximo mez de agosto.

O processo empregado para o ensino é o *systema Braille*, o unico universalmente adoptado em todas as

escolas de cegos do mundo. No proximo numero do *Branco e Negro* faremos a descripção d'este prodigioso invento.

Para a communicacão entre os cegos e os videntes usa se o systema empregado no Instituto Nacional dos Cegos de Paris, que é um dos melhores que se teem descoberto.

O ensino da arithmetica é ministrado com o auxilio do *Cubarithmo*, uma maravilhosa e recente invenção de M. Martin, actual director do Instituto de Paris, o qual descreveremos no proximo numero d'esta revista.

A todos os alumnos ensina francez, portuguez, arithmetica, geometria e historia.

Entre os alumnos ha um de que não podemos deixar de mencionar o nome Manuel dos Santos Marques, um poeta cego — que tem escripto umas poesias sublimes, que em breve vão ver a luz da publicidade.

Todos os cegos aprendem musica, e todos tocam magistralmente mais de que um instrumento.

Ha annos que existe no asylo a fanfara dirigida por um habil professor D. Vicente Marçal, que tem feito dos seus discipulos cegos uns excellentes artistas.

Este anno a actual direcção desenvolveu o ensino musical adquirindo os instrumentos necessarios, para a formação da orchestra, representada nas nossas gravuras, e que em breve será ouvida em Lisboa.

Não foram só estes os serviços da actual direcção, que bastavam para tornar notavel a sua gerencia.

Fez mais: Em dezembro ultimo convidou a Branco Rodrigues, vogal da commissão nomeada pelo governo



Officinas Branco Rodrigues

para regulamentar a nova lei que estabeleceu o ensino official dos cegos no nosso paiz, para ir visitar aquella instituição.

Por essa occasião, no dia 13 d'aquelle mez, foi offerecido áquelle nosso collega, no proprio edificio do asylo, um jantar a que assistiram todos os membros da direcção, os srs. dr. Aniceto Xavier, presidente, Vigario Trindade, José d'Assumpção Mimoso, Henrique do Carmo Gonçalves e Antonio José Repenicado.

Durante esse jantar, Branco Rodrigues lembrou que como nos institutos similares do estrangeiro, as creanças cegas, além do ensino intellectual, deviam receber o ensino profissional, que as habilitasse a trabalhar, e consequentemente a ganhar os meios de subsistencia com os quaes podiam um dia vir a sair do asylo, com um peduculo por ellas obtido com o producto do seu trabalho, feito dentro do asylo, e assim dariam logar a entrada de novos cegos, que viriam utilizar-se da obra do nobre fundador d'aquelle instituto.

Foi o bastante, para que um dos actuaes directores, o abastado lavrador e negociante Antonio José Repenicado se levantasse e offerecesse o capital necessario para se fundarem immediatamente as officinas e pediu que se lhes desse o nome de *OFFICINAS BRANCO RODRIGUES*, o que a direcção unanimemente approvou.

Tres dias depois instituiram-se as officinas e um mestre começou a ensinar os cegos a fazerem canastras.

A 22 do mesmo mez chegava a Lisboa a primeira canastra fabricada pelos cegos.

Desde essa epocha até hoje tem sido enorme a quantidade de encomendas, que teem obtido, por intermedio do depositario das officinas em Lisboa, o sr. Joaquim Antonio Pacheco, proprietario da Livraria Catholica, ao Rocio, que generosamente se encarregou d'esse trabalho.

N'estas officinas os cegos recebem uma percentagem dos lucros do trabalho que produzem, ganhando, por isso mais, os que mais trabalham. Todo o dinheiro é depositado em um montepio, d'onde os cegos o levantarão, no momento em que possam sair do asylo.

Para dar maior incremento a estas officinas, as unicas que existem em Portugal, Branco Rodrigues offereceu-lhes a *importancia total* das assignaturas do seu *Jornal dos Cegos*, revista de educação intellectual e profissional dos cegos, que aquelle nosso collega redige.

Esta importancia vae ser applicada na construcção de um edificio apropriado, em terreno pertencente ao asylo.

*

São estes os actos praticados pela actual direcção e que ella coroou agora com o pagamento de uma divida sagrada, ao nobre instituidor do Asylo.

Jazia o dr. Juzarte e toda a sua familia no cemiterio da villa, em sepultura propria, da qual damos a photographia. Como vão ser exhumados todos os ossos ali existentes, a direcção lembrou-se de erigir na capella do asylo um mausoléu que guardasse as preciosas cinzas d'aquelle inclito varão e de sua nobre familia.

Assim fez. Para commemorar o dia glorioso da inauguração do asylo, escolheu o dia 20 de julho do corrente

anno, para fazer a trasladação dos restos mortaes do benemerito fundador d'aquelle instituto e dos de sua familia para o túmulo, o qual vae representado nas nossas gravuras.

Convidou para esse fim as auctoridades, as corporações religiosas e civis da localidade, a imprensa de Lisboa, que se fez representar pelos correspondentes do *Diario de Noticias*, do *Seculo*, do *Antonio Maria*, do *Occidente* e do *Branco e Negro*.

A's 10 horas da manhã foram processionalmente conduzidas as ossadas em uma urna de mogno, do cemiterio da villa, para a capella do asylo, conforme vae representado em photogravura.

Acompanhavam o cortejo alem dos convidados, em numero superior a duzentos, as philarmonicas da villa e a fanfarrá dos cegos.

Mais de 3000 pessoas assistiam á passagem da funebre procissão.

A porta da igreja o nosso collega Branco Rodrigues pronunciou o seguinte discurso:

«Ha momentos na vida do homem verdadeiramente criticos e solemnes.

Em um d'esses momentos me encontro agora, perante os restos mortaes do mais benemerito dos meus compatriotas — do primeiro portuguez que se lembrou dos infelizes cegos ;

— dos entes a quem a falta de vista, esse precioso sentido, por meio do qual a alma adquire as mais firmes e vastas percepções — a quem a falta de vista priva dos mais delicados gozos, rouba á sua imaginação os mais ricos thesouros e converte a sua vida em uma profunda noite ;

— d'esses entes, cujo espirito está rodeado de todos os lados, por um véu impenetravel, que occulta a luz do sol, da qual, não obstante, sentem o poderoso influxo ;

— d'esses entes que necessitam o auxilio de todos, porque estão expostos, sem defesa, aos perigos que os rodeiam, e que não podem evitar, porque os desconhecem ;

— d'esses entes que se acham isolados no meio da sociedade de que fazem parte, soffrendo a mais afflictiva das desgraças, e que teem direito aos soccorros da caridade ;

— mas de quem ninguem em Portugal se tinha lembrado, antes do benemerito Dr. Jusarte Sameiro.



Grupo das asyladas cegas

E'-me impossivel fielmente traduzir o sentimento de respeito, que me infundem as cinzas d'este heroe da humanidade, faltam-me phrases com que possa enaltecer a sua obra grandiosa.

Ha 33 annos que falleceu este inclito varão, e ainda se lhe não tinha prestado condigna homenagem.

Verdade é que as direcções administradoras da instituição por elle creada, teem continuado com um zelo creador dos maiores encomios, a obra humanitaria de Sameiro.

Mas, se se não deve deixar de tecer elogio a esses cavalheiros, os actuaes directores merecem que os seus nomes fiquem memorados para todo o sempre, ao lado do nome do caritativo instituidor, porque lhe completaram a sua obra ingente.

O Dr. Jusarte Sameiro só se lembrou dos cegos idosos, d'aquelles para quem a vida é um triste fardo, cujas ambições se limitavam a ter agasalho, durante o resto dos seus dias.

Não pensou que ha creanças que nunca viram e que teem mais ambição de saber do que as que vêem, e que a isso teem direito ;

— que teem ambição de trabalhar, porque a ociosidade é o mais terrivel dos males que torturam o cego.

A actual direcção, penetrada d'esta grande verdade, instituiu as officinas, ás quaes, immercidamente, quiz dar o meu nome humilde.

E creando as officinas, deu trabalho, deu esperanza, deu alegria, deu a vida a esses infelizes que estavam condemnados a uma clausura perpetua, e que agora anceiam pela liberdade a que todos nós, cegos e não cegos, temos direito.

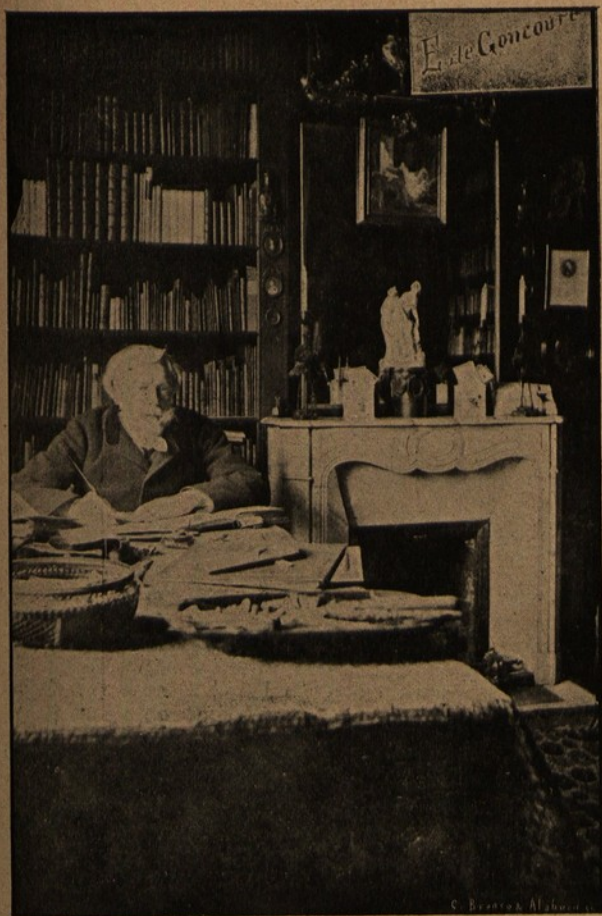
Maior numero de cegos podem assim utilizar-se do beneficio do nobre Dr. Jusarte Sameiro, que, se por um milagre pudesse agora reviver, applaudiria por certo, com todo o entusiasmo da sua alma generosa, o procedimento dos seus illustres continuadores.

Mas como esse milagre não pode dar-se, vamos nós prestar-lhe a mais honrosa das homenagens e collocal-o para todo o sempre, junto d'aquelles entes, que elle mais amou em vida.

E façamos votos para que o seu exemplo generoso seja imitado por outros corações nobres, que ainda os ha em Portugal !»

(Conclue no proximo numero).

Edmundo de Goncourt



NA casa de campo de Champrosay, pertencente a Alphonse Daudet, para onde fôra convalescer do ultimo ataque hepatico, acaba de fallecer victimado por uma violenta congestão pulmonar, sobrevinda após um banho que tomara para acalmar uma forte dôr de figado, o grande escriptor Edmundo de Goncourt.

Edmundo de Goncourt era o ultimo dos celebres irmãos Goncourts que trabalhando em collaboraçã constituiram uma gloriosa firma litteraria. Edmundo, o mais velho, o morto de hoje nascera em 1822, Julio o mais novo viera ao mundo doze annos mais tarde. Durante vinte annos trabalharam á mesma mesa na mais admiravel identificaçã de personalidade e de temperamento, formando os dois um ser unico, tendo feito dos dois talentos um só talento, das duas almas uma só alma. Nunca a historia litteraria archivou um caso semelhante de uma tão tocante absorpçã de dois seres n'um só, d'uma união tão intima e de um mesmo pensamento e coração. E era tal esta fraternidade na producçã que na communidade continua os dois cerebros chegaram a pensar e exprimir do mesmo modo, sendo a ideia e a imagem que um concebia exactamente igual á do outro.

Por ultimo, até as suas caligraphias se confundiam.

E essa collaboraçã só terminou no dia em que Julio morreu levando consigo metade da alma de Edmundo. O golpe foi terrivel para este, a sua dôr superior a todas as dores.

Gauthier que assistira ao enterro de Julio diz que durante o trajecto para o cemiterio viram todos que os cabellos de Edmundo que eram negros ao sahir de casa iam pelo caminho enbraquecendo. E o pobre irmão só e mutilado, assim arrastou deseseis largos annos de existencia até á madrugada em que nos braços de Daudet e sua esposa, seus amigos intimos de toda uma vida, expirou.

A obra que o romancista deixou é grande e bella. Em portuguez, dos seus romances ha apenas tra-

duzido *Soeur Philomene* que com *Charles Demailly* foi o primeiro que os dois brilhantes romancistas escreveram, mas onde há já largamente acentuadas as suas qualidades. *Soeur Philomene* é um estudo d'hospital e de amphiteatro em que se descreve uma amizade de collegio, a exaltaçã religiosa de duas jovens, com uma finura de observaçã e uma energia de colorido extraordinario; *Charles Demailly* é a historia satirica do jornalismo em França, por 1850, e facil é descortinar nos seus personagens não só os auctores como Gauthier e outros homens de letras. Se n'este livro a psychologia é algumas vezes fruste, em compensaçã o dialogo e o descriptivo attingem com frequencia a obra prima.

Depois em *Germinie Lacerteux*, em *René Mauperin* e em *Manette Salomon*, estudo livre sobre a arte e os artistas contemporaneos, em que a vida do atelier com as suas farças, os seus enthusiasmos e as suas intrigas é admiravelmente pintada, o mysterioso talento dos dois irmãos, o imprevisto da sua notaçã, o seu estylo maravilhoso d'uma sensibilidade extrema e requintada de que elles fizeram instrumento musical cada vez mais se affirma. Doentes de nervos, d'uma hyperacuidade de sensaçã intraduzivel accordando pelo fremito da palavra vibrações inquietas no mais intimo do nosso ser elles ficam na historia litteraria como personalidades d'excepçã, no estado de nota aguda, resumindo os lados excessivos de arte d'uma epocha, pois que elles proprios condensam toda a sua vida nas suas emoçõs d'arte.

Para produzir encerravam-se como confessa Edmundo n'uma carta citada por Henri Céard n'um antigo e penetrante estudo sobre os dois irmãos — sem sahir, sem ver ninguem. E era então que esperavam que chegasse «la forte fièvre hallucinatoire» para escreverem as suas paginas frementes.

Os romances de Edmundo são ainda mais simples do que essa sobria e magistral *Madame Gervaisais* que era já uma figura apenas, uma pagina de vida humana e nada mais. *La fille Elise*, *La Faustin* são as evocadoras e nitidas monographias de que elle faz a apologia no prefacio da *Cherie*. *Les frères Zemganno* é quasi uma auto-biographia. De collaboraçã com seu irmão Julio escreveu os seguintes volumes:

En 18**, *Germinie Lacerteux*, *Madame Gervaisais*, *René Mauperin*, *Manette Salomon*, *Charles Demailly*, *Soeur Philomene*, *Quelques Creatures de ce temps*, *Pages retrouvées*, *Idées et sensations*, *Portraits intimes du XVIIIe siècle*, *La femme au XVIIIe siècle*, *Les actrices du XVIIIe siècle*, *La duchesse de Chateauroux et ses sœurs*, *Madame Pompadour*, *La Du Barry*, *Histoire de Marie Antoinette*, *Histoire de la société française pendant la révolution*, *Histoire de la société française pendant le directoire*, *L'art du XVIIIe siècle*, *Gavarni*, *Journal des Goncourts*, e as peças *Henriette Maréchal* e *La Patrie en danger*.

A elle só pertencem as formosas paginas de *La fille Elise*, *Les frères Zemganno*, *La Faustin*, *Cherie*, *La maison d'un artiste au XVIIIe siècle*, *Les actrices du siècle*, *Outomaro* e *Hokonsai*.

Estes dois ultimos volumes eram os primeiros d'uma collecçã em que, sob o titulo generico da *Arte japoneza do XVIII seculo*, Edmundo de Goncourt estudava em amplas monographias os pintores, os lahistas, os esculptores, os cinzeladores, os ceramistas d'este bizarro e extranho paiz que elle e seu irmão tanto amavam e cuja arte *exquise* e cheia de pittoresco, foram os primeiros a revelar ao Occidente. No palacio do finado escriptor ha um magnifico museu de preciosidades japonezas do seculo XVIII, e de adoraveis *bibelots* de que elles foram os introductores e que transformaram inteiramente a decoraçã do interior em França.

Um dos maiores pezares de Edmundo de Goncourt era pensar que tão maravilhosas coisas poderiam ir parar por sua morte ao hotel Drouot, para serem vendidas em leilão.



HISTORIAS PARA CRIANÇAS

O CAMINHO DA HERDADE

O Thiago, que conta apenas doze annos desejava muito ficar junto da mãe; mas é o mais velho da família, a mãe é viuva, e quatro boquitas reclamam avidamente o pão de cada dia. Assim, apesar de ser tão novo, vae offerecer os seus serviços ao tio João Francisco, da herdade dos Salgueiros, no dia em que este appareceu na cidade, na feira dos bois.

— Tome-me ao seu serviço, tio João! Prometto trabalhar e não será por culpa minha que ha-de deixar de ficar contente! O rendeiro sorri e olha para Thiago.

Acha-o muito pequeno, muito enfezado, muito *menino da cidade*, com as suas faces pallidas, o seu corpinho magro; mas o pobresito tem uma cara tão de metter dó, um sorriso tão franco, o olhar tão claro e firme, que o lavrador responde lhe:

— Queres entrar p'r'a pastor lá da quinta?

Dou-te a tóca e de comer, um par de sapatos e uma camisola de lã pelo Natal, e uns bellos quinze tostões em prata. Se estás pelos ajustes, vem d'ahi!...

Se o Thiago está pelos ajustes?... Podera não estar! Casa, cama e meza, fato e quinze tostões novinhos em folha ainda por cima!...

— Mãe, mãe, havemos de ser ricos e felizes!...

Mas tem de partir e deixal-os a todos! Pobre mãe, pobres pequeninos que gostam tanto do irmão mais velho!

Thiago enxuga as lagrimas: é já um homem, um chefe de família, deve ter coragem... Chegou o dia, a hora... Depois de um ultimo adeus, um ultimo beijo, lá parte... lá partiu!

Leva n'uma das mãos os seus grossos sapatos de cordovão; a outra agarra o pau que leva ao hombro, com o saquito pendurado na ponta.

Enquanto lhe parece que pode avistar a cidade, volta a cabeça.

Pouco a pouco, as casas, os telhados, as chaminés desaparecem; o campanario parece agora uma agulha, e, diante dos seus olhos estende-se, a perder de vista, o extenso caminho poeirento onde se alinham os monotonos choupos.

O rendeiro disse lhe:

— Segues sempre ao direito do nariz; depois, passando o bosque, são só tres leguasitas de caminho até á herdade.

Thiago segue o itinerario; está pouco acostumado ás grandes caminhadas e as tres leguasitas do rendeiro parecem-lhe leguas interminaveis.

Pára então á sombra de uma arvore, a descansar um bocado. Mas o dia vae declinando e Thiago põe-se a caminho tentando vencer a fadiga e chegar antes da noite.

Ao longe, nas sombrias profundezas do bosque, ergue-se uma melodia queixosa, soluços, gemidos de tristeza que o enchem de terror.

Pára, com a testa alagada de suor... Que ha-de fazer?

A voz dolorosa attráe-o e chama-o, como o canto da Sereia attráe o navegante.

No entanto, recobra um pouco de coragem, evoca o nome da mãe e continua o seu caminho. Repete consigo: «Coragem! coragem!» mas em vez d'ella, sente um grande terror; as pernas dobram-se-lhe e, para não cahir, encosta-se ao tronco de uma arvore.

Vê aos seus pés um abysmo espantoso e sem fundo, á beira do qual corre e se agita uma fôrma impalpavel, de olhares em fogo. Que nome terá? Será uma fada, um genio ou um fantasma?

Thiago fica mudo d'horror; sente fugir-lhe a vida e, sem querer, dá um grito d'angustia e cae sobre a relva do bosque.

A fada, genio ou fantasma apura o ouvido; depois corre para o sitio onde a creança cahiu. Pega-o ao collo, banha-lhe o rosto em agua fresca, reconforta-o, faz-lhe abrir os olhos.

— Onde estou eu ? pergunta elle n'uma voz que mal se ouve.

E uma voz alegre, uma boa voz que não pertence a nenhum fantasma, responde-lhe :

— Ao pé da herdade do tio João Francisco, meu rapaz; ao lado do lago onde eu ando a pescar rãs para a feira de amanhã!...

E os dois filhos do tio João Francisco, um já homem feito, o outro um rapazinho da sua idade, depois de terem socegado o nosso Thiago, levam-o para a herdade p'ra onde elle se dirigia.

Ao romper o dia, Thiago foi vêr o abysmo que lhe tinha feito tanto medo; era uma toalha d'agua limpida que sahia, cantando, dos rochedos.

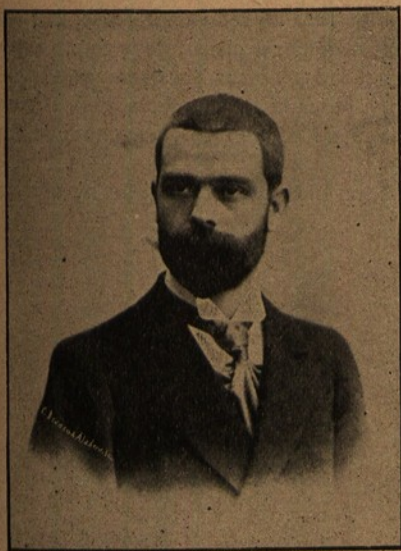
Desde essa hora terrivel, a creança fez-se valente, muito valente; quando sente o mais pequeno receio recobra alento e vae direito ao objecto que lh'o inspirou, porque se recorda de que pôde vêr um fantasma onde ha apenas um pescador de rãs; que se pôde ouvir gemidos e soluços onde apenas se murmuram canções; e que o medo é mau conselheiro e um homem não deve dar ouvidos aos conselhos do medo.

Com este pensar e com amor ao trabalho fez se um homem e é hoje o amparo da velha mãe e dos irmãos que já andam na escola.

THA BRIGIDA.



Dr. Francisco Euzebio Leão



FOMOS companheiros na escola da nossa terra, uma villasita do alto Alemtejo, muito branca e bonita nas suas casitas caiadas. N'esse tempo era elle um rapazito vivo, intelligente, muito estimado por todos nós. Não era bem da villa. Era d'um casalito proximo e todos os dias de manhã, antes do sr. Barata, o professor, abrir a aula, quando nós esperavamos sentados na soleira da porta dos paços municipaes, dobrava elle a esquina do largo, muito apressado, sobraçando os livros.

Um dia ficou vazio, na aula, o banco de Francisco Euzebio, — era assim que a gente lhe chamava. Viera para Lisboa, chamado pelos irmãos, dois trabalhadores incansaveis. Viera para caixeiro, dizia-se por lá. Depois, durante muitos annos, lá de longe em longe, curtas noticias do nosso antigo companheiro lá chegavam. E no entanto elle estudava e subia. Destinado á carreira commercial quizeram seus irmãos dar-lhe antes d'isso uma educação solida que lhe cortasse difficuldades no futuro. Foi n'esse exordio que naufragou o futuro commerciante, surgindo o futuro homem de sciencia. Os professores, admirando-lhe aos primeiros passos, o lucido talento que desabrochava promettedor e fecundo, pediram aos seus protectores que o não retirassem de uma carreira que se lhe abria brilhante e gloriosa.

No fim de quatro annos, distincto em quasi todos os exames, deu entrada na Escola Polytechnica, preparando-se para a carreira medica que expontaneamente escolhera. Dois annos depois entrava na Escola Medica, e, cinco annos mais tarde, com premios e louvores em quasi todos os annos, terminava o curso, apresentando uma these que é um estudo primoroso de critica e observação, louvado pela Escola, mo-

destamente intitulado — *Algumas palavras sobre os parasitas do paludismo*. N'esse trabalho avoca Francisco a recordação dos nossos campos onde na sombra fresca dos salgueirae, á beira dos ribeiros, perto dos milhares que atiram para o sol ardente as pontas amarelladas dos carapulos, vive a febre palustre que faz bater os dentes em ataques de frio immetigavel.

E' que elle contava já ir lá combatel-a como foi, nostalgico do ar sadio coado pelos pinhaes, da vida simples dos campos, cansado do viver ficticio da cidade, arrostando com a pouca vontade dos seus que o não queriam deixar enterrar na obscuridade d'aquelle recanto da provincia.

N'aquelle meio somnolento, vegetativo, fóra das horas da sua clinica, das longas caminhadas pelas charnecas aridas, pelos atalhos invios nas ravinas alcantiladas das ribeiras caudalosas e rugidoras, sempre se dedicou á sciencia, enviando para a *Medicina Contemporanea* artigos cheios de interessantes observações colhidas diariamente nos labores da clinica, artigos reveladores de profundo conhecimento dos assumptos tratados.

Os irmãos não haviam, porém, desistido de o arrancar d'alli, e as suas sollicitações insistentes resolveram-n'o. Um dia, deixando lá uma reputação honrosissima, sahio da provincia e veio para Lisboa. Durante bastantes mezes recolheu-se á obscuridade do trabalho scientifico. Estudou bacteriologia preparando-se para ir ao estrangeiro dedicar-se ao tratamento de vias urinaes.

Depois partiu para Paris e Berlim, e alli, n'aquelles grandes centros, com Guyon, Fournier e Nitre, os mais celebres especialistas francezes e allemães, esteve estudando durante muitos mezes, com o afincio de quem quer saber e com o bom senso de quem precisa saber.

Quando terminou o tirocinio veio para Lisboa, acompanhado por um arsenal de instrumentos aperfeiçoadissimos e montou o seu consultorio onde a gente o encontra no laboratorio, vestido no seu comprido guarda-pó de hollandia crua, entre microscopicos tubos d'ensaios, machinas electricas e instrumentos variadissimos, verdadeiras maravilhas de mechanica applicada á sciencia. E' ali que elle trabalha fóra das horas da consulta e nos intervallos d'esta, já bastante concorrida por uma clientella que o procura, attrahida pelos seus incontestaveis meritos.

O seu nome impôz-se ultimamente á evidencia por communicações de alto valor scientifico feitas á *Sociedade das Sciencias Medicas*, communicações que foram recebidas com inequivocas provas de admiração, não só ali como em toda a parte em que se lhe sabe avaliar o grande alcance. Nos extractos da sessão em que foram feitas essas communicações registou se tambem a importancia d'ellas e o illustre presidente d'aquella sociedade, tão sobrio de palavras elogiosas, abriu n'aquelle dia uma excepção que muito honra o communicante.

Muito novo ainda, a sciencia ha de dever-lhe grandes e valiosos serviços que mais vincularão o seu nome á posteridade, dando-lhe o logar que pertence aos que pela sciencia buscam desobstruir a vida dos flagellos que a cada passo ameaçam destruil-a.

JOSÉ DE LEMOS.

DOMINGO, NAS HORTAS



HA duas classes de industriaes alfacinhas para as quaes não existiu ainda, e já agora não existirá, aquillo de que até se queixa a Companhia das Aguas: a Crise! São essas duas classes: a dos donos de casas de prégo e a dos excellentissimos proprietarios das Hortas...

Haja muito embora, apenas, um par de piugas para cada semana e algum par de ceroulas para quinze dias; não cheguem, paciencia! as massas para mais de tres carapás ao almoço, tres sardinhitas á janta, e tres cruzeiros na bocca á ceia; ande coçada e no fio a mesma véstia d'alpaca, em toda a roda do anno; ponham-se, coitadas! na espinha, as raparigas e a velha, cosendo á machina, em pontos para fóra; sejam reduzidos, á vontade! os juros das inscripções e ponham em praça, com mil demonios, o imperio das colonias... Mas que as hortas não fechem, por amor de Deus, e haja sempre de comer e de beber nas hortas!

O dia da Revolução, de facto, seria aquelle em que a *Perna-de-Pau*, ou o *Papagaio*, fechasse os seus cancellos aos habitantes de Lisboa. Na vespera terrifica de semelhante caso, ás Instituições só restaria um recurso unico, decisivo, de prompto salvatario: continuar a exploração das hortas em *régie*, passando a servir-se o coelho guisado, a pescada á hespanhola, o savel frito, a salada, as azeitonas e as meias economicas, por conta do Governo...

Ao domingo, nas hortas, é que a população alfacinha vive. De semana, na Baixa, na repartição, na officina, no Hotel Moniz, na associação, no café, Lisboa vegeta, vegeta apenas, ou morre.

Lusco-fusco ainda, pelo diluculo azulado e fresco d'um domingo, qual de nós não tem descido já de sua casa á rua, e de nariz no ar, pimpante e lesto, não tem estugado o passo a caminho das hortas, em correrias pelos campos fraldados de giestas e de verdese-lhas, por entre silvas e flores de amora, n'uma d'estas festas de pura paz e verdadeiro prazer, a que não falta quem toque, quem salte, quem brinque e quem danse. Rapazes e raparigas, guitarristas e bailadeiras, velhos e creanças, n'uma harmonia de almas perfeitamente christã! A' sombra de arvores, sobre toalhas frescas, cada familia, cada grupo vae mandando vir a caldeirada predilecta, ou o escabeche



favorito, empinando copázios, trincando amendoas, e respirando bom ar, e contemplando largos horizontes, entoando estridulas canções... Bailados, descantes, chinquilhos, todo um programma de folia inofensiva auxiliando depois a digestão dos melhores petiscos, distendendo os musculos.

E á volta d'essa festa, com seu grão na aza, implicar com quem vae seguindo, tranquillo, o seu caminho, puchando o lenço ás velhas, dando pançadas aos ratões de chapéu de côco, ladrando e correndo ás pernas das creanças, furtando abraços ás raparigas galantes, e por fim, por fim — para pôr



termo á festa — repontar, de chalaça, com algum agente da Segurança Publica, desobedecer á policia por galhofa, e ir parar á esquadra, por pilhéria!...

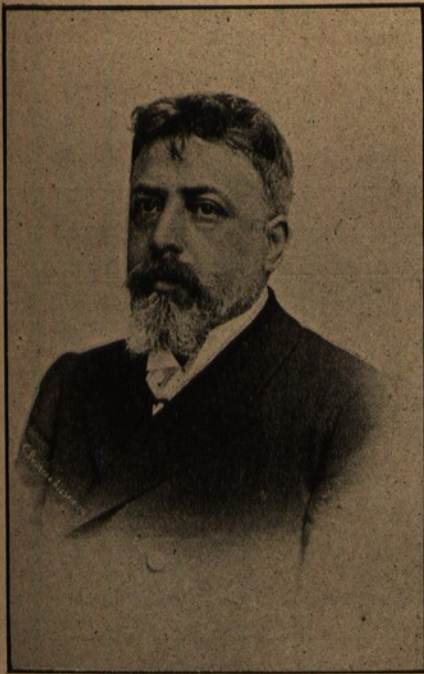
ALFREDO MESQUITA.

Versos do Povo

Sobrancelhas como as vossas
é impossivel havel-as :
são laços de seda preta
com que se prendem estrellas.



RAINHA SANTA IZABEL



PUBLICANDO no nosso ultimo numero a photogravura da nova imagem da Rainha Santa Izabel que Teixeira Lopes esculpiu e Albino Barbosa pintou, referimo-nos com o applauso devido ao trabalho magnifico d'este artista, ao qual hoje prestamos homenagem publicando-lhe o retrato que, por nos chegar tarde a photographia, não podemos, como quizeramos, inserir no nosso numero passado a quando do seu collaborador e cunhado Teixeira Lopes.

Albino Barbosa é um modesto e um retrahido. Vivendo no isolamento de uma pequenina terra de provincia, em Villa Nova de Gaya, o seu nome era até hontem, salvo para um restricto numero de amigos e de creaturas do *metier*, inteiramente desconhecido. Mas artista até á raiz dos cabellos ahi está para de golpe o afirmar a doce melodia de côr, a polychromia sobria e discreta, com que espargiu e banhou a criação de Teixeira Lopes. Na delicadeza do seu trabalho, que não é uma miniatura gracil, adivinham-se perfeitamente os carinhosos desvellos que Estevão Gonçalves teve ao illuminar o seu Evangelho.

Sua Magestade a Rainha D. Ameliá encommendando esta esculptura deu mais uma prova do seu fino criterio e revelou o interesse que lhe merecem os verdadeiros artistas, interesse que por certo se tornará extensivo tambem aos puros homens de letras, cuja intellectualidade n'este paiz é de tradição ser lapidada pela mediocridade invasora é triumphante.

A arte christã fica assim rica de mais umá maravilha toda ella impregnada de poesia e de fé como são as obras primas dos primitivos, a inefavel virgem d'Amiens doirada e astral, cheia de um doce mysticismo evocador, os formosos capiteis da cathedral de Reims, o nicho da cathedral d'Amiens com o seu nobre Christo, o esplendido tympano da porta vermelha de Notre-Dame de Paris, os das cathedraes de Chartres e de Notre-Dame de la Coulture, as bases da columna do triforium e esse tumulto de Santo Estevão, joia preciosa da igreja d'Aubarzine, que constituem a mais alta e pura expressão esthetica da ultima metade da idade média, e são inicio da magnifica efflorescencia da arte christã, que tendo por berço a França, cem annos mais tarde, no seculo XIII, italianos, inglezes, flamengos, allemães de Franconia e Suabia, húngaros e bohemios levavam a todos os cantos da Europa, de Portugal á Scandinavia.

A lua no fundo d'um poço

UMA rapoza viu uma noite a lua muito redonda que se mirava no fundo d'um poço. E tomou-a por um queijo. Metteu-se n'um dos dois baldes que serviam para fazer subir a agua do poço, e desceu ao fundo. Quando chegou lá reconheceu o seu erro e viu-se muita embaraçada. Como havia de tornar a subir ?

Ao cabo de dois dias de espera, aconteceu passar um lobo por aquelle sitio.

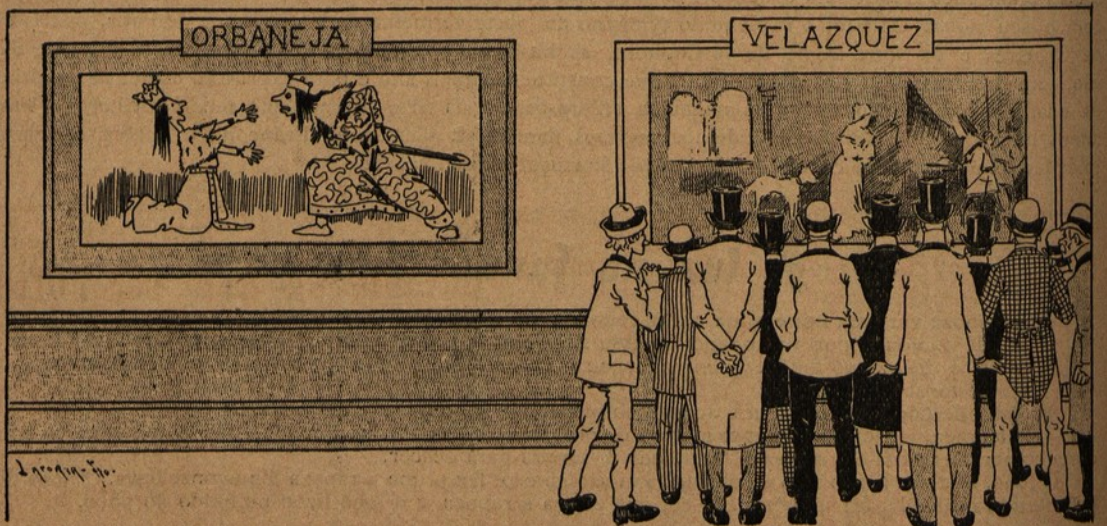
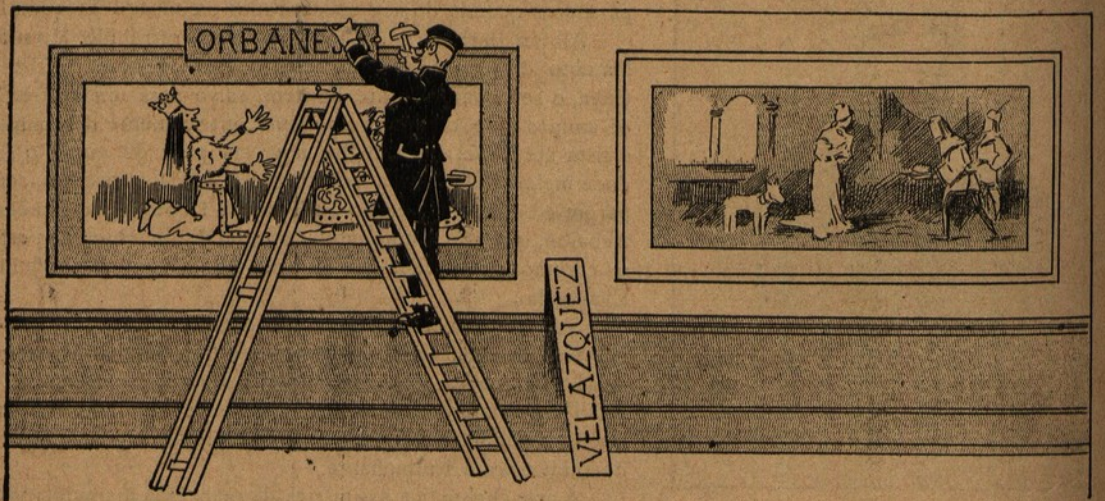
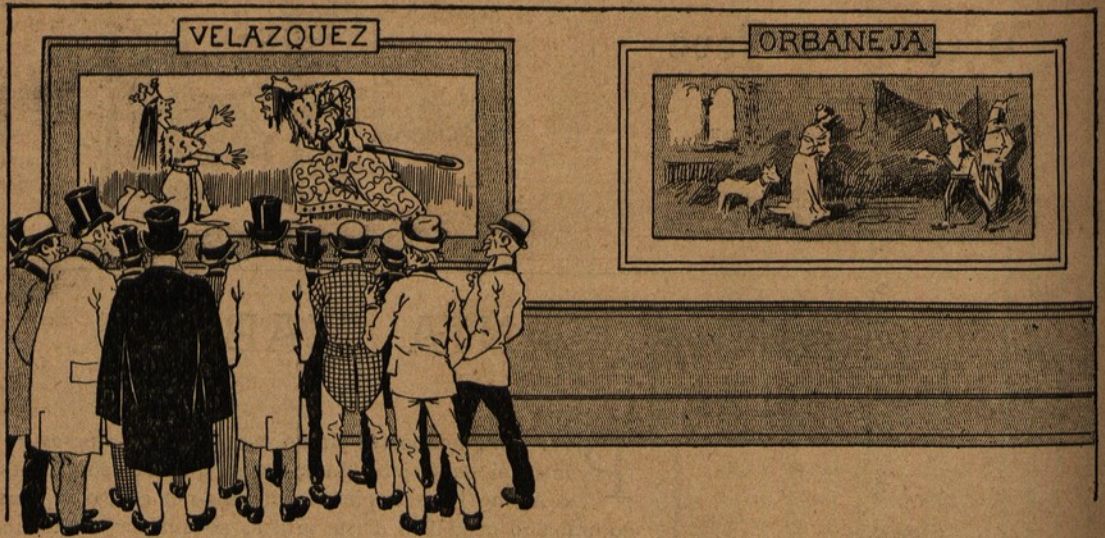
— Camarada, gritou-lhe a rapoza, anda cá provar d'este excellente queijo; é tão grande que eu só não o poderei comer. Deixei lá em cima um balde que te servirá para descer.

O lobo, que era muito tolo e sobretudo muito guloso, fez o que a rapoza lhe aconselhava. O pezo do seu corpo, mettido no balde, fez subir aquelle em que estava a rapoza, e o lobo ficou no fundo do poço.

Ora aqui está onde levam a gulodice e uma credulidade tola.

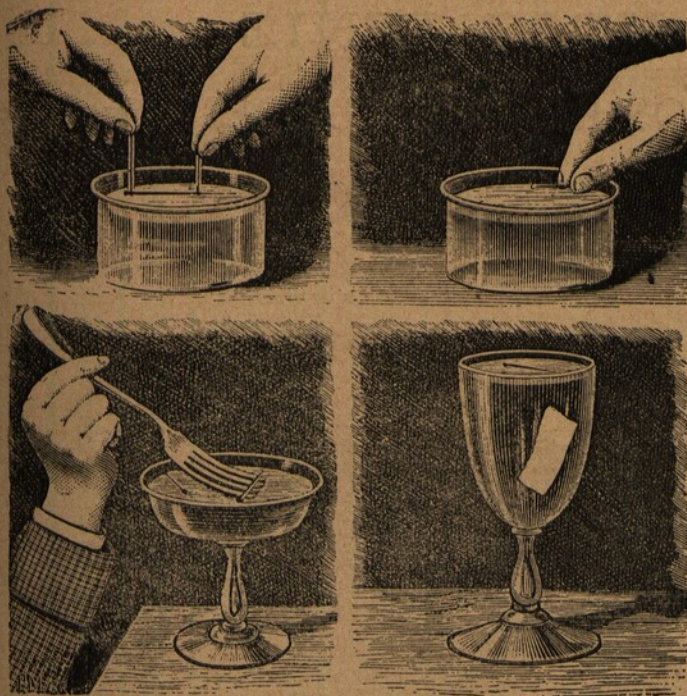
CONTO MUDO

A CONSCIENCIA ARTISTICA



SECÇÃO RECREATIVA

MANEIRA DE FAZER FLUCTUAR AGULHAS E ALFINETES NA AGUA



Pegue-se n'um alfinete bem secco e supponha-se que, por qualquer meio, se chega a poisar muito ao de leve sobre a agua de modo que o liquido o não molhe: vêr-se-ha então a agua tomar dos dois lados do alfinete uma fórma convexa, e este, deslocando um volume d'agua sufficiente, fluctuar á superfície do liquido como um phosphoro.

Póde repetir-se a mesma experiencia com uma agulha, seja de que grossura fôr. Ha muitos meios para levar a cabo esta experiencia.

O primeiro consiste em suspender a agulha ou o alfinete em dois bocados de fio, que se retirará docemente quando o alfinete fluctuar.

Com precaução e geito póde ainda pegar-se o alfinete pela ponta e deital-o na agua, não o largando senão quando elle se confundir com a sua imagem.

Mas o processo mais pratico é collocar o alfinete sobre um garfo, que se mergulha na agua, erguendo-o docemente até á posição vertical.

Emfim, o meio mais simples e que qualquer creança póde levar a cabo é poisar sobre a agua uma mortalha de cigarro, pôr-lhe o alfinete em cima, deixar o papel cahir no fundo quando estiver, pouco a pouco, embebido pelo liquido, e o alfinete fluctuará na agua sem nenhuma difficuldade. Será bom

tirar docemente o papel para que os espectadores não percebam o estratagemma que se empregou.

Por este mesmo processo do papel, póde chegar-se a fazer fluctuar na agua uma moeda de dois tostões.

COISAS UTEIS

ALMOÇOS DO MEZ DE JULHO

(Continuado do numero anterior)

QUARTO MENU

Frituras de pescadinhas — Pequenos peitos de carneiro panados e grelhados — Ovos mexidos com pontas de espargos — Frangão assado com molho *remoulade* — Queijo londrino — Fructas: morangos — Café e liciores.

QUINTO MENU

Camarões — Atum em azeite — Costellets de carneiro panadas — Rins salteados com cogumellos — Eiroz á tartara — Picado de carne com ovos fritos — Feijões verdes com manteiga escura — Queijo da Serra da Estrella — Fructas: Ameixas e peras — Café e liciores.

SEXTO MENU

Costellets de vitella panadas — Ovos mexidos com queijo — Perna de carneiro fria com molho *remoulade* — Couves-flores fritas — Queijo Rabaçal — Fructas: Damascos e morangos — Café e liciores.

Decifração do Acrostico diagonal do numero anterior:

B a a d e r
a R c t o s
c h A c i m
c h a N z y
f r i s C h
o v i e d O
c o h o R u
a r a G o n
b i E n n e
i N d r e t
E c c l o o

MANUAL

DE

ESGRIMA

PELO PROFESSOR

A. D. PINTO MARTINS

1 Volume com 65 desenhos de Bordalo Pinheiro, broch. 800 rs. Enc. 1\$000 rs.

NADA

(POEMAS E VILANCETES)

POR

JULIO DANTAS

1 Volume prefaciado por Lopes de Mendonça, e com um retrato do auctor, desenho de J. Galhardo, brochado, 800 réis.

RAMALHO ORTIGÃO

O Culto da Arte em Portugal

1 Volume, 600 réis

SANTO ANTONIO

NOTAVEL DISCURSO DE

ALVES MENDES

Preço 300 réis. — Editor, Antonio Maria Pereira.

CASA FAVORITA

DE

F. SANTOS DINIZ

51 — PRAÇA DOS RESTAURADORES — 51

(AVENIDA DA LIBERDADE)

LISBOA

PIANOS COM MOTOR

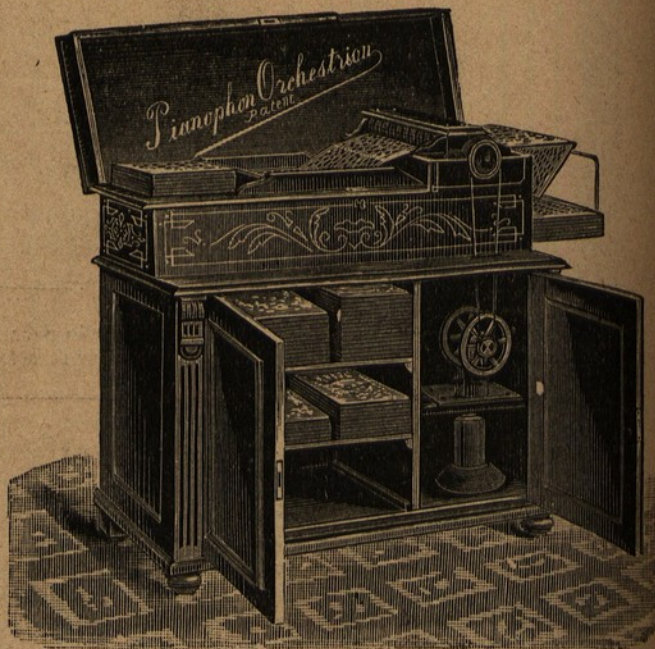
A **CASA FAVORITA** da Praça dos Restauradores, 51 (Avenida da Liberdade), acaba de receber um completo sortimento de **PIANOS COM MOTOR (sem teclado)**, e bem assim pianos melódicos com movel dos systemas mais aperfeiçoados. — O piano com motor representa o instrumento mais bello e mais barato. — A superioridade a todos os outros instrumentos, ou caixas de musica, consiste nas vantagens:

1.ª de se poder tocar seja qual fôr a musica das 1:000 de que consta o catalogo. — 2.ª de se poder tocar todo o dia sem interrupção e sem cuidado e correctamente. — 3.ª que o piano com motor é muito mais vantajoso em preço e transportabilidade. — 4.ª que desarranjos, etc., são quasi impossiveis. — **O PIANO COM MOTOR** produz a musica por cordas metallicas. O systema dos martelos vibrantes dão a este pequeno instrumento um som maravilhoso, lembrando o bandolim ou o piano. O conjuncto é d'um effeito maravilhoso, e o instrumento por si mesmo regula, por um mechanismo muito engenhoso, o Pianissimo, Crescendo e Fortissimo, segundo a musica original.

TODOS, mesmo os conhecedores, ficam encantados da musica e som, e admiram a sonoridade e afinação do pequeno instrumento. — A musica distingue-se pela sua perfeição, não fazendo ouvir nenhuma desharmonia.

As musicas são indestructiveis (tela com papelão, dos dois lados) o seu comprimento é illimitado sempre segundo o original, de modo que se pôde tocar Ouvertures, Pot-Pourris, etc.

O repertorio é grandioso e bem escolhido — 1:000 bocados de composições populares. **O PIANO COM MOTOR** além de bonito movel, substitue completamente o piano de 40 ou 50 libras, tendo uma força de som capaz de fazer dançar n'uma sala 300 pessoas. Qualquer creança o pôde manejar. — O motor funciona sem perigo, não exige cuidado, e toca dia e noite.



A Estação de Paris

O melhor jornal de modas que se publica em língua portugueza

REDACTORA: D. GUIOMAR TORREZÃO

SAE 3 VEZES POR MEZ

Os assignantes da ESTAÇÃO DE PARIZ recebem GRATUITAMENTE a CHRONICA, lindissimo jornal litterario, illustrado e de biographias, que tem já publicado os seguintes retratos e biographias: João de Deus; Conselheiro H. de Barros Gomes; Visconde de Ouguella; Conde de Burnay; Dr. Sousa Martins; Dr. Manuel Bento de Sousa; Dr. Virgilio Machado; Conde do Casal Ribeiro; Padre Senna Freitas; Conselheiro João Franco; D. Anna Peito de Caryvalho. Cada biographia é acompanhada d'um soberbo retrato impresso separadamente em papel velino.

Typographia e Stereotypia MODERNA — Apostolos, 11, 1.º, LISBOA